




3 1761 06838015 3



452

SENTIMENTOS

HARMONICOS



PARIZ — NA IMPRENSA DE HENRIQUE PLOX,

IMPRESSOR DO IMPERADOR,

rua Garanière, 8.



SENTIMENTOS HARMONICOS

PELO

D^R HAMVULTANDO

DOUTOR EM MEDICINA PELA FACULDADE DO RIO DE JANEIRO,
PROFESSOR HONORARIO DA SOCIEDADE PROPAGADORA DAS BELLAS-ARTES,
CAVALLEIRO DA IMPERIAL ORDEM DA ROZA,
OFFICIAL DO CONSELHO NAVAL, ETC.



RIO DE JANEIRO

FREDERICO WALDEMAR, EDITOR

ANTIGA CASA DE F. DIDOT E MORIZOT

112, RUA DO OUVIDOR

PARIZ

MORIZOT, LIVREIRO-EDITOR

4, RUE PAUVÉE SAINT-ANDRÉ

PQ
9697
H3S4



PROLOGO DO EDITOR.

Em um circulo escolhido de amigos, todos entendedores em assumptos de litteratura, foi que assistimos ao Sñr D^r Hamvultando lèr os *Sentimentos harmónicos*. Da primeira á ultima pagina vimos-nos sob a influencia das circumstancias caracterizadas por La Bruyère, e ficamos pela justa decisão d'este : « Quando uma leitura vos eleva o espirito, « e vos inspira sentimentos nobres e vigorosos, « não procureis outra regra para julgar da obra ; « ella he bôa e feita de mão de mestre. » Foi então que solicitamos do authòr nos quizesse proporcionar a faculdade de dar á luz da imprensa as suas produccões. Urgião-nos dois motivos ; um


provinha de um impulso espontaneo, sympathico, e instinctivo pelos *Sentimentos harmónicos*, o outro proveio da convicção que nutrimos de que prestamos um serviço ao paiz; porquanto a obra que publicamos he d'aquellas á que se refere Cuvier : « He máis necessario do que se presume, para « aprender a raciocinar bem, applicarmo-nos ás « obras que de ordinario passam por serem apenas « bem escriptas. Com effeito, os primeiros elemen- « tos das sciencias não exercem bastante a logica, « talvez, precisamente porque estes são muitissimo « evidentes; e he nos occupando com as materias « delicadas da moral e do gosto que adquirimos « essa fineza de tacto que conduz só ás altas desco- « bertas. »

O Brazil já se orgulha de uma litteratura, e não lhe cabe o dito célebre de La Bruyère : « *Um povo* « *sem litteratura he como mudo entre os outros po-* « *cos* » : nem deixará de propiciar com a sua complacencia a grinalda que o Sñr D^r Hamvultando vem de cingir á fronte do joven Gigante.

Esperamos que cada vez mais se reconhecerá que a nossa casa (mercè de Deos!), tão vantajosa-

mente conhecida no Imperio, não se poupa á dispendios, e até á sacrificios, quando se trata de corresponder á confiança que os talentos nacionaes depositão em nossos bons desejos e continuos esforços de servir um publico illustrado.

FREDERICO WALDEMAR



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

PRELIMINAR.

Eu sou do parecer d'aquelles que rejeitariam vaguear de órbe em órbe, percorrer o universo inteiro, si lhes fôra impôsta a condição de ìrem sós, sem jamáís podêrem communicar á outros o que víssem, soffrêsem, gozássem, n'uma palavra, sentíssem. He assim que escrever o que sinto he para mim um dos prazêres extrêmos; he assim que os meus — *Sentimentos harmônicos* — fôram escriptos sem móvel algum máis do que este de expandir meu ânimo em ânímos generosos de meus semelhantes.

N'um paíz novo qual o nosso ainda ha quási tudo á fazer. Elle tem vencido apênas trêz séculos e meio de existência, e os seus tempos de liberdade dátam ainda de ha bem poucos lustros. Depois da maioridade do Imperadôr, e só n'este último decênio, he que as nossas coisas se vam encarreirando nas sendas do verdadeiro progrêso. As artes, a indústria, as sciências, se desinvólvem, e promêtem assegurar ao Estado um porvir tranquillo e feliz: mas com que difficuldades não se ha mistér lutar no alcance de tam humanitário propósito! Confessêmol-o; os Govêrnos passados negligenciá-

ram desde logo preparar, como convinha e lhes era devêr, o nosso pôvo : deixáram-n-o ali criar-se ao leite e aos braços de escravos, habituar-se aos luxos e á mollêzas asiáticas, educar-se entre civis rebelliões injustas, iníquas, sangrentas, inúteis e egoísticas; desvairar entre as dissensões de parcialidades sem fé ou sacrificadas á influências malélicas de poucos; atropellar-se, por todo o Império, de cidade em cidade êrmas todas de indústrias, de artes, de estabelecimentos, finalmente, onde a infância, a juventude, a velhice, os homens, as mulhéres, encontrássem um seguro recurso para exercitárem seus braços, entretêrem seus espíritos, procurárem sua vida, amparárem seus dias.....

Como quér que sêja, nós iamós sendo um pôvo singular, — tam cêdo avelhentado, e abhorrido como que já pela saciedade de tudo! Em nada máis se depositava confiança; nem gôsto máis, nem vagar se tinha de proseguir no cultivo das béllas-lêtras, só próprias da paz e estabilidade da órdem, quando as posições se vêem bem definidas, e quando o patriotismo fructifica. — Destrêza nas eleições, declamações inanes e pomposas nas Câmaras, hypocrisia ou desfaçamento ante os Verres e os Sejanos, éram provisões de que se enrique-

ciam ou que ambicionávam entã, porque só isto era o positivo da época.....

Não obstante, porém, graças á Deus e ao Imperadôr! uma regeneração se vái operando entre a sociedade brasileira hodierna. As nossas instituições tam liberáes se identificam intimamente com a nossa existência; a confiança renasce, o pôvo repousa, e já pôde e já sabe consagrar momentos ás doçuras e ás recreações do pensamento, d'antes preteridas pelos rancôres ferozes dos partidos, pelos phrenesís da ambição, ou pela estupidêz desinquiêta de tribunos ou da relé popular.

Não deixa de sêr um grande argumento da fôrça que a nação possûe actualmente este facto de abater ou abandonar ella o pavoroso suggêsto dos insufladôres de distúrbios civís, — para se volver mansamente aos attractivos da intelligência pacífica : *Rien n'est si fort que ce qui est doux*¹.

Animado agóra pela face esperançosa que vái tomando a nossa sociedade, eu ousou apresentar em público os meus — *Sentimentos harmônicos*. — N'elles se revêlam alliadas as sciências naturáes, moráes, e políticas, tanto em objecto de descripção, quanto em têrmos de comparações, elementos de imagens, e idéias.

¹ LAMARTINE, *Voyage en Orient*.

Bem percebi que estas poesias se collocam fóra da *eschola* que temos no paiz, mas como o pertencer-lhe não he obrigatório nem me impórta um ostracismo, não me afflijo : cada um *sinta* como *sentir*. Sempre, eu sempre me prezei de sêr eu próprio quando na consciência, desassombrada e livre, deparo inspirações; si a consciência me toma a responsabilidade de meus actos, — entâm minha corágem no obrar he inflexível e inabalável :

Le singe est né pour être imitateur,
Et l'homme doit agir d'après son cœur ¹.

As críticas dos homens competentes, de juizes insuspeitos (si porventura me lisonjêio de lh'as-merecer), serão para mim honra e glória ineffável. As críticas de insensatos, de aventureiros, e eunuchos da litteratura ² absolutamente nada adiantarão.

Rio de Janeiro, 4859.

D^r HAMVULTANDO.

¹ VOLTAIRE, *Nan.*, act. I, sc. 1.

² Filinto Elysio disse : Ha certos criticos que á tudo põem pécha, e que não escrevendo, nem sendo capazes de escrever, quérem impedir que os outros eserêvam. Eu não acho comparação que lhes quadre melhor que a dos eunuchos do serralho :

Il n'y fait rien, et nuit à qui veut faire.

SENTIMENTOS HARMÔNICOS.

A' VOLTAIRE.

Hélas! je ne viens point célébrer sa mémoire:
La voix du monde entier parle encor de sa gloire.
(VOLTAIRE, *la Mort de César*, trag., act. III.)

D'entre as ruínas, d'entre o estrago, e olvído
Que o tempo sôbre a afflicta humanidade
Sópra, esparge, amontôa inexorável, —
O distincto podêr do hòmem de gênio
Não trepida ante a mórte, e no desérto
Sem limites dos séculos, — só elle
Domina etérno, e se érgue sobranceiro!
O résto dos humanos, quando a mórte
Os-expulsa dos valles d'esta vida, —
Ao sepulchro rebáixam, com seus córpos
Os seus nomes e acções que perfizéram;
E nada, ah! máis indíca sôbre a térra
Sua passágem; — muda a eternidade
Sua inane existênciã inteira abafa.

.
.

Perdôa, sombra augusta! si o repouso
Em teu moïmento fùlgido de glória
Vem braziliense bardo á quebrantar-t'ô!
Voltaire! extrema audácia me levanta
A' render-te hôje o feudo de meus cantos.
Voltaire!... Sôbre a fronte d'elle brilham
Todos os dons que a intelligência encérra :
Oh! d'elle ao nome as gentes do universo
Estranhadas fremiram respeitosas; —
Que os póbres, que os humildes, e infelizes
Reconhecêram n'elle o máis strênuo,
E o máis férvido defensôr; — e a pátria,
A amizade, a justiça, e a humanidade
Adorávam-n-o pái que máis velava-os;
Os ricos, potentados, rês, e príncipes,
A subêrba ou o sceptro embrandecendo,
Voávam á proeural-o, e sam ditosos
Si um olhar, si uma lêttra, ou si a presença
Lhes concede de si próprio o grande hòmem
Que os-offusca ao splendôr de sua glória :
Oh! ante este prostérnam-se, e não raros
Alcâçam por elle único essa fama
Que imparciâes os pósteros delissem
Ou que inda nem siquér aventariãam

Sem as etérnas páginas que a-ampáram.

Céos! a calûmnia, a invéja, o fanatismo,
Irritadas nos peitos de mil monstros,
O-invêstem com a raíva e o desespero
Que em luttas a impotência empréga sempre...
Mas, ái! nós, que de longe venerámos
De Voltaire o destino grandioso, —
Deslombremos as máguas de su' alma,
Cruéis tormentos, transes dolorosos
Que elle passou durante que assentava
Os fundamentos immortaes da glória
Que á um só tempo o-exalta e a humanidade!
— De ingratos, inimigos circumdado,
Que ao abysmo conjûram-se á arrojal-o,
Lá vái firme, magnânimo, e inconcusso
Proseguindo na senda que á memória
Dos séculos conduz e á eternidade...
Erguida a larga fronte, onde s'inflâmmam
Sublimes pensamentos, — entre as turbas,
Os ólhos fulguerosos que scintillam
Igneo amôr da sciência, êil-o que scruta
Os devêres do pôvo, e os dos monarchas,
Do Supremo a existência irrefragável,
E as immutáveis lês da naturêza: —
Em seus preceitos o hõmem só depare

Na virtude o prazêr que o-faz ditoso;
Que os póvos só por ella se modélem;
Os monarchas de amal-a não prescindam;
E sempre que a-remóvem de seus actos, —
Ao hómem sobrevêm pena infallível,
Aos póvos a abjecção e a decadência,
Aos monarchas os ódios de seus súbditos;
E proclama que o sêr humano, e o bruto,
E o vegetal, e os corpos inórgânicos,
Sem reluctância, attêndem'o alto aceno
De Motôr-Necessário, que os-dirige
Para um fim que, si ignoto de nós mesmos,
Não he menos constante ou effectivo,
Quanto o-he a existência da harmonia
Ou da órden consequente do universo;
Deus he, em sua bôcca, da natura
Alta orígem increada e creadôra,
E que infinito, e sábio, e omnipotente
Penas ao crime, — prêmios á virtude,
Póde, si o-queira, justo instituir-lhes:
Nossos annaes authênticos, e a história
Do pretérito, e a consciência, e exemplos
Do presente, — na vida successivos, —
Os dictames irrevocáveis firmam
Que o maior dos philósofos consagra.
Mas os bárbaros phariseus, que adóram,

Que ensinam á adorar a Divindade
Co' as fogueiras, co' a fôrça, co' os eqûuleos,
Já violentos brádam indignados :
« Sacrilego descrê do Sêr-Supremo!!!
« Aos monarchas infenso e ás leis desprêza-os,
« E em seus escriptos immorâes intenta
« Solapar o edificio em que consistem
« As venturas, socêgo e a liberdade
« Dos póvos, que de execrações o-cólmem,
« Se ármem com o punhal para immolal-o
« O detestando athêo, — ou devovel-o .
« A' perpétuo extermínio opprobrioso. »

Verdades de que o mundo precisava,
Verdades sem que o mundo he cháos horrendo,
Elle pródigo aos hômens as-revéla;
D'est' arte a árida sêde lhes extingue
Dos méstos corações, e seus espiritos,
Débeis e sem calôr, vigora e alenta-os :
Ah! si succumbe, — aquelles succumbîram...
Vós, ingratos! sustái cruentas fûrias;
He um Gênio divino! Oh! he Voltaire!
Estultos parricidas! — contemplái-o,
E alliái-vos nos vótos que o órbe inteiro
Vem depôr aos seus pés, surprehendido
Da insigne magestosa profundêza

De sua intelligência immensurável : —
O alcáçar da immortalidade lhe abre
De par em par as diamantinas pórtas...
Não descontinuáis de... laceral-o?!
Que? laceral-o! — Nunca; illéso ostenta-se :
Pois bem; mas provocado se resente, —
E a vingança de um gênio he terrorosa!
Quando o leão nos páramos estéreis
Da Ly'bia ás puras fontes dos oásis
Vai inexpértos filhos conduzindo
Nada teme por si, — porêr recêia
Vêl-os prêzas do tigre ou rhinocéro :
Ai! dos que com as garras se lhe atrevem!
Vencido nunca o-prostarão; que em terra
Ao régio podêr subjugados cáhem;
E elle os-atira á próle, que do oásis
Entre os verdôres flóridos subsulta; —
Assim Voltaire, ás gentes do universo
Atira os sycophantas que o-perséguem;
Os quâes prefeririam, si pensássem
Na irrisão, nos ludibrios dos vindouros,
O silêncio do nada em que jazêsem...

O progrêso das luzes que esclarecem
As nações hodiérnas, — se deriva
Dos disvéllos, de influxos salutaes,

E do zêlo indefesso de Voltaire : —
Foi elle o antemural onde se québram
As más pérfidas séttas da ignorância :
Rêis, fidalgos, magnatas, vulgo rude,
Honestos cidadãos, — se revolviam
Em demente tumulto de phantasmas,
De despotismo, de indigência, e crimes;
Caliginosas trévas más se addensam
Emtôrno ás sociedades miserandas :
Aquí, só os aspectos se divísam
De escravos, de perversos, de tyrannos;
Risos do cortezão traidôr e hypócrita
Satânico ruidar de infames órgias;
Da secúre homicida ao tórvo brilho
As mãos de corrompidos magistrados;
Além, o prantear triste dos órphãos;
Suspiros da innocência, á crûs supplicios,
Ao cárcere arrastrada, ou á deshonra;
— Violência e servidão por toda a parte! —
N'este quadro de horrôres, que o-enternece,
Que generosa indignação lhe inspira,
Eis Voltaire se demóra angustiado...
E érgue-se, e as suas vózes eloquentes,
No theatro, no fôro, e nos escriptos,
Sempre a causa da humanidade advógam :
Ellas vam echoar desde os tugúrios

Aos faustos palácios, desde os campos
A's capitães e ás côrtes opulentas;
A razão, e a justiça, por seus lábios,
Nos ânímos deslizam convincentes;
As idéias fermêntam, se amplificam,
E exímem-se do jugo da ignomínia
E da apáthica ignávia em que perécem :
Os déspotas, tyrannos subaltérnos,
E ímpios auctorisados sceleratos,
Horripilam-se entâm espavoridos;
A' vêz primeira os títulos que arrógam-se
Córrem analysados, máis sujeitos
A' discussão, e á dûvida d'aquelles
Que ha dilatados évos os-suppórtam!
Os costumes máis brandos se refórmam;
Civís códigos, crimináes, políticos, —
Mais consentâneos á natura instáuram-se;
E a liberdade, já desaflfrontada, —
Si inda tímida e incérta se entremóstra.

Quando tênues arrôios o seu curso
Sôbre um sólo arciento e nû prolôngam
Seccariã allì, — mas já depárem
Com um rio caudal que as ondas róla
Ao oceâno, — ao oceâno as ondas
D'esses tênues arrôios também vólvem

Dentro acolhidas no álveo copioso :
De um módo semelhante se apresentam
Voltaire e aquelles que opprimidos gêmem;
Sim; as virtudes perseguidas d'estes,
Sepultadas na obscuridade ignóbil,
Vêr-se-hiam extenuar mudas, inultas,
Sem jamás lhes ouvirem seus clamôres,
Mas nas páginas d'elle recolhidas
Eis vôam com ardôr denunciar-se
Ante o grave conspecto do universo.

Elle deixa a cidade, — assoberbada
Pelo cégo rancôr de insanos réprobos,
Longe dos phariseus, Voltaire asyla-se
Na soïdão dos montes e dos campos :
Lá, em su' harpa divinal exhala
Dôces modulações dignas do bardo
Que exhalára inda jóven entre assombros
Dos riváes, — si riváes elle tivesse! —
Nóbres modulações que a poesia
Nunca soube dos bardos máis sublimes;
Lá, fallar a linguágem que aprendêra,
E que sempre fallou, — a da virtude, —
Nem um momento negligente olvida.
Porêm, depois, no extremo de seus dias,
Deixa os agrestes lares, e consente

Já entrar em Pariz, d'onde os vis monstros,
Que elle devêra de esmagar ao pêso
De sua glória etérna, — enraivecidos
Tantas vêzes outr' óra o-expatriáram!
Tudo lhe foi triumphos!... Em seu carro
Oh! não se douram c'ròas de monarchas,
E no entretanto o pôvo se aggloméra
Ante a passágem d'elle, — pelas praças,
Pelas ruas, e ás pórtas, nos eirados,
Nas janéllas, nas amplas galerias:
Todos só quêrem, todos só anhiélam
Lhe vêr a face augusta; vélhos, jóvens,
Castas vírgens, matrônas, póbres, ricos,
Associam seus vivas, seus applausos;
Suas bênçãos se elévam reunidas
Sôbre esse hómem que os séculos por virem
Em gyro perennal aeclamaríam! —
Os espôsos, e espôsas, páes, e filhos,
Cada qual se appressura em offertar-lhe
Seus óbolos de amôr, de enthusiasmo,
Orvalhados em lágrymas de júbilo:
Ao cóllo a mãi transpórta seus infantes
A' lhes mostrar Voltaire, e lhes ensina
Pronunciar o nome gloriosíssimo
Do bemfeitôr da humanidade, e póssam
Ufanar-se de havel-o contemplado...

Os que bebem as águas do Danúbio,
Do Eyder, do Dahl, e Dramme, do Niémen,
Do Tibre, e Sena, e Téjo, e Escalda, e Tâmisia,
Do Amazonas, do Prata, e Mississipi, —
Conhecem-lhe o seu nome tam suave,
Nome que symbolisa a fôrça máxima
Que desinvolve o espirito na vida : —
Por elle méde-se a grandêza immensa
Do Infinito Creadôr da Naturêza!



REMINISCÊNCIAS E SAUDADES.

Equidem meminisse juvat, quum abessem, quotiescumque patria in mentem veniret, hæc omnia obcurrabant, colles, campique, et adsueta oculis regio, et hoc cælum sub quo natus educatusque essem.

(TITUS LIVIUS.)

E o crepúsculo_êis já se desvanee,
Extincto, — assoberbado pelas trévas,
Como a innocência oppressa dos horrôres
Que iníquos poderosos lhe amontõem...

Tu, oh bardo, discantas tam saudoso!
— Desespéras da vida, e te ir aspiras
Após o astro que fenecer eterno, —
E nunca máis fruïl-o te affliguras...
Bardo! só sabes tu quâes pensamentos
Se te acórdam entã no grêmio d'alma!

Sentado á cópa das mangueiras, amo
Os hymnos murmurar enquanto echôa

O canto rude, e despedido em gritas,
Dos náutas que s'embálam no oceâno :
Minhas vistas alongo ás nêgras vagas
Que envolve a noite em vaporosas sombras,
E no extremo horizonte mal distingo
Débil clarão, qual luz de frouxa lâmpada
Em alvêrgue de enfermo que a-repelle;
Manso e manso clarão avulta e médra,
— He a lua que assoma, e a face mostra
De graciosa oval, accêsa em púrpuras, —
Como a nôiva gentil ao vêr que a-espéram
Em seu sahir do templo amantes jóvens!

Exilado, ái de mim! das lindas plagas
Onde o hálito dos céos gozei primeiro,
M'enlévo em repassar-me nas memórias,
Nos affectos que lá me salteávam :

Oh! sim; a lua igual d'esta brilhava
Quando último spirei o éther da pátria;
Os meus ólhos, em lágrymas immersos,
Apenas máis saudosa a-contempláram!...

Esváem-se para mim as scenas todas
Que junto á Guanabára magestosa
Os sentidos perplexos me apresetam :

Sobre os pátrios limites
Eu, nas azas da phantasia, páiro :

Extático me prêndem outras scenas
Que a férvida ância dissedêntam d'alma;
D'ellas pendo innocente, qual ao cóllo
De mãi enternecida
Pende o mimoso infante acalentado.

.
.

Alli diviso os môrros de alva arêia,
E os gravatás e os cactos que os-recingem,
— Quási emblemas da rigidez austêra
Do bravo pôvo que esse clima habita :

Como as raízes d'estas plantas rústicas
No sólo entrelaçando-se o-resguárdam
Contra o estrago dos euros, — vós, oh pôvo,
Guardái de nossa pátria a liberdade!

Quantas vêzes, — deixando o lar patérno,
Vinha eu sentar-me ahì todo embebido
Em sério meditar! — e n'estas hórás
Quam affável o mundo me surria!

Folgava de assistir ao mar erguer-se,
De gráu em gráu medrar em tôrvas fúrias,

Quebrar nos arrecifes, e excedêl-os,
Vindo ufano rolar na práia ao longe;

Entâm disséra ouvir-lhe : « Quem ousára
Vedar-me o livre império, agrilhoar me?! »
E brame e ruge horrisono; — mas breve
A's lêis fixas de Deus plácido humilha-se;

E os arrecifes lá sùrgem de nôvo, —
Assim próbos varões si os exterminam
Inimigos que os-pizem, mal recóbre
Seus fóros a razão, — eil-os rebrilham :

E quâes nùvens diáphanas vagando
N'um céu puro e azulado ao sôpro eólio,
Em noite estiva de um luar sereno
Sôbre as ondas deparo á branqueárem
De innúmeras jangadas as latinas
Triangulares vélas. Lédo olvida-se
De quanto he póbre o pescadôr si acaso
Vêr imagina em o tugùrio a espôsa,
Sua espôsa fiél, e os charos filhos,
A seguïrem lhe a sombra, que se perde
N'aquella extrema linha do horizonte :
A'nimo, oh pescadôr! eu testemunho
As ternuras da bélla; he certo : vês-l-a?

Ante o casto limiar em ti só pensa,
Por ti, — pharól de amôr, na práia accende
Longo feixe de arbustos que derrãmam
Fulgurosos olôres... Mas, chegaste...
Surrindo ella te abraça, e vêem teus filhos;
Não temas seu sorriso, e os seus amplexos.

De um lado o *Mocoripe* o fulvo còrpo
Junto ás ondas cerúleas do oceãno
Recósta grandioso, — assimilhando
Leão que se abbrevára e que adormece :

Como ataláias, lá distantes sérras,
Revestidas de azul, o cimo elévam;
E incantadôra aquí fulge a cidade
Ao splendôr triumphal do rei dos astros :

Em frente se alça antiga fortalêza
Onde o brazíleo pavilhão tremûla;
Co' os quebrados repáiros symbolisa
Guerreiro que de inércia se enfraquece!

Entre os seus baluartes derrocados
Eu de evocar a história me aprazia
Do indígena infeliz que á mórte, aos férros,
Ao *emboaba* invasôr, cedêo co' a pátria :

E mil e mil coqueiros se enfilêiram
Emtôrno ao Ceará, quâes Tobayáras
Com os vêrdes pennachos se agglomérã
Em róda de seu chefe que repousa :

Não; nem faustosos pórticos lhe estêndem
Riecas, marmóreas, infinitas ruas,
E nem prodígios d'arte lhe réalçam
O seu único adôrno, — a naturêza ;

Ah! si obscura em grandêza, isso que impórta?
Achei em ti meus páis, e amigos cértos,
— Os entes por quem eu daria a vida,
E dêvo, oh pátria! amar-te, dêvo, e te amo!

Não odêio por isso as irmâas suas¹,
Assim plúmeo cantôr os murchos galhos
Que o ninho lhe suspêndem ama e sêgue
Sem viços desamar que vêstem outros :

Suas vîrgens se ostêntam formosíssimas,
De cândido pudôr se vélam sempre,
E ao thálamo do espòso quando vòam
A grinalda alvi-flôr cingem sem mancha ;

He esta a hóra de as-vêr em seus alvérgues,
Nas lúcidas janéllas confiãrem-se

¹ As demâis provincias do Brazil.

Entre si innocentes , dōces prácticas ,
Nos meigos lábios deslizando os risos ;

He esta a hōra de as-vêr tam pensativas
Contemplando o luar, enquanto as áuras
Amorosas da noite as nêgras tranças
No ternissimo cóllo espárgem sôltas!...

A chlâmyde que traja allí a noite ,
De estrêllas recamada, não negrêja, —
He qual véste de viúva jóven si o ouro
Os luctos lhe modéra e os-volve em galas :

Minha singéla infância ahí gastei-a
A conversar-lhe os prados e arvorêdos ;
A frequencia dos hōmens me abhorriã
O ânimo, — á liberdade só attento!

Da naturêza os quadros sam o sólo
Onde o meu coração se desabrócha,
Sam fecundos jardins onde renasce
Viçoso ou animado,
D'antes cahido na aridêz da vida :

Não ouvís? êis levanta o gallo alêrta
Canto despertadôr na madrugada, —

Entre alvos mudos tectos da cidade
Espalha as crébras vózes
Qual o único vivente entre sepulchros :

Inda não surge o sol das argentadas
Purpúreas núvens, e eu despéço o leito,
Respirar quero os hálitos das flôres,
Ou escutar nas plagas
O lúgubre aleyon qual eu tam triste !

Oh ! tam grato me fôra espairecer-me
Por entre os arvorêdos solitários !
E ouvir trinos dulcisonos dos pássaros
Cujos tenros herdeiros eu tirava-lhes !

Inda me lembro assaz : estremecido
Em seus patérnos bérços
Os-trago ao meu alvérgue ;
Nas livres horas das manhâas, das tardes,
Objectos muito innóxios
Elles sam d'esses brincos de meus annos ;

Que? nem éram nascidos, e applaudia-me
Podesse assim portar-me ;
A's ramágens subido, —
O ôvo de que provêm eu revistava-lhes :

Ah! via antes de sêrem
Os mesmos que eu depois mórto chorava!

Debaixo d'azas de seus páis zelosos,
Que aqueciam seu gérmen
Pairava a minha idéia
Como que accrescentando ás plumas d'elles
Calôr vivificante,
Que eu não cria efficaç si obrássem únicos!...

.....
Que he feito d'essa quadra de meus annos
Tam ingênua? tam brêve quanto a auróra?
Que he feito, oh! d'essa quadra incuriosa
De um remóto porvir infáusto ou lédo?

Que he feito d'essa quadra de meus annos
Quando eu era a selvágem flôr do cédro
Em altivas floréstas, — vicejando-se
Só das brizas dos céos, d'ethéreo orvalho?

.....
Hôje um sepulchro humilde lá branquêia
N'esse recinto fúnebre dos mórto, —
Meu pái descança ah! : meu pái! Vós, hômens,
Que tivéstes, — ou tendes venturosos,
Um virtuoso pái, — tanto qual elle
Tanto quanto meu pái seria o vosso,

Fôra-o impossível máis! filho o que digo,
Vós, oh meus compatriícios! — attestai-m'o :
Vós, que bebêstes-lhe as lições de m'estre¹,
Vós que lhe ouvistes de juiz sentenças²,
Vós que o-vistes em mercantis negócios³,
Todos que o-conhecêstes no infortúnio, —
Dizei ao mundo a têmpera divina
Que ao philósopho ancião a alma esforçava!
— Prestante cidadão, — sem par amigo, —
Espôso dedicado, — pái... protótypo
Sempre de um pái que comprehenda o nome;
Nunca a injustiça arcou máis fórte inimigo;
Nunca rojou aos pés do aviltamento
Dos grandes, nem do pôvo, e amava-os ambos
Quando na esphéra da razão mantínham-se...
Nós, meus térrnos irmãos! sua existênciã
Guardemos na memória, qual se guarda
Um livro que ensinasse-nos á um tempo

¹ Antonio Joaquim de Oliveira (sênior) exercêo algum tempo o magistério na provincia do Ceará : sua intelligência era vasta.

² Na capital do Ceará (onde exercêra máis outros lugares importantes) exercêo por várias vêzes e longos tempos o cargo de Juiz de Orphãos.

³ Occupou-se a máis affortunada parte dos seus dias no commércio; negociante, foi ao depois infeliz, porém se retirou conservando sua reputação e honra sempre intactas e respeitadas mesmo da bôca da calúnnia.

As máximas, e a prática da vida!...
Deslembrados n'um canto d'essa arêia,
Tambèm jázem os réstos venerandos
Da mãe, aí! e da irmã, sempre saudosas,
De minlia chara mãe!... Si na virtude
Eu não acreditasse, nem nos prêmios
Pelas boas acções que se exercitam
No destêrro do mundo, — em sacrificios
E em pessoaes abnegações cumprido, —
Ellas me houvêram feito ardente crente
Da virtude, e dos prêmios que se espêram!
.....
Não máis, não máis, oh bardo! os sons affôga...



INFLUXOS DA HARMONIA.

Nem alcãçam mover-me íntimo gôzo
Em meu sombrão peito infindas causas;
Si numéram-se raras, — entre as mesmas
Uma em excélso gráu, oh harmonia!
És tu, és tu que eu fervoroso adóro...

No remanso do lar, quando propícia
He a mudêz da noite ao pensamento,
Quam celestes dulçôres que inebriam
Não vértê á soluçar a meiga fláuta!
— As delicadas vózes de saudade
Ondulando subtis de sêio em sêio,
E esparsas em minh' alma, n'ella adêjam,
Quaes adêjam nos valles os arômas
De flóridas mangueiras das montanhas:
Ergástulos corpóreos manso e manso
Eu sinto adormecer, e o esp'rito fólga

Em liberdade plena; um mar em face
De delícias lhe vólve : êil-o se inunda,
Eil-o desliza na amplidão das vagas...
Vivida borbolêta assim exulta,
Si, rendido o casulo que a-représa,
Anda sôlta e velóz flôres e prados!
Onde quér que os ouvidos a harmonia
Me-affágue divinal, — iguâes enlêvos,
Portentos aos que inflûe-me a dôce fláuta
Iguâes eu próvo : — já nos lábios sôa
De uma pudica vîrgem? Me affiguro
Vêr suspensas dos céos á ouvir-lh'òs cantos
As fûlgidas esphéras, e o universo
Magos effeitos resentir commigo! —
Embóra a formosura não lhe adórne
Da idade os viços, si harmonias falla,
N'estes momentos se realça ás béllas.

Modûla o tropial, e a patativa,
Já outro dos voláteis amadôres,
Mellisonos gorgêios? Eu, absôrto,
As nótas suas uma á uma aspiro;
D'entre as folhâgens só á Deus exóro
Que á ouvil-as allì me dê perenne,
Té que os meus êrmos enfadosos dias
No oceâno eternal se desvanêçam...

Onde impéra a harmonia sùrdem graças,
Sobresáhe a bellêza, e tudo he risos!
Ao seu mágico influxo a tarde, a lua,
A manhã, a soirdão, se nos antólham
Máis térnas, máis amáveis, máis saudosas;
Assim as flôres, e árvores, e os prádos,
Os lagos, sêrros, brizas, — se affigûram
Máis graciosos, béllos, máis amenos,
Si um céo de minba pátria os-abrillhanta!

A catadupa que de alpéstre rócha
Com sonóro fragôr se precipita,
E em espùmeo lençol fugaz se alastra,
De estranhas emoções meu sêr exalta:
Oh! não ouvís commigo no sussurro, —
No retumbo das férvidas torrentes,
A ingente vóz de Deus, meiga harmonia?
Harmonia que máis nos he donosa —
Quanto entâm nossos peitos arrebatá
Mixto d'imo prazêr, de pasmo, assombro!...
E assim me arrôubam auras que despértam
E na sélva cadentes remurmûram
Como um' harpa que tange a naturêza,
Harpa cujos concentos sam magias,
Sam mystérios sublimes que repássam,
Que alto surpr'hêndem ânimos sensíveis;

N'harmônica espessura eu bem creria
Que ethéreas, lindas, illusórias fadas
Com mellifluas canções allì me attráhem!...

Ao vivo resoar das clarinêtas, —
A's bellìgeras vózes de instrumentos
Consonantes co' os sons de márcia tuba,
Em guerreiro fervôr me pula o sangue,
E eu impávido, alégre, já resfólge
O ar sulphúreo de victoriosos prélios.
Qual léve ygára obdiente ségue
Sòbre as vagas do mar déstros impulsos
De esp'rimentado náuta, assim minh' alma
Transportada te ségue, sem arbitrio,
Por onde he que te apraz, dòce harmonia!

O líquido crystal que a flôr clausura
No cálice, onde a noite entórna orvalhos,
Si do abrazado sol um ráyo o-aquéce,
Já se expande, s'exhala, aos céos remonta, —
Tal o meu coração si os puros cármens,
Si o cadenciar do métro acaso escuta
De exímio vate que natura inflamma!

Sòbre a alcatifa d'alvejantes conchas
• Ondas saudosas, mesuradas, graves, —

Quando lânguido o mar as-desenróla,
Ineffável prazêr o mar me infunde :
Harmoniosos frêmitos lhe tórnam
As circumfusas, solitárias gruttas; —
E d'écho em écho meus sentidos vôam
A' não perdêr um som, e os sons no peito
Eu todos os-recólho, — qual fizêra
O pássaro amoroso aos tenros filhos
Que implumes érram; tímido os-procura
Dispersos mal os-vê de ramo e n'outro, —
Ao ninho os-agasalha, e lédo os-guarda...

Altos gôzos me entranha máis que humanos
O'rgão gemente, mavioso, e my'stico!
Qual branda nova esponja a lympha sórve
Em que se mergulhára, — vái minhl' alma
Primeiro lento e lento os sons bebendo,
Inebria-se após, — se nutre d'elles, —
E identifica-os á final comsigo! —
E minhas pulsações, suspiro, anhéritos,
Sam para mim accórdes, que eu escuto
N'um silêncio suave e indefinível....
Revêste-se a harmonia em meus enlêios
Já de vulto real! — êil-a resplende,
As azas pandas de ouro, e de anjo a face,
Madeixas á brincar no alvôr dos hombros,

E os olhos onde amor engendra amôres!
E minhas fibras, como tantas chôrdas
De divino instrumento ignoto aos homens,
— Eu creia sentir vibrar-m'as todas
Esse archanjo do empy'reo, que mil graças,
Mil fragrâncias das plumas me desparze!

Nos concertos da flauta,
E do órgão e da lyra;
Nos módulos sonóros
Que uma vîrgem desfira;
Eu te busco, harmonia!

Nos gorgêios das aves;
Nos queixumes da briza
Ou da trépida lympba
Que nas fragas desliza;
Eu te busco, harmonia!

Nas cadências do bardo;
No soluço dos mares;
Onde quer que os teus mimos
T'os-ouça á espalhares;
Eu te busco, harmonia!

Como não te hei de amar, celeste encanto,
Sendo, ái! o único bem que me acompanha

Um ânimo sensível onde as máguas,
Vindas do cogitar do nada humano,
Ou da estrêlla do malfadado bardo, —
Máis constantes se asy'lam? Harmonia!
Quem se não sentirá máis brando, e affável,
Quem não máis térrno, quando meiga exhalas-te?!
Ah! os affagos teus me sam máis gratos
Do que o-seriam nunca ao teu ro infante
Os affagos da mãi que o-toma ao cóllo
A verter-lhe amorosa um leite puro!

Quanto eu, oh! quanto amára ouvir no móto
Dos glóboos que nos véos da noite aurèjam
Divinães harmonias que desférem-se!
Embalde! arcanos sam que á humanidade
Sentidos tènues, débeis, não nos ábrem...

De que, de que, meu Deus! sirvo eu na térra?
Desprende-me : que ancêio nos espaços
Das supérnas regiões haurir de pértro
As harmonias dos infinitos órbes
Cujas lèis, cujos fins, só tu conheces!...

AS MONTANHAS.

Constante primavéra o throno exalça
No fecundo Brazil; embóra a-cante
Illusa a vélha Europa; — allì repugna
Pousar a primavéra; — a imagem sua
Mal-distincta nos climas se reflecte
Que os trópicos não fêcham; lá, as várzeas
Pelo estíio se créstam, e as floréstas
O outono lh'as-desfólha, brusco hinvérno
Escacha-as de granizo, e os rîos géla,
Montanhas sotopõe ás duras néves.
As montanhas, floréstas, rîos, várzeas
De minha clara pátria, em toda a quadra,
Sempre quáes hôje sam tács permanêcem,
— Só a bellêza gradual lhes médra!
Monotonia pòupam-lhes primôres,
Que á primôres succêdem, renascentes
A' cada oscillação da primavéra, —
Nóvos presêntam-se, admirandos sempre :

Assim a pulchra vîrgem, soberana
D'humanos corações, si os ólhos báixa,
Si já os-érgue altivos, mêia a face
Já lh'a-descubra o véo, ou já inteira,
Si óra lhe cinge rara cassa o sêio,
O'ra si lh'o-expozér de amôr arfando,
Mimoso cóllo indique ou nîveos braços,
De qualquér ponto que se vêja — he anjo!
Linda, máis linda após, após máis linda,
— Si ella differe só no simples módo
De revelar seus divinâes incantos, —
Nunca a-enojáreis, séculos que a-vísseis!

D'alêm béllas montanhas sobreelévam
Seus fastígios de azul, quási chamando,
Vaidosas de attractivos que as-revéstem,
As attônitas vistas
De quem passêia na planície ao longe!

Assetinadas nûvens lhes réalçam
Os suaves contôrnos, onde trêmem
Da auróra os ráyos lânguidos, e aonde
No occaso o sol proclama
Seu último triumpho ante o crepúsculo:

Brazílicas montanhas, salve, oh! salve!
Fertilidade etérna êis lhes fluctúa

Pelas curvas espaldas grandiosas, —
Qual imperial manto
Nos dias de alta pompa e insigne fáusto :

D'ellas ha que enthezôuram no seu âmago
Manancial perenne, — matriz nóbre
Dos rîos máis caudáes dos do órbe inteiro,
E ainda de affluentes
De cujas páreas se opulêntam esses :

Nunca o basalto, o pórphyro, o calcáreo,
Os schistos, e o granito, emfim o sólo
Em sua variadíssima estrutura,
Nunca assim se ostentáram
Entre uma naturêza tam sublime!

Ah ! zonas sôbre zonas de verduras,
De flôres, de frescôr, de graça, e vida,
Desde as bazes circûlam se elevando
A's livres summidades
Que em fórmass singulares se lapîdam;

Em fórmass singulares... sim, não vêdes?
Aquì sam obeliscos; — lá, os tubos
D'órgão immensural; ou glóbos; urnas;
Ou fléchas que disséreis
D'esses Tupîs, e autócthones guerreiros;

Nem olvidêis notar como, nos mares
Da gentil Guanabára, — se modéla
Deitado nas montanhas um gigante, —
Do Brazil he o GÊNIO,
Que, em seus filhos confiado, se adormece!...

He bello vêr seus valles, — óra estreitos,
O'ra ampliados quási amenos plainos,
D'onde válidos vegetáes se arrójam,
Como que desdenhando-se
De que róchas n'altura os-superássem!

Nem só nos valles, vegetáes se arráigam
Nos reversos fecundos das montanhas;
Alli ênchem de vida os precipícios,
E os boqueirões máis hórridos,
E alcantís que alluviões subexcaváram:

He bello contemplar n'aquelles valles,
Guarnecidos de arbustos, rélvas, e árvores,
Ou cursados de rios, ou de arróios, —
Branços véos ondeantes
Das neblinas resplêndidas, diáphanas!

As palmeiras no cimo das montanhas,
Pelos declívios, já por suas faldas, —

Como um docél de amôr e de esperança

Sôbre elegantes stipes

Desdóbram os cocares de esmeralda;

D'aquellas nos hastis máis delicados

Suspêndem os japins aéreos ninhos —

Quaes alongadas bôlsas; d'entre as palmas

Lindo gallo-da-sérta,

Ararunas, cayruás, cãtam, ou brilhaam;

A's vêzes os seus stipes se acobértam

Das próprias fôlhas mórtas, negrecidas,

Entã, quando, á luz dúbta, o vento agita-as,

Assimilham phantasmas

Que de rôjo enluctadas roupas tiram...

Quando o trovão rebomba, e o céo se abre

A's eléctricas luzes dos relâmpagos,

Em noite sêcca de calmoso estio, —

Quem podéra impassível

Contemprar as brazilicas montanhas?!

Os échos nas quebradas, valles, gruttas,

No íntimo da espessura d'essas brenhas,

Dos trovões crébro trom repercutindo,

Denunciãam que exércitos

Em prélios horrorosos se travãam;

E quási assim crerêis... vendo, em filas .
Gigânteos resurgirem, — destacados
No horizonte incendiado, altivos troncos,
Atirando as ramágens
Aos ventos que zunindo lh'as-arrâncam!...

Embaúbas copadas se entremóstram
Esparsas pelas sélvas montesinas,
Co' a láuda sup'riôr de suas fôlhas
A'branquejar, ao longe
Similhando alvas chóças de serranos :

Carahybas de flôres amaréllas,
Mangabeiras de fôlhas reluzentes
E flôres quâes jasmins, araçazeiros
Com seus dourados fructos,
E co' os rouxos o camboly, — vicêjam :

As côres se variam de mil árvores
Nos fructos, nas folhâgens, ou nas flôres,
Quer próprias sêjam, sêjam emprestadas
De enredças volúveis
Que as-cûbram em amplexos estreitíssimos :

Nas fendas e resquícios dos rochêdos,
Nas taliscas máis tênues de agras pédras,
Nas frágas máis abruptas, sùrdem, brótam,

Vegétam, refflorécem,
Orchídeas, e mil plantas parasitas :

Um só anno, um só mêz, semanas, dias,
Válem assaz trazêr-lhe face nova
A' mesma perspectiva que hõje admira-se ;
No máis fértil dos sólos
A natura á sorrir crêa amorosa !

Modularei também da agricultura
Os proficuos domínios n'estes sítios...
Modûla, bardo ! ái ! si indignado olvídas
Que inda raro se lávram
De braços de cultôr *humano*, e *livre*.

Caffezeiros fructíferos usûrpam
Vastíssimo terreno que prospéra
Vegetações immunes de cultura,
E as montanhas ensômbra
Com a cópa de ramas vêrde-nêgras :

A bananeira, sempre graciosa,
Sôbre os dourados cachos se debruça,
Balançando-se alégre, e se mirando
Em crystaes, sempre límpidos,
Que adiante vam spargir lindas cascatas :

Cresce o milho entre os troncos requeimados,

E entre as pédras que o fôgo calcinára,
E os cinzentos pendões sacóde aos euros,
Co' as pállidas espigas
De rubros filamentos sôbre-ornadas :

O algodoeiro lá se enfeita em parte
Co' as amaréllas flôres, e á par d'estas
Já desabrócha as cápsulas verdôsas
De uma sêda macia
Que em flóccos alvejantes resplandece :

Do fumo o herbáceo cáule pubescente
Eis alarga as viscosas longas fôllhas,
E, c' roado de rúbidas panículas
De flôres funilfórmes
A virosa fragrância desinvolve :

O ananaz sôbre um' hástea desnudada,
De ouro e verdôr cingido e ásperas fôllhas,
Perfumes á exhalar, e terminando
N'um régio diadema,
Figura um sceptro e sua glória e penas !

Aipins em grandes leiras revolvidas
As raízes sottérram nutritivas, —
O seu verdôr escuro êis se contrasta

Co' a pallidêz da canna
Que em taboleiros húmidos cicia :

Emtôrno do limoeiro a atmosphêra
De bálsamos s'impregna, e a térra junca-se
De uma esteira de pétalas alvíssimas,
A' par a laranjeira
Os mimos de áureos fructos méscia ás flôres :

Vegetações preciosas das campinas,
Do centro das floréstas, ou das márgens
Dos espraiaados rîos, — co' as da gléba
Das montanhas, ah! n'estas
A cultura as-conquista e as-associa!

Os vegetaes selvágens ou domésticos,
E essa fertilidade inexaurível,
E essas róchas assim vivificadas
De plantas, e de flôres, de verduras,
Essas brandas encóstas, esses valles,
E amenos deliciosos taboleiros,
E esses vários contôrnos graciosos,
Essas cascatas crystallinas, frêscas,
E o revoar dos pássaros, seus cantos,
Manso mûrmur das fontes, e o sussurro
D'essas tépidas brizas, e as neblinas

De amorosa manhãa, essas balsâmicas
Dôces emanações que se respîram, —
E si inda imaginardes que as-circûndam
Várzeas tam aprazíveis, largos rîos,
Grandiosas floréstas, — sobretudo
Que as-animam um céo azul e puro,
Um éther onde nádam fulguerosos
Do sol férvidos ráyos como um flûido
Visível e palpável, — e alvas nùvens
Transparentes, elásticas, franjadas
De ouro e de ardente pûrpura, esparzidas
De rózas e de anil, — ainda á noite
O esplendôr saudosíssimo da lua,
Ou as luzes tam meigas das estrêllas,
E o vivo refulgir dos pyrilampos —
Myriadas e em myriadas pairando
Aquì, e allì, na térra, e ar... não deserévem-se,
Não s'entôam nas chórdas d'algun' harpa,
Ah! sêntem-se, e se gózam mudamente!

Fôra mistér fruîr grato espectáculo
Que offerécem brazílicas montanhas
Para exclamar-se entâm : « Hei contemplado
Perspectiva a máis bélla
Que a phantasia queira procrear-se ! »

VOZES D'ALMA.

I.

Apenas nosso peito contemplâmos
Inundado em prazêr — êis violenta
Assôma a desventura, e nol-o exháure!
Máis fórtè que a alegria, a dôr devóra-a
Mal aquella desponta; —
He a mórte impiedosa suffocando
Ab! no álveo maternal d'amôr o fructo,
Já disvéllo o máis grato aos genitôres!

II.

Nas remansadas hórás de árdua vida,
Quando vôa éstro meigo á florecer-me
Um e outro pensamento e pensamento,
Infeliz me surião,
Que preságo eu espéro o ódio dos hòmens.

Tôrpe, inepta avarêza, indifferente
A's producções do ingênio, se ladêia
De sórdidos ardís, que esse postêrga,
E á casta poesia,
Invejando-a comtudo, abate as azas!

Tyrânica injustiça, embalde affanas!...
Como si o egrégio dom das almas nóbres
Fôra usurpado aos déspotas da térra,
E não nol-o-implantasse
O Factôr-Infinito do universo!

Sim : nem ainda o bardo mesmo vale
Imperar ígneos sôpros que o-sublímam...
Despojal-o pertêntam? môrto o júlgam?
Mas elle em brêve se érgue,
E eil-o ahî tal qual era ou máis ardente!

Oh! quem ousa impedir que alta palmeira
Flôres, fructos ostente, e que as floréstas,
Em sólo fecundíssimo, — prospérem
Com os viçosos gomos
Sob nosso etérno céo de primavéra?

Si Eterna-Providência o-influe, o bardo
Sem regresso se elêva além do humano,
Quási divino soltará os cânticos

De dulcisonas nótas —
Consoladòra vóz de intèrnos échos.

Eu amò soluçar afflictos cármens, —
Si prazèr não me trázem, — grato allívio
Com expandir-se assim próva minh' alma,
Qual infeliz viúva
Que redissolve a dør em tristes lágrymas...

III.

Onde quér que o universo me apresente
Face máis grave, face máis estranha,
Onde quér que eu vislumbre os elementos
Fóra dos ordinários termos, — cércam-me
Ineffáveis delícias :
Si contrastado de estridentes austros
Me estreméce o baixél, que undantes vagas
Rebátem ruídosas, — èis que fólgo!
Si n'um compléto horrør os céos negrèjam,
Que gládios mil e mil d'ethéreo fògo
Mortíferos recingem, e ribombos
Raucisonos atroâm, — èis que fólgo!
Si muge a cachoeira, e se esfaréla
Nas róchas, que rendidas e quebradas
Redóbram os rumòres da torrente,

Recrescentes nos échos, — êis que fólgo!

Si primitiva sélva espêssa e obseura,

Ou serranìa alpéstre se me off'rece,

Onde horrisonos ventos rumorêjam,

Onde brama o jaguar, e a sussurana,

He mesmo ahì que fólgo!

E porque não? — Do Todo-Poderoso

He ahì que infinita e magestosa

Contempla-se a grandèza : mortal fraco

Se despéga das illusões do lôdo

Ante os quadros terríficos, sublimes

Que o espìrito lhe abálam...

Oh! da mórte o temôr n'uns só domine,

Não em mim! Ha de sêr do Etérno às plantas,

Ha de sêr-me arrojada d'esta vida

Nos marulhosos escareços minh' alma,

Mas sobranceira e cândida,

— Cândida e sobranceira qual a espuma

Que vái nos éstos arrojada às plágas

A quem beija amorosa.

IV.

Eu prevêjo, ái de mim! eu próprio sinto

Quanta angústia me aguarda n'esta vida!

Um' alma qual sortio-me raro encontra

Outra que a bem compr'henda,
E no meio de tantas, tam diversas, —
Quási improficua, desprezada passa,
Quál nóta harmoniosa n'uma orchéstra
Toda de ásperos sons, d'íngratas vózes!...
Quem ventura almejar, não sollicite-a
No voraz turbilhão do mundo, — fríio
A' tudo o que não he do ouro o interêsse :
Quem ancêia nutrir-se de mellifluos
Pômos suaves, — não os quér nem busca-os
Em arv'res d'esmeralda que lhe expõemham
Mercenários artífices.

V.

Plácida solidão! quam dôce affagas
Os ânímos que os crimes horrorisam!
Em ti benigno somno se lhes prende
Nos membros repousados; — lédos sonhos
Serenos e innocentes, como as azas
Vaporosas dos anjos, lhes surriem;
E no teu sêio affável se recóllhem
Não p'ra males urdir á humanidade;
— Para melhór servil-a : — allí guarécem
Com bálsamos prestantes de doctrina
Que intensa reflexão meditativa

Suave lhes infiltra : — allí expâdem
Em admirandas páginas su' alma
Recendendo virtude, e são exemplos :
— Si illiberal lhes foi a naturêza
D'esses dons com que o espirito transvôa
A's remontadas sphéras, inda esplêndem
— Mananciães perennes quando as sêccas
Um sólo esterilísam !

VI.

Em muitos dos mortáes inquiri as provas
Ao gôzo que os-anima :
Dizei-me : « Tem pái, mãi, irmãos virtuosos,
Mas rende-lhes o affecto que reclâmam? »
« Oh não! » respôdem : — « Maldição, eu brado,
Ao ente abominando! »
« Aquelle outro, requeiro, o bem exérce? »
« Elle?! o algôz da innocência! »
« Ao menos puro e estreme aquelle brilha? »
« Vícios e infâmias os seus dias técem. »
Meu coração pungido e afflicto indigna-se...
Ai? risos alardêiam
Só na apparência, — aquelles que se estórcem
No eqûnleo dos remórsos!

Aos homens esses, oh! jamais se esquivam,
A' homens ditosos os-encálçam firmes,
E firmes séguem mesmo o póbre, o humilde
Em proveitandos lances!

— Pernicioso insecto assim procura
Suas *queridas* flôres cujos cálices
Lhes pódem ministrar suave néctar...
A' esses a solidão? grata e aprazível
Tanto lhes fôra quanto he grato aos tigres
Sem affiadas prêzas, — férreas garras,
Sêrem arremessados contra inimigos, —
Que, attentando-os inérmes, os-lacérem!
A' esses a solidão? Ah! não; que prézam
Os sociâes incantos...

Vós disséreis melhór que atros agouros
De ultríces, tórvos, rábidos remórsos
A' abafar só lh'os-válem, pouco, embóra,
As sociâes procéllas :

Dos cópos o tinnir em dôidas órgias,
Crébro, feróz clamôr dos que proclâmam
A inversão das virtudes que adorâmos,
Falso philosophar de máus, de néscios
Adormêntam-lhes máis da consciência
Desesperado uivar que os-terrorisa!
Aquelle que pernoita em nêgras brênhas
Assombrado dos silvos das serpentes,

E dos uivos das feras, — como anhéla
Strepitoso fragôr que os-oblitére,
E lh'os-póssa delir em seus ouvidos!
O dissabôr em mim nativo o-julgo,
E o prazêr anormal estado d'alma!...
Ao júbilo das turbas e ao dos grandes
Desattento me affasto; — passo e rño-me
Das scenas aviltantes que o órbe inteiro
Tem visto se instaurar, sumir-se, erguer-se
A' face altiva dos séc'los que vólvem!...



GUANABÁRA.

Quam formosa e sublime se apresenta
Do Janeiro esta amplíssima bahia!
Em límpida manhã graças lh'acréscem,
E o aspecto incantadôr — êil-o prodígios!
Nos seus crystaes undifluos amorosos
Ilhas assômam, que a verdura enfeita;
E mil combros, em múltiplas fileiras,
Variados e amenos, — lhe circûndam
Os suaves contôrnos, — qual cortêjo
De ostentosos rivâes ouvindo attentos
Da linda Guanabára almos suspiros,
Que aos pés de todos a inconstante exhala!
Verdôr avelludado, ou meigas flôres,
Uns revêstem, de azul outros se trájam,
Matizes que a distância lhes gradúa
Segundo os-ordenára a naturêza, —
Segundo o espectadôr os-considéra;

Sòbre elles áureas franjas se debruçam
De voluptuosas nùvens que revòam
Antes que á terra o sol fàisque os lumes,
E em seu gyro ufanoso se adiante : —
A esmeralda, a saphy'ra, e esmaltes d'ouro
Assim nos élos d'um collar fulgùram!
Oh! vêde, alêm, sorrindo entre arvorêdos,
Enlêvos d'alma — Nitheróhy bellissima!
Simêlha simples môça alva e mimosa,
Que brincadòra attende, mal-occulta
No cheiroso vergél, — o dôce amado...

Ao sul, índice e guarda d'estes mares,
Altivo em pé se exalça o Pão-d'Assùcar!
Qual gigante se ostenta; as brancas névoas
Que lhe rôlam emtôrno adelgadas
Sam a tóga real, que anjo invisível
Aos hombros lhe suspende magestosos!
Foi unida ao granítico gigante
Que a gigãtea cidade fluminense
Assentára os primeiros alicerces; —
Ainda humilde e fraca, á sombra d'elle
A princêza do Império se educava,
Mas crescêo máis subêrba, e já se aprouve
Derramar-se por valles máis extensos :
E êil-o! allì ficou, — qual monumento
Que ao Brazil a grandêza symbolisa.

Aquí foi que os Tamoyos valorosos,
Tam desgraçados como a pátria toda,
Em favôr dos Francêzes rebatêram
As lusitanas armas, e em prôl d'estas
Pugnâram contra aquelles : Guanabára
Arroxeava-se em sangue dos guerreiros,
Que das frágeis ygáras, n'essas lides,
Cahîam-lhe nas vagas trucidados...
E'ram póvos lutando, de imprevistos!
Pelos conquistadôres de seus bósques
E assassinos cruéis de suas raças, —
Eram póvos suicidas que cravavam,
Sem querel-o, punháes no próprio sêio!
As páginas da história d'essas épochas
Só pódem transudar em cada phrase —
Infâmia, escravidão, sangue, e marty'rios...

Vistosa sérra allì no fundo avulta
Co' os anilados píncaros, quâes tubos
D'órgão immensural! — Imagináreis
Ouvir-lh'os sons d'harmônico instrumento,
Si extáctico viésseis contemplal-a
N'essa hóra em que revolve a naturêza,
Expulso o somno, ao movimento e vida :
O cieiante gemer de auras macías;
Na curva práia o mar que chóra e freme
Contra do oppòsto cáes polidas lágens;

Das gentes longes gritas que se elévam,
E no éther nádam, no éther se harmonisam;
Rudes endêchas que recanta o náuta,
De mistura co' os módulos das aves; —
Préstam-lhe as vózes qu'embevécem a alma!

No cimo das collinas se ennovélla
Raro, alvíssimo fumo, qual do incenso
No thuríbulo o arôma se evapóra,
Porêm, em vêz de porventura falsas
E criminosas mãos o-alevantárem,
Puro o-extráhem do sol férvidos ráyos
A' inundárem de luz lymphas e plantas,
Plantas odóras húmidas de orvalhos,
De que a noite, ao colhêr o véo d'estréllas,
Saudosa as-lagrymára. Argêntea lua
No firmamento emfim se esváe, desmáia,
Nem máis se vê nas águas, que dam visos
De exultar ao surgir do rei dos astros;
De longe em longe várias scenas ábrem,
O'ra a cerúlea côr só se diffunde, —
Tapête de setim tal qual desdóbra-se!
Lógo, sombras, aquí, e alèm, permêiam,
E, após, de diamante ardentes sérpes
Po'r toda a superficie se devólvem...

De flammívomo bronze apparelhados,
Préstes á despedirem móрте e o estrago, —

Reductos fôrtes ¹ êil-os que amedrôntam
Inimigos que ousárem salteiar-nos :
— E a undisona bahia do Janeiro
No largo sêio affectuosa os-cinge, —
Qual mãi em defensão da chara pátria
Abraça os filhos ponto em branco armados,
De espumas os-asperge como lágrymas,
E como que de emtôrno murmurando
Phrases d'intrepidêz que a próle inflâmmem!

Um meúdo tropél de esquifes, barcos,
De chalupas, se crûzam, pássam, vógam
No vasto equóreo plaino, que refere
Ao rijo embate dos luzidos remos :
E os pequenos vapôres se desprêndem
Da cidade á ponto, ás fronteiras márgens
Firmes, constantes, prestimosos cûrsam
(Táes quâes sylvestres carinhosas féras
A' este e á outro dos filhos accorrendo),
Já regréssam d'alli por sôbre a esteira
Que alisáram ha pouco, tremolando
A flâmmula de fumo que negrêja!

Larga cinta em as práias se recurva
De multimodas casas; máis distantes
N'aba dos môrros se aggloméram umas,

¹ O da Lage, Sancta-Cruz, S. João, etc.

No tópe outras se pòusam; táes se móstram
Qual se assenta animada alégre turba
N'um bello amphitheatro! Sobrealt'adas,
As esveltas, pulchérrimas palmeiras
Agítam seus cocares verdejantes, —
Como estandartes de esperança etérna
Que a naturêza arvóra n'estes climas!

Velívolos navíos vêem singrando
Opprimidos de estranhas mercancias
Em terra á permutar com lucro enórme
Por insignes riquêzas que ella engendra,
Riquêzas que desdenha a incúria nossa
Tam justo apreciar qual lhes compete!
N'âncora prêsos, já plácidos árfam
Innúmeros baixéis, onde florêiam
As bandeiras de póvos que em limites
Do glôbo assistem. Attentái no fríõ
Scandinavo cultôr — como se espanta
Aqui das brizas tépidas que spíram!
Móvem-lhe assombro os anilados sêrros
Que etérno-vêrdes fêlpas formosêiam...
De Nápoles amena os mólles încolas,
Respirando o frescôr, serenos viços,
E os perfumes das áuras, se imaginam
Em seu ninho patérno, que um prodigio
Lhes edenisa aqui — qual nunca fôra

Juncto ao bramir horrível do Visúvio!
Resplêndem ao Germano os céos trajados
De vivíssimo azul, tal qual somente
Sohia-o contemplar nos lindos ólhos
Das patricias donzéllas! Sequestrado
Inteiramente do órbe, o ilhéu subêrbo
(E senhôr hõje do órbe!) á vêz primeira
Vê o esplendôr dos astros que os negrumes
Lh'os-encarvôam densos na Britânnia!
Surprêso olhar o bebedôr do Volga
Alonga ao róseo lúcido horizonte; —
Algentes flóccos de contínuas néves
Não lhe tólhem a vista, que se pasce
D'alvas gaivótas nas libradas azas!
O Gallo tórce a face; — que o reducto
Do seu Villegaignon não lhe memóre
Rebatido valôr, — vergonha acaso...
O Bátavo sombrão aquí as vélas
Também desfralda; divisar não póde
Tanta cópia de monte sem pezar-lhe
Esse pântano chato onde vegeta! —
Elle ainda bem no íntimo se punge
Que em renhidos conflictos Pernambuco,
O bravo Ceará e outros dos filhos
Do brazíleo collôso lhe arrancássem
O domínio seguro d'estas plagas!

Os contrerrâneos do immortal Wasington....
Porêm o que? Não máis! D'harpa dourada
Nem cabe dedilhar nas débeis chórdas
Os nomes em total de immensas gentes
Que este paiz attráhe.


Oh pátria minha!

Salve, salve, Brazil! êis lá te acena
Um sublime destino que o universo
Deslumbre, assombre, de grande o-eclipse!
O teu bardo, incendiado em sacras flammæ
Das concéssas por Deus sómente á um vate,
— Descadêia o porvir, e o-vê presente, —
Falso não prophetisa.

Mas quâes lenhos¹,
Tam nêgros d'alcatrão, — dragos sinistros,
Immundos súrden?... A'i! o bardo sente
Indignação e máguas confrangêl-o...
Jamâis, ái! sim, jamâis, oh minha pátria,
Alcançarás o gôzo do que ouviste-me,
Insano te augurar!... A'frica bruta,
Infecta, corruptôra dos costumes,
Soffres ainda ao grêmio te transplântem?!
Vê : os teus filhos bēbem desde o bērço

¹ Esta poesia toda foi escripta em 1850 : entam ainda o tráfico de Africanos, extincto de direito ha muito, não o-estava de facto.

Barbárie, sordidêz, vèzos de escravo,
Pátria, não illudir! Eil-os sem mòiòs
Sobejos cidadãos á quem repugna
O trabalhar em quanto servís braços
Dos Cafres existirem... Centrâes guerras
Terão de sempre teus avaros filhos
Egoísticos entreter! Agóra,
Não, não mentido vaticina o bardo.



DEUS E O HOMEM.

Circumfluente oceano horrído brame
E se applaca em períodos constantes;
Térras, lagos, e rios, fontes sùrdem;
Montanhas alterosas se encadêiam;
Floréstas ingentíssimas vigóram;
E no oceano, e nas térras, e nos rios,
E nos lagos, nas fontes, nas montanhas,
Nas floréstas, — inexhauríveis fôrças
Sêres sem têrmo orgânicos animam,
E inorgânicos elementos régem : —
Mas quem no meio d'essas grandes scênas
Que o universo desdobra, quem proclama :
« Tudo á uma Fôrça-SOBERANA attende! ? »
O homem, o homem único; Tu, á elle,
Oh DEUS! FACTÔR-ETÉRNO! SÊR-SUPREMO!
PROVIDÊNCIA-INCREADA! Tu lhe outorgas
O sentimento altívolo, e ineffável

De te reconhecer o império infindo
Por sôbre a naturêza!...

Escrute o sábio

As relações máis íntimas das coisas,
Verifique e exactíssimo investigue
Phenômenos dos órbes, lêis que os-prêndem,
O'ra examine á têrra a superfície,
Ou d'ella as profundêzas sonde e explôre,
Ou compulse dos évos os successos,
E os recônditos quadros das sciências, —
Eil-o que lôgo attônito suspende-se
Ante os prôvidos élos que perfórmam
A órden cêrta e harmonias do universo;
E o próprio que os estudos não illústram,
Não menos que o primeiro, as-comprehende
Por módo máis singêlo e tam legítimo;
Em todo o ensêjo sempre esse que observa
Simples de coração, — despreoccupado,
Depara a mão de Deus endereçando
A causa ao seu effeito, o effeito á causa!
Como tudo, ah! se adapta e se refere,
Tudo amoldado está! proporciônam-se,
Nos côrpos animáes e vegetantes, —
Uma e uma das partes se destînam
A' presuppóstos fins inauferíveis;
Não, átomos nem ha que se deslácem

Da série universal!... D'aquí resalta
De Deus o sentimento necessário,
Sentimento que no ânimo reflecte
Consoladôras calmas de delicias,
De ineffável doçura e de esperanças.

Comsigo o ímpio de mente desvairada

Medita : « Si no mundo

« Reina o crime, e a virtude não triumphá,

« Si hórrido o mal infesta a naturêza

« Sem régra e transtornada,

« O acaso nos dirige : — Deus, si existe,

« Abandona a óbra sua

« Desdenhoso, ou talvez por impotente;

« Ah! quem jamás o-vio? quem o-compr'hende?

Deus!... ah! onde que assiste?

« E o máu não deverá temer a pena

« De nefandos flagícios;

« Das virtudes o bom que prêmio aspira?

« Aquelles evitar, e exercer estas

« Nem Deus, si ha, lhes ordena. »

Assim julgou. Mas eu calco a vaidade,

E d'esse ímpio me affasto;

E nas observações e em raciocínios
Do sábio, do homem simples, quães firmáram
Também firmo a verdade :

Virtude amar, fugir o crime horrível
He condição humana;
E si os fins por que o-sêja não penétro,
Os fins da criação explicar dévem
O que me he impossivel :

Não exijo saber porque outras fórmas
Não guardára o universo;
Sêja elle tal qual sêja, ainda explicam
Os fins da criação porque elle ségue
As apparentes nórmaz :

Alcançar-te, meu Deus! em tua essência
Tam difficil nos fôra,
Quanto o-he ao vegetal, e quanto aos sêres
Privados da razão, — reconhecer-te
Siquér mesmo a existência :

Tu d'est'arte o-quizeste; — nem disfére
A harmônica suave
Os concentos da cy'thara dourada;
Ah! os vôos do condôr humilde rôla
Exalçar nem espére!

Cada qual em seu círculo se extrema!...

Os triumphos do crime,

Da virtude o extermínio, e o mal acérbo

De que avexada e afflicta a naturêza

Irregular, ái! gema, —

Quando inda positivos como os-urda

No pensamento um ímpio,

Encôntram sua causa; e si ignoral-a

Lícito he á nós todos, — não o-fôra

Assignar-lhes absurda.

Aquelles que ao nascer fôram privados

Dos órgãos dos sentidos

Não dévem de entendel-as, mas não fálsem

As meigas percepções que nos saltêiam

Por órgãos bem-formados.

O homem te reconhece, oh SÊR ETÉRNO! —

Mas também que elle he grande se conhece:

Largos mares em vão segrégam térras,

Já que alvas pandas vélas, já que a fôrça

Do elástico vapôr — sulca-o e resulca

De baixéis que essas térras entrelaçam:

O ouro, a prata, o c6bre, o f6rro, o estanho,
Todos esses met6es que o s6lo absconde
De incalcul6vel pr6ço; os diamantes,
Saphy'ras, esmeraldas, jaspes, 6gathas,
Todas as gemmas que a fortuna inv6ja;
Elle extr6he ditoso, e assim se el6va :
Brav6os anim6es, — f6ras ind6mitas,
Ou r6jam-lhe aos seus p6s obedientes,
Ou f6gem longe d'elle amedrontadas :
Na immensid6o dos c6os 6stros que gy'ram
Sempre ou qu6si constantes; ainda outros
De instant6nea pass6gem; — meteo6ros
Que as tr6vas da noite ou luz do dia
Assombrosos inv6lvem; e os phen6menos
Que s6 as gera66es p6steras v6lem
A' contemplar co6vas; — o h6mem tudo
V6, e calcul6, e m6de, ou prenunci6!...
Os humanos triumphos como p6ssa
Minha v6z memorar em toda a parte
Que a nobr6za, pod6r, grand6za ost6ntam-lhe?!...
SENH6R e CREAD6R da natur6za!
Tem piedade do h6mem! commis6ra-te
Do seu nada, do seu orgulho, e in6pcia :
S6 Tu 6s grande como infinito e et6rno!
Que esse pugillo vil de raras p6dras;
D'esses met6es a p6sse em c6llre av6ro,

Por que o hõmem se mata e ensuberbéce;
Tu és que os-espalhaste em todo o glôbo,
Em profusão que o prêço lhes tirára
Si os-franqueáesses fácil, sem resêrva;
O que sam para Ti? — Tu que, presente
E único em o universo, vês cahirem
Quáes nem as fôlhas d'árvore, decrépita,
A' sumir-se no amontoar dos tempos,
D'esses thezouros os senhõres ávidos!
Esses mares furiosos que navégam-se
Séguem as tuas lêis sempre immutáveis:
Esses terríveis monstros que o hõmem vence
Quem os-creou? — Crear o hõmem não póde;
Si elle percebe a vida derramando-se
Do corpusc'lo infusório ao mastodonte,
A vida lhe he mystério, — e Tu a-exhalas!
As estrêllas, planêtas, nebulosas,
E os comêtas, e as boreaes auróras,
O relâmpago, e o ráio, — os ástros todos,
Todos esses meteóros, e os phenômenos
Que ás análises do hõmem não escápan,
Onde elle as-sonda e explóra? Nas amplificas
E immensuráes grandêzas do infinito; —
E inda ahî DEUS s'escuta, DEUS, DEUS, sempre!
Até a phantasiâ humana cança-se
De conceber a enormidade da órbita

Que descrévem trilhões e trilhões de astros,
— Myriadas de vêzes — ah ! maióres
Que este glôbo terreal, — máis numerosos
Que as arêias das plagas do oceâno, —
E résta ainda espaço onde fluctúa
Teu sôpro animadôr, oh SÊR SUPREMO!
Ah! diante de sua onnipotência
Sem principio, sem fim, — sábios da terra!
Ricos! magnatas! rês! — nós homens todos,
Que a mórte arrója, n'um cértto período,
Aos abysmos do olvîdo e n'hilidade,
N'um dos máis tènues órbes do universo,
Curvêmo-nos no pó, sêres ephêmeros!
Nem paixões agitemos vâas, frustrâneas,
Que máis distanciar-nos inda alcânçam
E nunca aproximar do SÊR dos sêres!

Hômem, homem! contempla sôbre a terra
A sôrte que partilhas;
Deus o podêr amplíssimo te outorga
De conciliares fácil
Tua felicidade. — Eis duas sendas
Represêntam patentes

A virtude ou o crime : — o desditoso
Da consciência inquiria ,
Entre as tribulações que a alma lhe ancêiam ,
Si na vida cursára
Das sendas a máis recta , — infatigável
E disvellado sempre :
Aquelle que he feliz também consulte-se ,
Que a ventura que frêe
Não deriva de haver sempre trilhado
A senda abominosa.
Sim; quantas, quantas vêzes, n'estas horas
Em que a memória acorda
Máu grado nosso, e em que todo o pretérito,
Qual espectro visível,
Se reconstrêe de nôvo e regenera-se, —
Límpido prazêr o ânimo
Nos inflamma suave, ou o remórso
Nol-o-corvêja féro!...
As nódoas de inculpado sangue humano
Vertido iniquamente,
Lágrymas da tristêza, e da miséria,
Bárbaras injustiças,
Esse prazêr movêram?! — Ao contrário
Os actos charidosos
De franca ben'ficência, e proibidade,
Não sam os que assanháram

Remórso irredimível. — Culto infindo,
Adorações eternas

Ao SOBERANO AUCTÔR da naturêza!

Devido prêmio aos justos!



A FAMÍLIA.

Branda paz, o repouso, e a f'licidade,
E o prazêr, e o valôr da consciência
A' sentir grata estima de si mesma,
Só depáram-se, oh Deus! no grêmio livre,
N'um sanctuário puro da família...
E eu dizia entre mim : ah! si uma espôsa
Eu também possuísse, e tenros filhos,
Das ambições do mundo, dos seus transes,
E de estuosos acintes desdenhára : —
Todo entrégue em amal-a, todo entrégue
Em abrir-lhes o stádio d'esta vida,
Nem á fadiga assídua accurvaria
Desanimado ou triste, nem qual hôte
Arrastrára comigo acerbos mágoas...
Eu quizera asy lar-me affortunado
Em meu próprio casal : lánta opulência

Alli não alardêie os vãos caprichos,
Porêm em toda a parte a mediania
Repulsasse a penûria, e me ressumbre
Dos móveis e utensis no extremo acêio
No gôsto, e solidêz, e formosura :
Quizêra eu vêr alli os arvorêdos;
Um lago; claro arrôio murmuroso;
Delicioso vergél; jardim ornado
De flôres, infinitas em mil graças,
Em matiz, e raríssimas fragrâncias;
Montanhas escarpadas; amplos valles;
E várzeas estendidas, que beijássem
Sparsas collinas, — d'onde se fruisse
Magestoso espectáculo do oceâno :

O'ra, com ella n'um batél vogára
Pelas lymphas azûes do manso lago;
Meigas brizas da tarde,
Impregnadas de tépidos olôres,
Fremeriam no véo, e nos cabêllos,
E alvíssimo brial de minha amada :

A's vêzes, do arvorêdo em os retiros,
Na soidão mimosa, escutaríamos
Térno arrular das pombas,
E os saudosos harmônicos gorgêios

Do brando sabiá, ou remurmúrios
Dos ventos, e o vagir da côrça ao longe :

A's vêzes, nos sentáramos nas márgens
Do arrôio — alcatifadas dos verdôres
De mólle gramma e trêvos;
Ah! como crystaes nóvos ênchem sempre
O arenoso álveo, assim meu pensamento
Novos incantos d'ella sempre o-enchêram!

Também alliviáramos dos pomos
Aprazíveis arbustos que exubéram
No vergél cultivado :
Muitas vêzes, regáramos as flôres, —
Transplantáramos outras, e aspirar-lhes
Fôramos no jardim os seus perfumes :

Nas montanhas com ella me perdêra
No meio dos nevoeiros, que desdóbre
Manhã entristecida,
De pluviosa apparência : ou desceria
Pela rápida encósta aos largos valles :
Ou vagueára por várzeas extensíssimas :

Finalmente, no cimo das collinas,
A vastidão immensa contempláramos

Das águas do oceâno
Já dormentes, já bravas e irrequiétas,
Onde o luar resvale, ou os primeiros
Fulgôres triumphâes de um bello dia :

Quando, á noite, em seu cóllo reclinado,
Eu quizéra esentar d'ella sómente,
Entre ósculos suaves,
As phrâses de ígneo amôr, perenne, infindo;
Entâm eu murmurára em seus ouvidos
Os sentimentos d'alma onde ella existe!...

Os filhos educáramos ditosos
Sob os próprios auspícios :
Lógo tam cêdo quanto nos entêndam
Seus frágeis pensamentos,
Pura comprehensão do Sêr Supremo
Lhes graváramos n'alma;
E após, por complemento d'esta idéia;
— De toda sciência base, —
Perspicazes também, em qualquer tempo,
Do fanatismo o horrôr,
E o da superstição, da hypocrisia,
E brutal atheísmo,
Fizéramos troar em seus ouvidos;
D'aquí, máis facilmente

Deduzíramos toda a série estável
Dos devêres dos homens :
E cresceriam sempre á sombra nossa ;
E de nossos exemplos
Hauriram o vigôr de suas índoles, —
Quaes háurem as palmeiras
Proficientes seivas, e os seus viços .
De uma gléba fecunda :
Como um feixe de luzes radiantes ,
Cujo esplendôr eterno
Nada póde marear, em si concêntrem
— Deus, lídimas virtudes. —

Uma parte da idade eu estancára
Nos disvéllos do amôr, outra em disvéllos
Dos infantes queridos, — o transumpto
De seus páis, de nós mesmos, que orgulhosos
Nos víramos reproduzir nos córpos,
Nos ânimos das tenras creaturas!
Pacíficos e lédos — nos surrîramos
Ao instante fatal, si os nossos órphãos
Remanécem nas sendas da virtude :
Em bronzeados cóffres não legáramos
Os lúbricos thezouros da avarêza, —
Mas, em seus corações, humanos dótes,
E intemeradas prácticas da vida :

Já saciados convivas, — a grinalda
Que nos cingia a fronte emtôrno á d'elles
Collocáramos; e o último dos brindes
Na taça genial os nossos lábios
Sorvêram sôbre o thálamo da móрте!



A' INDEPENDÊNCIA DO BRAZIL.

Pourquoi la liberté est-elle si rare? Parce qu'elle
est le premier des biens.

(VOLTARE, *Dict. philos.*)

Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.

(VIRGILIUS, *Æn.*, l. VI, 727 *carm.*)

Trêz séculos pesavam, carregados
De feróz servidão e átros excídios,
Sôbre os exháustos póvos
Do mísero Brazil — quando nos trôa
O brado memorável :
« Independência ou morte ! »

« Independência ou morte ! » o vasto Império,
Desde as márgens do Prata ás do Amazonas,
Unísono proclama :
Um ardôr glorioso êis se commove
No ânimo de seus filhos
Que a pátria convocava :

E de balde a metrópoli prepara
Os decahidos brãos, tam vigentes
 Em tempos remotíssimos!
De balde blasonava supplantar-nos
 Com esses que existiam
 Só nos avitos fastos :

Oh! e ainda que as suas flótas córtem
O atlântico oceano, — abastecidas
 De exércitos sem conta,
E d'ignívomos bronzes, — que alcançára?
 Incêndios, mortecínios,
 Estragos e ruínas!

Não vencêra; a victória fôra nossa :
Invios bósques e sérras prestaríam
 Asylo inexpugnável
A' liberdade, sempre disvellada; —
 Das cidades fugíramos
 Si a escravidão lá reina!

Não; não vencêra : apenas a justiça
Da lésa humanidade lhe assentára
 O stigma inapagável
Que de assentar apraz-se dos tyrannos
 Na fronte ennodoadá
 Do sangue de opprimidos...

Deixo de levantar o véo da história
De nossa liberdade : a Providência
 Nos quiz que ella custasse
Sacrificios que exigem grandes coisas ,
 Mas que menos cruenta
 Nos amparasse em breve.

Brazileiros! no throno se sublima
Um PRINCIPE entre nós também nascido ;
 Virtudes não vulgares
O coração magnânimo lhe inspiram :
 A salvação do Império
 Sem ELLE não subsiste :

Das facções a anarchia ambiciosa
Para elevar *senhores* que as-manêjem
 Desfaz-se n'um só golpe
Perante a protecção que o justo mérito
 Acha no throno augusto
 De Dom Pedro Segundo :

Sim; quando quér o Imperadôr, — a pátria ,
Toda inteira a nação, milhões de súbditos,
 Reverentes o-attendem,
Desamp'rando o artificio d'esses chefes
 Discordes, — e nutantes
 Sôbre o egoísmo de poucos!

Ah! próspero o presente nos esplende,
Grandioso o porvir — se prenuncia :
Do ouro, do diamante,
Da esmeralda, e das gemmas preciosas
A extracção avarenta
Não máis só nos absorve...

Eil-a! a época da intelligência he vinda!
Hôje os homens desdênham conduzir-se,
Desdênham de curvar-se á *quem mais forte*
— A' phy'sica brutalidade; — o indulto
Só rêndem da veneração máis firme
E do máis grato amôr aos que attentáram
Aos acclamos que os séculos repétem,
E que ham de repetir sem fim aos séculos :
« O SABER he PODER. » Já tempos vîram
Que a política ao mundo alardeiava —
P'ra que fôsse melhór regido um pôvo
— Fôra de prescripção indeclinável
Ai! no embrutecimento cégo e ignóbil
Mantêl-o, e o-recalcar á todo o transe;
Porêm hôje a politica modérna,
De exp'riências cruéis allumiada,
Banindo de seus códigos, e prática
O asiático systema abominoso, —
Deduz que a estab'lidade dos govêrnos

E a ventura dos póvos máis se libram
Na sólida instrucção moral dos mesmos :
Inda bem que o Brazil se compenetra
Da justêza immortal d'estes dictames,
Que dos vélhos estados lá da Európa
Alguns ousávam proscreever! Teçamos
Os máis cordiaes vótos porque, longe
De emmurchêrem, médrem progressivos
Tam propícios comêços; — n'estes vótos
Se associam-nos todos que refléctem
Sòbre urgências que sente, ou as refórmas
Que deprêca o Brazil para exaltar-se,
Si fôr bem dirigido, — á preeminente
Sublime posição á que destina-se; —
Si fôr bem dirigido, — oh Brasileiros!
Notêmol-o! — condicional eu fallo :
Oh! nada impórta, oh, não! que a naturêza,
A' um paiz favorável, — o-colmasse
De accidentes felizes, — lhe prodigue
Insignes proporções á convertel-o
Em magestoso Império, si politica
Traidôra e desvairada, d'outro lado,
Poderá influir á dar-lhe inûteis,
E frustrados os dons, as primasias
E amplas prerogativas que este próprio
Naturalmente espere e se promêta...

He triste e lamentável! n'este Império
Indivíduos não ha que depositam
Inteira, a máis completa confiança
Em nossos naturaes recursos, quanto
No revolver dos tempos, — ao extremo
De só á estes se attêrem? Sim, existem!
Ao acaso — indolentes abandônam
A alta prosperidade e o adiantamento
De uma grande nação! Céрто, disséreis
Que tômam por emprêgo máis condigno
Das meditações suas, dos disvellos
E positivo int'rêsse, — estratagêmas
Para estólidos triumphos de philáucia,
De avarêza, e vingança, e poderio, —
P'rigosíssimos triumphos, máis ephêmeros
Do que de cada qual a vida inquiéta!...
Mas, pela pátria o-juro! a maioria
De esclarecidos Brasileiros se érguem
A' invictos profligar sem piedade
Fatalistas políticos... — Reléva
Em naturaes recursos espontâneos
De nossa térra sempre confiarmos,
E na série dos évos igualmente;
Mas cumpre que o Brazil também s'esmére
E affane por tirar d'aquí vantágens
Táes quáes a indifferença, a incûria inerte,

E o ignavo fatalismo, nunca, oh! nunca
Fruiam obter-lhe. — Si admittido
Já no ìnclyto congrêssô de cem póvos
Que a civilisação guia e protêge, —
Não descanse o Brazil na expectativa;
Qual herdeiro opulento permanece
No meio de órgias e ócio mal-seguro,
Abusando e gastando sem medida
Do que lhe vêio em sôrte, distrahido
No voraz turbilhão da actualidade,
Sem precaver-se, insano! sôbre os fados
Da situação vindoura que lhe aguarde
Salteiada talvez de ímpios horrôres
Da miséria, do oppróbrio, e dos remórsos!...
Tal sîmile o que tem que vêr comnôsko?
A minha profissão de fé se estêia
No presente da pátria, e no futuro
Ah! que os vótos de seus constantes filhos,
Servindo-a mui leaes, lhe prenunciã.



AS VÁRZEAS.

Várzeas de minha pátria se prolôgam
O'ra planas e iguâes e omnipatentes;
De mil collinas óra interpolladas,
E virentes capoões, que se dispârzem
Quâes sôbre lauta mêza d'un convívio
Ramalhêtes donosos que a-adornássem;
D'um lado abraçam faldas aprazíveis
De montanhas magnificas, do oppôsto
Alcânçam de floréostas grandiosas
Os pórticos ridentes, de outro lado
Junto á rão caudal, que as-entrecinge
Com os esteiros seus, — ellas fenécem;
He assim que uma vîrgem se repousa
No meio das consócias, dignas d'ella
Em bellêza, no incanto, em attractivos,
E vái depois cahir nos braços charos
Do impaciente amado que a-fecunda!

Rélvas variadíssimas pullúlam;
Dos caetés, das capáras, e macégas
Densas touças frondíferas erriçam-se;
Com a maciã gramma avelludada
Que ahì também desdóbra os seus verdôres,
O viçoso capim rasteiro estende-se, —
Ou as flexíveis plûmulas menêia
Quási emulando os gravatás que se álçam
A' par dos mólles áloes, e dos cactos; —
Alguns dos cactos órnem-se de lichens,
Uns imítam nos galhos candelábros,
Ou imítam columnas estriadas,
E onde purpûrea cochonilha educa-se...
Os fûlgidos clarões de um bello dia
Nádam esperançosos no oriente : —
De orvalho as gôttas trêmulas fulgûram
N'um oceâno de flôres, de folhágens,
E coloridos fructos! — Frêscas a briza
Passa e repassa e traz brandos odôres
Da ubáia, e camarás, da mapirunga,
Dos lindos muricês, das guabirabas;
Estes arômas que por vêzes méscam-se
Aos efflûvios do mel das jandahyras,
O olfacto máis embêbem de delicias!
Lascivas borbolêtas se esvoáçam —
Resplendentes de alvura, ou já douradas,

Algumas o topásio em còr simílham
A saphyra e o rubim, ou se dirìam
Sêr tantas béllas flôres transportadas
Pelas regiões do ar! — ou já disséreis
Que de velludo ou sêda, e de brocados
Se talháram as véstes variadas
Que d'estas borbolêtas umas trájam,
Ostentando os esmaltes máis donosos,
A graça máis gentil! Ellas descrévem
Labyrínthicas fáixas nas alturas,
E as-québram d'um instante para instante
Já sôbre as tenras pétalas suaves,
Já sôbre humidas hásteas recendentes;
E os colibrîs, esvélto, delicados, —
Por emtôrno de flôr em flôr, beijando-as,
As azas d'ouro e azul libram frementes;
Colhereiras de plumas còr de rósa,
Os mutuns negreando mui formosos,
Carajuás azûes graciosíssimos, —
Em dilatados bandos se derrâman,
Se disseminam livres pelas várzeas;
Os grandes tuyhiûs lá reunidos
Eis branquêjam ao sol qual um rebanho
De candidos cordeiros; triumphante
Garboso urubû-tinga se espairece,
Mostrando o peito branco, e pelo dôrso

As azas prêtas, áureo e rubro o cóllo ,
Como a cabeça rubro , e como aquella
De plumágem qualquér desguarnecido...
Não ouves? Como em uma nóva orchestra
De cada hástea , de cada flôr , e fôlha ,
Sûrdem , nascem metállicos zumbidos
De milhões e milhões d'insectos ! Eil-o
O concêrto o máis rude , e o máis selvágem
E nem por isso isento e nû de agrados !
As nótas estes sóltam ásp'ras , fórtes ,
Além , imperceptiveis , tênues , — outros
Invariáveis , monótonas , e muitos
Macias e blandisonas ; mas todas ,
Não obstante exhaladas de múltiplices
Infîndos instrumentos , nunca cêssam
De seguir , se ajustar quási á um compasso
Quási á uma órdem música prescripta ,
Que o ouvido observadôr e máis attento
Distinguïra e apprecia : — escutar amo
Simples vózes dos filhos da natura ;
Minha imaginação aquí exulta
Absôrta nos sonidos innocentes
Que a agra selvagidão d'elles modula !
Sabes o que dirão estes insectos ? —
Que procûram assim ? porque discântam ?
Elles prêndem também um élo aos élos

Da cadeia eternal, — mystérios toda,
Da criação inteira!... Léve a abêlha
Sussurra sôbre as flôres amaréllas
Do gerimum, iguâes á taças de ouro,
Seu nectar delibando; nambûs meigas
Arrûllam junto aos ninhos; sericóias,
Zabelês, e avestruzes gigantescas
E a mansa codorniz, e as sariemas,
Disférem gargantêios melanchólicos;
De vèz em quando no ar se peneirando
Carniceiro alarido os macaulhans,
E o atróz carácará érguem horrível!
Emmudécem as vózes e as cadências
Das avesinhas tímidas, que vélam,
Sôbre a próle inda implume debruçadas;
Mas sanhassûs colligam-se e a andorinha
E os bemtevîs, e intrépidos rechássam
Vorazes inimigos, — que lhes ûrdem
Cruentar estes sítios tam pacíficos!
Humana sociedade assim repulsa
Do próprio grêmio monstros sanguinários,
Cidadãos perigosos, máus, e indignos!...
Após se reinstáuram consonâncias
Um momento interruptas, e de nôvo
Tudo he já placidêz, e negligência,
Prazêr, e liberdade em toda a várzea.

O thálamo já viste
Máis suave e formoso,
Em que o férvido esposo
Feliz, voluptuoso,
Com a nòiva reclina-se?

Nem assim inda a imagem
Ah! teríeis tam pura
Da eternal formosura
Que inexháusta fulgura
N'estas várzeas brazillicas!

A còlcha de setim de que se enfeita
O thálamo sponsal jamáis valèra
A' pleitear bellêzas d'essas plantas
Que revêstem de nossas lindas várzeas
Fecunda superficie; e d'alvo linho
As brandas lençariás que acobértam
O par affortunado, inda as doçuras
Das máis raras essências que o-perfùmam,
— A's flôres mimosíssimas que alástram
Toda a relvosa gléba também cédem,
Cédem á emanações que fluem d'essas;
Até meigos suspiros, térnas lágrymas
Que o extremo gôzo véрте em desaffògo
Do oppresso coração, sempre máis ávido

Não têm que vêr co'os plácidos incantos
Das harmonias cónsonas dos pássaros,
Os murmúrios das auras, e os da abêlha,
E myriadas de insectos, e os sussurros
Trepidantes de arròios; — finalmente
De sêda entretecidos fios de ouro
Que da ligeira cúpula fluctuam
Emtôrno d'esse thálamo de amôres
A magestade quando igualariam,
E ameníssimas graças com que ondêiam
As neblinas por sôbre a várzea immensa,
Diáphanas, volúveis, devolvendo-se,
Ráyo á refranger do sol, — suspenso
Lá na abóbada azul do firmamento?...

He dôce vêr ao sôpro tempestuoso
Do tórvo suduêste se acamárem
Fláccidos vegetaes, que se érguem lógo
Para ainda acamárem-se incessantes,
E incessantes ainda reerguêrem-se...
O furôr do tufão aqui se perde, —
Eil-o em scenas de risos se transmuda!
Para o serviço, e os alimentos do hómem,
Os animaes que edúcem-se vaguêiam:
Bravios touros úrram, e as juvenecas;
Capréolos, e os carneiros á balárem;

A grei de anhos e ovêlhas se retôuçam ;
Os pôldros, e o corcél, aquí, relinçam ;
Nediñssimas éguas, em manadas,
Lá se apascêntam árdegas, formosas!...
Dispersas as choupanas, ruráes prédios,
E os casáes de fazendas, ou de estâncias,
De retiro em retiro se edificam...

Ah ! depois da hóra dúbia, indefinível,
Do vesperal crepûsculo,
Máis dôce he vêr a lua
No meio das estrêllas
Lânguidas, scintillantes,
Lagrymejar fulgôres e saudades
Pelas várzeas serenas, immensíssimas!

Pensas que allì he tudo solitário,
Tudo dórme, ou não vive?
Porêr crebros gemidos
Desprendêram as pombas,
E os vagidos das côrças,
E inda as vózes domésticas do armento,
Longe em longe os espaços atravéssam!

Quando mesmo o luar não se annuncê;
Na chlâmyde da noite

Sempre as estréllas brilham,
E os seus ráyos descáhem-lhes
Tam trêmulos de amôres
Na chlâmyde florígera e virente
Das brazílicas várzeas perfumadas!

Quaes dos mares nas ondas árdem flammas
Da inquieta ardentia,
Táes no éther anilado,
E na extensão das várzeas,
Pyrilampos sem número

Alternativo accêndem-se, e se apágam
Em meandros de luz phosphorescente!...

Meu Deus! si débeis chórdas de minh' harpa
Fôssem á resoar quási o infinito
D'exímias perfeições das meigas várzeas
Em minha chára pátria, eu não cantára
Os mineráes thezouros que se encérram
Alli sob nossos pés; — nem diamantes,
Esmeraldas, turquèzas, ouro, e a prata,
— Tudo quanto he metal máis precioso,
E tudo quanto he gemma das máis raras:
Cantára a exuberância portentosa,
Grata fecundidade, que as-reálçam,
Que as-constituem bêrgos ineffáveis
Dos sêres animáes e vegetantes!

HYMNO DA JUVENTUDE.

Eis o mundo , êis a vida ; a infância esváe-se ;
Longe e longe a velhice...
Oh ! como tudo exhala o dõce incanto
De um suave presente ,
E d'um porvir máis bello !

Tam puro o azul do céo em nossos climas !
Que magníficos valles !
Que subêrbas floréstaras , e montanhas !
Flóridas as campinas !
Os rios ingentíssimos !

O amôr em nosso ânimo se inflamma ;
No bérço das delícias
Vamos acalentar nossos sentidos ; —
As horas infelizes
No amôr olvidaremos :

Do coração impulsos nos vigóra
Saúde inalterada ;
Branços raros cabêllos não retrêmem
Inda em nossas cabêças
Que pëndam para a térra :

O pensamento em Deus, no amôr extreme
O coração ardente,
Na virtude as acções, — inundaremos ;
Assim fôrtes, os passos
Guiemos sôbre flôres :

De nós cultos não frûe a hypocrisia,
Tôrpe invéja, a mentira,
A avarêza e a traição; — mas a verdade,
A candidêz, franquêza,
Do bem nóbres desêjos :

Deixemos á exp'riência vã dos vélhos
Os vícios que abjurâmos,
E áquelles que (atro horrôr!) em nossa idade
Desértam das phalanges
Dos filhos do futuro!

Quem nos póde vedar que percorramos
O stádio da existência

No meio do prazêr em que se expande,
Sempre tão meiga e affável,
A naturêza inteira ?!

Hômens nós entre os hômens não tememos
Nem expôr sentimentos,
Nem exercer magnânimos arbîtrios
De um generoso affecto
Com que exulte a consciência :

Nós he que sômos hôje os defensôres,
E esperanças da pátria :
A infância he muito débil, e a velhice
Tímida, e em desespero
Afferrada ao pretérito :

De nós trêmem os rispídos tyrannos,
E os implacáveis déspotas; —
Illûdem nossa fé? nos cálcam? sùbito
Da vindicta a secûre
Lavar-nol-a-ha seu sangue !

Quando para affligir-nos se conjure
Desgraça empedernida,
Arca por arca luctaremos, — cértos
Que os lûgubres preságios
Em risos se convêrtam :

As sementes aladas dos arbustos, —
Si á estes os-invádem
Tórridos areiães, e infectos pântanos,
Nem perecerão, — vôam
E máis além germinam;

Assim nós, oh! si aqui a liberdade
E os desígnios nos córtam,
Alli os-salvaremos, — tam ufanos,
E talvez máis felizes,
Nossa fôrça ostentando :

Do universo ide perscrutar archivos,
Verêis a mão dos séculos
Constante subscrevendo o nosso nome
A' instituições, conquistas,
Aos feitos máis brilhantes !

A' velhice merece altos disvéllos
Regrêso impertinente,
Ou stacionário estado sob o título
De conservar illésos
Os sociães direitos !

Emquanto ella medita demorada
Co' a razão sempre tímida,

Já nós deliberámos sem reservas
Por natural influxo,
Que melhor nos inspira :

O progrêso he, e foi, e será sempre
Da juventude o gênio;
E si o mundo perdura, á nós o-dêve :
Deus, o amôr, e a virtude
Em nós he que se asy'lam.



AS FLORÉSTAS.

Troncos onde robusta a seiva gyra
Várrem o azul do céo co' a larga cópa :
Olhai d'aquí nascer no oppôsto sêro
O astro da luz, — crerieis que o seu passo
Das floréostas os rêis pôdem vedar-lhe!
Uma fôlha não pérdem sem que nóvas
Em seu lugar lhes brótem; longas véstes
De múltiplos cipós, em que mil flôres
Cravejadas rutílam quâes saphy'ras,
Quâes ópalas, topásio, e raras gemmas,
Em donosas grinaldas os-circúmdam
(Régias télas que se órnam, se matizam
Co' o esplêndido lavôr que não se imita!),
E elles ufanos móvem-n-as, e as brizas
De perfumes dulcíssimos embéhem...
Attentái como em tam cerradas filas
Si o férro destructôr de algum minára
A corpulenta base, — não baquêia, —

Os sócios o-sustêm; e brève emtôrno
Frondiferos renóvos o-guarnécem; —
O guerreiro similha que na luta
Alvo se vïo dos golpes do inimigo,
Mas uns dos seus nos braços o-recébem,
Já com os córpos outros o-murálham!
Columnas de cem pés e cem de altura,
E ainda muito máis avantajadas,
Em magníficos pórticos se adûnam,
Em nóbres peristyllos, que condûzem
A basílicas mysteriosas, vastas
Que invéja delinear a architectônica;
Cada columna um vegetal éléva-a, —
Nôvo representante das famílias,
Dos gêneros e espécie os máis diversos!
Em seus pedestâes, capitéis, e frisos,
Nas traves e cornijas resplandécem,
Oscillam-lhes, tremûlam mil mil plantas,
Que as-recâmam, pendendo elegantíssimas,
Convolvendo-se amenas, graciosas, —
Entre si mutuamente entrelaçando-se;
Enormíssimas flôres das orchídeas,
De aristolóchias, ou de liliáceas,
E gustávias recêndem sôbre aquellas,
Como que ambicionando adereçal-as
Para um festivo dia de triumpho —

Qual célebram jamáis conquistadôres!
N'este recinto uns hymnos maviosos,
Um férvido agitar, — fremir de vida,
Se percébm, s'escûtam... Mas, recônditos,
Impenetráveis ânditos se addênsam
Lá no ìmo da florésta, — sanctuários
Onde perpétua a solidão demóra!

Perspectiva sublime e veneranda
Exhibe a sélva primitiva... Dentro
Bramindo o vento, embravecido e prêso,
Claras vózes alguma vêz desátam-se,
Que nos gélam d'horror! O hómem detêm-se,
— Considéra que chega em as pousadas
Onde o ingrêssô lhe empêce a naturêza;
Elle apérta no punho afiado gládio,
Ou dispõe a clavina, ou palpa á cinta
As bronzeadas pistólas mui certeiras
Mas o peito de estremecer não cessa,
E á consciência á clamar : « Eia, recûa! »
Sacrilego, ái! medita a superfície
Do sólo em desnudar! Já se revólta
Contra os altivos troncos que o-circûndam,
Que lhe embárgam as vistas e a passágem;
Retalhantes machados lhes desfêcha,
E incêndios lhes atêia que os-devore...

Bárbaro! suspendei o exício ingrato;
Ah! o interêsse nosso he que intercéde,
He da pátria o interêsse e o do órbe inteiro,
Que falla, que supplica em favôr d'elles :
Por acaso ignorâmos que os thezouros
Dos nossos minerâes não equiválem
O illimitado prêço da opulência
E das magnificências d'estes bósques?!
Estes sam que mantêm a exuberância,
Toda a fertilidade e a formosura
Dos climas tropicâes; as suas cópas
Sóltam impenetral docél de sombras
Aos ares, e o terreno assim presérvam
Contra os fógos á prumo do sol que arde;
Suas folhâgens húmidos vapôres
Bafêjam, — e o calórico irradiam
Nas ondas da atmosphéra máis pesadas
E emtôrno espálham vida, o frêsko, e allivio;
Sam vegetâes ainda que depûram, —
E oxygênem o ambiente que respira-se;
Elles sam que apprehêndem, que elabóram
Agentes inorgânicos, e appréstam
Os plásticos principios e elementos
Do systema animal... O que fazemos?
Que?! á cûmulos de cinzas e destrôços
Quem ousa reduzir estes asylos, —

Este éden de mamíferos, de pássaros,
 D'insectos, e até de reptis profícuos,
 — Um depósito eterno das riquezas
 Que as sciências, que as artes, os mistéres,
 E a indústria applicam, e ávidas anhelam?
 Não! o incêndio não máis, não máis o-arrase!

Oh! como além se exálçam magestosos
 Os filhos primogénitos das sélvas!
 A aroeira, o vinhático, e a brahuna,
 Umarys, a oitycica, e as juciramas,
 Os sucupira-assûs, e os grapeciques,
 Ubiragáras, mass'randuba, e o cédro,
 Murapinimas, guarabûs, páus-d'arco,
 A itahuba, o acapû, e piquiaranas,
 Não perêçam inglórios! — Elles vîram,
 Táes quâes os-admirâmos, os primeiros
*Mérs e Péros*¹ que, injustos, sceleratos,
 Carregáram de férro á póvos livres,
 Em nome de um *senhôr* que estes não tînham!
 Seus troncos sós podéram facilmente,
 Em ygáras lavrados, — pelas ondas

¹ Francêzes e Portuguêses. « Que veut dire que vous autres *Mairs* et *Peros*, c'est-à-dire François et Portugais, venez de si loin querir du bois pour vous chauffer? N'en y a il point en vostre pays? » etc. (JEAN DE LEHY, *Histoire d'un Voyage fait en la terre du Brésil*, chap. xiii.)

Transportar cem guerreiros! as procéllas
Os-respeitaram, séc'los educavam-n-os,
E hõje?... oh dõr! á que fim os-assolâmos?
Promovêssemos antes que prospérem
Elles e os seus congêneres tam úteis!
O jatahy transuda a copal gõmma;
E transuda o catchû a gomma elástica;
O omery — a estoraque; a ycica — o incenso;
A almécega — a elemi; co' a getacica,
Beijoim, o angico, o guáiacó, e a secuba,
Manam todos resinas prestimosas;
Do comarû se extráhe oleoso bálsamo,
E assim da copahyba e cabureigba;
O pechurim de amêndoas odorosas
Exhala seus perfumes, que se espósam
Do cocheri aos hálitos fragrantés
E aos das vágens e flôres da baunilha,
E aos do anhaybatan no ardente liber;
A carnahuba vale á ministrar-nos
Tugûrio, véstes, cêra, e nutrimentos;
O tucum harto linho nos off'rece,
E o turury finíssimos cordames,
E a piassaba os fios de calabres;
O emburé abre as cápsulas de sêda,
E assim a mongubeira, e a sumahuma;
Da chirihuba aos galhos prende a flamma,

Quaes límpidos archótes; cacaueiros,
E subêrbas palmeiras grandiosas,
Prosperam co' a opulência de seus fructos;
Luxurioso o matte aquí frondêja;
Lindo arbutan vigóra, e não subnega
Das fibras a famosa côr purpûrea;
E nem o acariquára a vèrde; e a rouxa
Nem inda o mucunan, e a capiranga;
E nunca o araribá da própria casca,
Ou o urucum tam pouco das sementes
O vîvido escarlata; e a tatajuba
Do próprio lenho o jalde; ou o anileiro
A fécula do azul o máis formoso:
Infindos que minh' harpa calla, vêde-os
Benéficos á saúde, e aos nossos cômmodos,
E á nossa subsistência, e urgências nossas!...

Entrái n'essa florésta, e contemplái-a
Nos vários lapsos que illumina o dia.

Alvêja no horizonte a madrugada,
E ridente a manhã vem sereníssima
Apresentar-se em brève: êil-a começa
A máis incantadôra das orchéstras
Que he dado ouvir; os pássaros acórdam;
De cada fôlha mil gorgêios nascem:
— Dos alados cantôres uns excédem

Na melodia as notas de instrumentos
Os máis perfeitos do homem; outros mesmo
Cujos trinados de per si não prázam, —
Na unisonância universal figûram
Tam suaves quâes esses; sobranceiros
Plúmeos espôsos aos queridos ninhos
Os québros gargantêiam; meigos cantos
Após a amada esquiva outros suspíram;
Innocência, ternura, aquí he tudo,
Volupioso, attractivo! — a liberdade,
A indolência, o prazêr, e os seus amôres,
Vistas me enlévam, sympathias, alma!
Cada hymno, cada nota me electriza
Que fólgo n'um deliquio, em vago olvído,
N'um descuido do mundo descahir-me...
Vinde, cantôres meus dos vêrdes bósques!
Talvêz que fatigado e enfraquecido
Ache-se algum de vós; hórâs se escôam
Que alternos ante mim trinos, adêjos,
Vos affânam contínuo!... Que? recêios!
Nada temâis de mim; dôbre meu peito
Não he; si livre sois, eu, — sôbre tudo, —
Adoro a liberdade; Deus fadou-me
E assim á vós também a poesia; —
Ah! bardos, vates, todos nos amemos:
Máis felizes, porêr, sois porventura;

Vós ao lado da amada no arvorêdo
Nóvos ráyos do sol como os extremos
Plácidos festejáis, térnos, e alêgres;
Naturêza aprazível, vasta, fértil,
A mantença diária vol-a outorga
Sem trabalhos, sem falha, sem limites;
Quér se despéçam, quéz resúrjam dias,
Sómente hymnos de amôr, prazêr, e glórias,
Tendes á desferir; — vis pensamentos,
Falsidade, ambições, horrôres, crimes,
E os atros fêios vícios detestandos
Não os-sabêis dos hômeis; não ignóro,
Nem desconféssô que entre vós se nùtrem
Carnífices, — da luz ou inimigos, —
Mas estes conhecêis-l-os, estes fácil
Evital-os podêis, que o Auctor Supremo
Assignalal-os quiz com differentes
Pluma e conformação; quando assomárem
Prevenidos fugis, — nenhum disfarce
Vos illude, ou seduz, nem atraicôa;
Entre nós, ao contrário, os hômeis todos,
Iguáes na fórma, quam diversos n'alma!
Iguáes na fórma, — differindo quanto
O ar puríssimo — flúido — da montanha
Do de cárcere infecto, — ou vida e mórte!
Si querem-se extremar os bons que existem,

Lêiam-se os corações, — de raros fôram
Tênues conchas do mar em práia extensa
Para os medões de arêia que as-sottêrram!
Mas vós.... querêis-vos ir! temêis, cantôres?
Não vos fiáis em mim!.... Bons e perversos,
Uma vêz que ândam mixtos, sem reserva
He forçoso que assim os-vêjam todos....
O temtêm, grunhatás, e as sericóias,
Ameûdam os sons que se harmonisam
Com o suspiro vário e intercadente
Das auras da manhâa entre a ramágem;
Densas nûvens de aráras fulgurantes
Se levântam aos céos com rudes chilros
A' buscar nóvas árvores longínquas;
Já co' o mesmo desígnio estas parágens
Que ellas dêixam os canindés procûram;
No rijo pequiá — todo enfeitado
De flôres em pyrâmides, — agûçam
Róstro revôlto e rûbido os tucanos;
Eis de todos os rumos se dirigem
Variegados bandos de ingaçáras,
De sahís, de aihurûs, que se succêdem,
Que se méscelam, que á sítios predilectos
Máis numerosos vôam; n'este ensêjo
Ora ondas de harmonia aquí notáras,
Um confuso alvorôto allì agóra, —

Sam trinos, silvos, que se enlêiam todos
Quáes não valem discriminar teus ólhos
As enredigas hérvias d'esses troncos —
Em múltiplice amplexo emmaranhadas!
Mavioso o tiê; e agudos, fórtes,
Da araponga os metállicos tinnidos;
Aflautado e argentino nos enléva
O azulão e o memby; as nambûs gêmem
Entre os capins, e máis distante arrulla
Mimosa zabelê, — ou reduplicam
Roucos xoróxorós tristonho o canto;
Enxames de tubîs, de cabiguáras,
De mandaguiras, mondurys, theûbas,
Melligeras colmêias, entre aromas
E murmûrios, fabrîcam no excavado
Da mussutualhyba e iriaranas,
E de outras grandes árvores innúmeras;
A hyrára estas abêllias lá explóra
Que ao domicílio vólvem, invadindo-o
Rouba-lhes dôces favos, d'elles nutre-se;
De alto genipapeiro entre alvas flôres
Gorgêia o goturama; em as peróbas
Ergue a vóz o mutum; d'entre taquáras
Da jararáca féra os olhos lûzem-lhe
Fixos na juruty, que sôbre o angico
Saudades e amôr geme; além atira

Tremenda cascavél o mortal bóte
A' meiga enhapupé nas vêrdes grammas;
Aos amaréllos, aos vermêlhos fructos
Do ramoso cajueiro os papagáios
Em alarida acódem; — patativas
Desentrânham por vêzes harmonias
De sôbre o salsafraz; odóras vâgens
De volúvel baunilha, que se entrança
Nas cimeiras do ipê, attráhem, châmam
Vêrdes maracanãas azul-douradas:
Jandáias se pendûram dos collares
De vegetaes alt'rosos; nos racimos,
Nas palmas da pindóba os emberizas
Brandos concentos mágicos desprêndem;
Nas fôlhas resequidas que o terreno
Em camadas alástram de mistura
Co' os detritos de flôres e de fructos,
Tal qual em um mosáico, anda, percorre
Hardido teû-assû, de larga sérra
Que o dôrso inteiro lhe arma, em busca d'óvos
Das pararys, da aracoan, das rôlas; —
Temerário á combate elle provóca
Assanhada serpente : — a extensa cauda,
O'ssea, e articulada, vibra, e esquiva-se,
Avança para o inimigo, inda o-azorraga,
Acommette-o o reptil d'atro veneno,

Mas aos golpes d'aquelle se atordôa ,
E amassado por fim môrto succumbe ;
Nos fragrantés auricolôres pomos
Do viçoso maracujá, que enlaça
Em graciosos annéis os joázeiros
De magníficas flôres recamando-os ,
Se apascêntam o haby e as capivaras ;
Nos tópes do violête ou janaguba
A listrada coral e as urussangas
Quêdas refléctem os solares lumes ,
Ou devóram (em bem!) outras serpentes ;
Espântam-se os quatís que divisáram
A velóz caninana entre as grinaldas
Que florêjam pendentes d'ampla cópa
Do muraquatiára, e em samambáias
— Mui veneranda coma do arvorêdo !
Os mocós, sarohês, os preás saltam
Nos pascigos e á par medrosas pacas ;
De galho em galho, ao avistar-nos, fóge
O mosqueado maracajá; e o astuto
Unguilongo bandeira, em caso extremo,
Para que o-abrácem, recostado aguarda
Quadrúpedes máis fórtes que o-investîrem ,
E entâm, quáes acerados estylêtes,
As unhas nas entranhas lhes acrava; —
Os cupins em seus tûmulos erguidos

Assentes sôbre o sólo ou sôbre as árvores,
De nada se arrecêiam máis que d'este, —
Que lhes derruba as casas, e os-alcança
Com a afilada língua, que retráhe
Apenas os cupins a-coguláram;
Ouriça-se o quandû allì; suspensos
Nas caudas os sauhis á balançar-se;
Mesmo a preguiça em somno abeborada
Lá tardia se arrastra semi-mórta:
Em vólta d'essa lágem os jurunas
Duros coquilhos diligentes québram,
Que amontôam depois de preparados; —
Alguns d'elles, na grimpa do arvorêdo,
Expertos ataláias, — dam rebate
Que hômens d'estes lugares se aproximam,
De agudos assobios — delatôres,
Que alarma incitam, a espessura atrôa-se;
Os forçosos tapirs, nègras jaguáras,
Bravias cangussus, de quando em quando,
Atravéssam ligeiras as floréstas;
O veado ruma em tenras môitas;
E o rasteiro tatû escarva as hérvas
De saborosa raiz que ávido o-nûtrem....

Mas no zenith o sol dardêja os ráyos:
Do calôr ensoados, — fatigados

De canto e vôos, os pássaros repõem;
Mammíferos, reptis, também insectos,
Nem longe aventureiros já se affastam;
As capoeiras sam que máis se aprázem
Na espessura clamar durante a sésta,
Quando mal se ouve um crébro movimento
De que allì tudo he vida; as arapongas
Demoradas, e só de espaço e espaço, —
Qual martéllo de ferradôr retinnem;
As abêlhas no côncavo dos troncos
Remurmuram, e mésclam seus sussurros
Aos estrídulos típles das cigarras,
E aos zumbidos de insectos omnigêneres,
Que em terra, na folhágem, entre a casea
D'árvores, no ar, fluetuam, rebatendo
E espanejando as azas de ouro e prata,
De esmeralda, e de anil, ou mixticôres —
Do esmalte o máis vulgar ao máis esplêndido!
N'estas horas de calma, — quando ainda
He maiór o silêncio, ouve-se um ruído, —
Um estalo.... He da palmeira a spatha
Que abriu, — flóreos arômas derramando;
Ou da sapucayeira as lîneas urnas
Que o seu maduro opérculo desprégam,
Emtôrno saeudindo as lácteas nózes;
O'ra ouve-se um estrondo.... a côrça espanta-se,

Algumas aves piam, fógem outras, —
O jaguar ruge, — após tudo emmudece....
He um jequitibá, que, circumvólto
De cipós, — carcomido pela idade,
Escapa-lhes dos braços, tomba em térra,
E deixa o seu lugar vasio ; — aquelles
Persistem entrancados, e consérvam
Nas espiras a fórma do gigante !
O'ra foi um rumôr desencontrado,
Que cessa e continûa recrescente...
He o tuffão que sópra, muge, esfórça-se
Penetrar nos recintos das floréstas,
Que lhe oppõem seus flancos d'embastidas
D'intimas condensadas rênques ; — dóbra
Rajadas o tuffão, — e enraivecido
Emfim derrûe alguns de seus contrários :
Béllo, he béllo sentir-lhes os rangidos
Que entorsões violentas lhes provócam
De fibra em fibra ! He béllo vêr nos ares
Um dilúvio de flôres desparzirem ! —
Os grandes vegetaes que ahî se próstram
Havel-os-hôis de vêr todos ornados, —
Lichens, e fétos, musgos, e florígeras
Mil parasitas plantas os-recingem
Como que d'um vestuário de triumpho :
Táes quaés honrâmos vîctimas illustres

Que perecêram pela pátria e glória!
O'ra ouve-se um clamôr, um grito fùnebre,
Luctuoso grito algum infeliz arranca?...
He a vóz do acaulhan, a voz de agouro
Que esta ave de rapina arrója horrível!...

A tarde já declina. — Desinquietos
Da selvosa mansão os habitantes
Abandônham a inércia do descanso;
Inda quêrem fruïr esse intervallo
Do dia e noite : — os pássaros revôam,
Aos bandos se revésam, no ar se crûzam
Em singular concêrto harmonioso;
Outros ostêndem plumas formosíssimas
Das máis vívidas côres, — fulgurando
Ao sol occidental, si nos incântam
(Quam frágil a bellêza desnudada
De máis firme attractivo ou máis sublime!),
Lógo que a noite venha, êil-os nas trévas
Se confundem co' as aves máis hediondas,
Ninguêm sabe si existem! Ao contrario,
Pela ausência da luz, — essas ainda,
Gorgêios modulando, aves canóras
Na mesma escuridão se reconhécem
Que respìram allì, e se abençoam
De quantos extasiâmos-nos de ouvil-as!

Camocicas, seguidas de seus filhos,
Lhes ensinam corrêr por entre as brenhas;
Féros guarás carnívoros devástam
As legiões imbélles das cotias,
A' seu turno acossados de jaguares
Famulentos, cruéis; sôbre as ramágens
Do gameleiro roucas as guaribas
Rechinantes, ruídasas vociféram;
Levîpedes mondés trépam, já descem
Pelas chórdas do imbê; a sussurana
Occulta-se no taboccal, e apprésta
Mortal cilada ao tímido galheiro;
Ao regressar dos rîos ou dos bréjos,
Onde fôram beber ou chafurdar-se,
Os caitetûs os dentes navalhados
Em convulsivo embate spûmeos rãngem;
As antas, suçupáras, e ariranhas,
Escólbem um abrigo que as-resalve
Do tigre, ou do caguar, cujas passadas
Se annunciam no estrépito dos côlmos
Dos taquarassûs, onde o fatal monstro
Depôz a próle, herdeira sanguinária
Da patérna sevícia; em ramo em outro
Felpudo caxing'lê inquieto pula:
O corocuturû agita as azas, —
Co' as rapinantes garras arremette

Ao manso jacù-pema, que pascia
 Os fructos do nayhá ou do embuzeiro...
 Jurutauhys, após, se esvoaçando,
 No meio dos noctívagos consócios,
 Desátam guincho atroz que ao largo echôa
 Qual sarcástica enórme gargalhada.

.

Não era entre estas árvores outr' ora
 Que se tecêram tabas dos autócthones,
 E onde se convocávam seus guerreiros,
 A' própria independência sempre attentos?
 E onde infinitas vêzes reboáram
 O clangôr do *inubiá*, trons do *trocáno*,
 O sibilo das fléchas despedidas
 Do pexadíssimo *oropá*, — tam léve
 Para as robustas fôrças d'esses hómens?!
 Sim; era aquì também que a juventude
 A exp'riência escutáva co'os consêlhos
 Dos graves anciãos, e altas proêzas,
 A ínclyta immortal glória de seus bravos,
 Ao som do maracá, — sacro instrumento
 Ou já propiciar do mal os gênios,
 Já concitar os ânímos aos prélios,
 Já deprecar Tupan, ou precisássem
 My'sticas féstas celebrar sollemnes

Em honra dos heróes cujas imágens
Lá, além das montanhas, deliciam-se
Em ludos e prazêr, ócio e manjares...
Os philóosophos sêntem-se pungidos
Ao discorrer assim largas floréostas
Derelictas, desértas d'essas tribus
Que o Brazil primitivas habitávam !
Que he feito d'ellas? No regaço existem
Da civilisação? — De humano tino
Política prevista, e justa, e sábia ,
Lhes ha dado um asylo que compórtem
Suas îndoles, hábitos, costumes?
Instruidos seus filhos, e elles mesmos,
Estâm hõje os selvágens augmentando
Nossos concidadãos? E aproveitados,
Trabalhos nossos, nossa indùstria exércem?
Oh ! dôr ! ao exterminio, á duros tratos ,
Ou á bárbara mórte os-condemnáram !
Os legítimos donos d'estas plagas
Com que direitos s'expulsáram? — Dólos,
Violências, e infâmia, e crueldades
Os-hãm desfeito em pó ! Grillhões de férro ,
Ou vexâmes, -- em vêz da só brandura
De amiga tolerância, os-assombráram ,
Os-removêram longe de seus déspotas !
Ah ! quér-se que sem pátria inda servissem

Promptos e satisfeitos (como os filhos
Da civilisação) — da liberdade
Os zelosos cultôres!... Eil-os vagos,
E no embrutecimento inda dispersos
Os perseguidos réstos d'esses póvos!
Oh cegueira infernal! quando os patrícios
Desgraçados ah! desamparâmos, —
Imos-nos corromper escravizando
D'Africa tam grosseira immundos incolas!
Eia, acórda-te, oh pátria! ou um abysmo
Ai! sorvêr-te-ha hiantes e sem regresso:
Oh minha pátria, acórda-te! Meu brado
Trõe de fim á fim do immenso Império.

HYMNO DA VELHICE.

E a juventude acaso nos insulta?!
Acaso injusta olvida
Que nem sempre curvâmos
A encanecida fronte, sôbre um báculo
Frouxos passos medindo?!

Jóvens! também outr'óra pertencemos
A's ufanas phalanges
Em que hôje vos alista
Dos annos a fatal necessidade,
Que d'estas nos degrada;

Um dia vos trará, crêde, sem falta
Simillhante destino;
Preveni-vos! os annos
Invôltos n'essas flammias que vos prêndem
Assim mesmo se extinguem.

He bello , declaràmos , contemplar-vos
Absòrtos nos prestígios
De um *plácido* futuro ,
Conculcando os pavôres , e infortúnios ,
E iniquidades de hòmens ;

A' vos sorrir o amòr *sempre* tam *puro* !
Cérta a felicidade !
A pátria *sempre grata*
Ao zêlo salvadôr com que a-servîreis !
Plenos vossos desêjos !

Ai ! não seremos nós quem vos demárque
Onde a illusão começa ,
E onde finda a verdade ;
Vêl-o-hêis apenas o ânimo abdicardes
Na progênie vindoura ;

Mas não sejáis comnôscos inexoráveis ,
Negando-nos o int'rêsse
Pelo activo progrêso ,
E os máis sâcros affectos generosos
Que a humanidade elévam !

Antes que , ah ! dos desértos nas arêias
Nóvas plantas vigórem

Cumpria que mil outras
O sólo preparássem com seus réstos,
De húmus pìngue invadindo-o;

Táes nós vos dispuzemos da existênciã
O stádio illimitado,
Agóra menos árduo,
Agóra, — por disvéllos nossos, — franco
A's aspirações vossas.

D'entre as vossas fileiras uns desértam,
E também d'entre as nossas
Trânsfugas se numéram;
Nem sam de classe alguma : oh ! abjurêmol-os,
Oh ! maldição sôbre elles !

Sim, o que á juventude sanciona
O timbre que a-assignala?
— « Do coração nobrêza » —
E á velhice? — « He a integridade d'alma, »
« Em ambas a virtude : »

E jamáis esses dótes cultiváram
Vélhos facinorosos,
Ou sceleratos jóvens :
O porvir dos segundos, sabe-o o mundo,
Dos primeiros, Deus sabe !

Triumphante se orgulhe a juventude
Das fôrças que lhe exeitam
Impulsos gloriosos ; —

Em nós estes impulsos inda existem,
Mas na razão firmados;

Ah ! o glôbo terráqueo em seu princêpio
Do sol não precisava
Para aquecer seus climas,
Depois se resfriando, — êis necessita
Solar temperatura;

Por igual módo nós, — já dispensámos
Da razão as medidas
Quando a vida encetáramos,
Porêem hõje — que o sangue se congêla
A razão invocâmos;

Alguma vêz, sem dũvida, se frũstram
Seus próvidos consêlhos, —
Isto em summa qu'impórta?
Bradaremos que assim d'ella se faça
Implacável renũcia?

Não; também o pharól que alastra as luzes
Nas vagas do oceâno

Nem sempre preservára
Do naufragoso scólho o baixél mísero
Que allí se despedaça...

A liberdade em nós ha deparado
Rígidos patriarchas;
Si tyrannos não têmem-se
De nossos braços, oh! elles trepídam
De nossa experiêcia :

E quando assoma o ensêjo, — corajosos
A desgraça arrostâmos,
E os tormentos e a mórte!
Hômens somos, parciâes dos bons, dos justos,
Ao malvado sevéros :

A' final, reiterâmos, — a virtude
Em todas as idades
Embalsama a existêcia :
Ante Deus nem velhice ou juventude,
— Só o hòmem virtuoso! —



O RETRATO.

Enviaste-me, Elóra ! o teu retrato ,
Que eu d'instante á instante, transportado
De amôr por ti, contemplo : tua imagem,
Qual a esperança em o coração do hõmem,
Ante os sentidos meus perenne existe;
Mas tua effigie no marfim gravada
Vem fiél illudir-me que eu disséra
Presente em meu conspecto divisar-te !
Crystal fino e polído que a-revéste
Me consente fruir, vîrgem formosa,
Vivido o brilhantismo de teus ólhos;
E as tuas faces mórbidas, tam puras !
Teu cóllo, onde perfeitos se modélam
Gêmeos glóbos que alvíssimos se tócam
Anhelantes de amôr, pudôr de vîrgem...
Tuas longas madeixas, pelos hombros,
Em annéis de ouro sôltas, devolvendo-se...
A cintura onde nunca as mãos de um hõmem,

Nem de léve, pousar nunca ousariam ;
Quási, quási o perfume de teus lábios
Que de húmido rubôr o sangue inflamma ;
Teus lábios!... ah ! friêza crúa impéde
De sêrem táes quâes sam : estes nem sóhem
Agóra me entender os ìgneos beijos
Que minh' alma transvêrtem na tua alma ,
N'um deliquio que enléva de delicias!...
Amo admirar-te a fronte abérta e lisa ,
Da intelligência o sy'mbolo indelével ;
Amo, Elóra, admirar n'este compòsto
Harmônico de incantos que te fórmam ,
Qual mansa pomba, — cândida bondade
Por emtôrno de ti pairando meiga :
He béllo, he celestial o teu retrato
Como tu és, meu anjo ! — mas ainda ,
Ainda as perfeições, graças, e incantos ,
Que a térra nunca vio que em ti não fòssem
Deixou de trasladal-as ; — as bellêzas,
Ah ! todas as magias do teu côrpo ,
E esses matizes que succédem n'ellas
Múltiplices, e vários, e infinitos, —
Das paixões ao impulso ardente ou meigo ,
(Qual o céo em manhã do sol dourada
De núvens realçando-se — varia
Aos sôpros do aquilão ou aos do zéphyro)

Não se alcânçam traçar n'um quadro môrto!
Si eu pôsso oscillações contar que a rósa
Fizér no cimo da vergôntea esvelta
A' bafágem das auras, também pôsso
Contar-te as graças de teu côrpo, oh vîrgem!
Branças véstes que trajas dam-te o aspecto
De creatura ideal, — vaga ondeiando
Em vivífica accêsa phantasia! —
Dilirioso eu fallo-te... eu te esento...
E a mudêz que os teus lábios, como um scêllo
Férreo e inquebrável, prende — me consterna:
Qual si possível fôra que respondas
Eu vólvo-te de nôvo as minhas sùpplicas...
Oh dôr! incértos sons que me fingiram
Os sons das tuas vózes, — que o meu nome
De amôr n'um juramento articulávam,
Eram das virações os tênues hálitos
De odóros resedás entre a folhágem!
N'este dilírio, ou têrmo indefinível
Em que nem ha vigília, nem ha somno,
Sentir julgo o roçar de teus cabêllos
Por sôbre a minha face; ao seu contacto
Despérto o coração dentro estremêce-me, —
Qual d'um pássaro a próle apenas este
Pousa á bórda do ninho, ou qual orvalho
No cálice da flôr que a briza affaga...

Quam mágico podêr te estrema, Elóra,
A' que única, e exclusiva tu impéres
Tam soberana em mim ! Os dias córrem,
E com os dias meu amôr se inflamma !

Como si as máis idéias se aniquilem
Para o espírito meu, — a tua imagem
N'elle refulge só, — e magestosa :
Assim no firmamento a estrêlla d'alva,
Esvaidos os astros, — melanchólica,
Lânguida, solitária, — lá domina !

Vem deslebrado somno, e fêcha as pálpebras
De meus ólhos ? Ao somno em fim succumbo ?
Vida perdida ! — penso : — inda eu sonhando
Ao menos si fallar-lhe, a-vir, ouvil-a !...

Estrêllas nos espaços sem medida
Vêjo invôltas em spumas argentadas,
E n'um leito de anil tremeluzirem :
Despenhárem-se vêjo das montanhas
Em lúcido lençól límpidas águas,
Onde as côres se irísam, se refrângem :
Ouço os collóquios francos da innocência :
Ou de nòivos gentis solemnes vótos :
Pela callada noite ouço dulcíssima,

Harmoniosa vóz que se gratula
De quanto sam ditosos seus amôres :
Após maviosa tarde esplende a lua,
E, ao contemplârem o astro da saudade,
Castas vîrgens, em seus jardins vagando,
Preoccupadas, abstractas, — óra flôres
Entre os dèdos desfólham, óra aos lábios
As-lévam á desdèm, — meúdo o passo
O-apressûram... suspêndem... já nem sâbem
Puras o que almejar e obrar lhes cumpra...
Clamo ah! : Grande Deus! quanto attractivo!!!
Mas ella? ella onde está? Eis-me insensível,
E inaccêssô ao prazêr — sendo ella ausente...

Em mim existirás além da mórte :
Sim; quando nos aguarde um' outra vida
Teu lá serei também; — si não aguarda
(Absurdo o máis fatal!), comigo extinguem-se
Meus vótos, qual a luz que um astro esparge
Lógo extincta com o astro que a-espargia.



O BRAZIL E O IMPERADÔR.

Dois de dezembro de 1858.

Aos raios triumphantes que dardêja
Sôbre o glôbo terrestre o sol — contempla-se
Vasto, immenso, feliz, livre um Império,
— O Império do Brazil! — Em seus progrêssos
E em sua direcção segura e próspera
De paz, de indústria, d'artes, e sciências,
De podêr, de prosperidade, e vida, —
Consciente observadôr quando o-perscrute
Sem hesitar dirá que o-rége o sceptro
De mui grande Monarcha e justo e sábio.
Não d'outr' arte ante o aspecto do Amazonas,
Do Prata, ou Mississipi, — em suas fôzes,
Onde as águas convôlvem magestosas, —
Já não máis duvidára a intelligência
Prenunciar existindo um continente

Qual só lhes póde amp'rar o caudal curso,
E dar-lhes as nascentes dignas d'elles.

Mui grato sentimento nos aníma
Si em os nossos direitos meditâmos :
Definidos por lèis, — as paixões tôrpes
Das turbas mal-morigeras não vâlem
A' os-quebrantar jamâis, quando no throno
Se assenta o filho, o néto, o descendente
D'aquelles que o SENHOR e o pòvo ungiram,
Desde évo remotíssimo, os primeiros
Defensôres e da Nação os Chefes, —
Quando he *Aquelle Ungido*, á quem só rende
Brazileira Nação um culto unânime,
O grande Imperadôr PEDRO SEGUNDO.
Repugna, incompatíveis, sãa virtude
De atróz iniquidade, — assim d' anárchica
Despótica ambição sempre irrequiéta
De entidades do pó e do artifício, —
O throno imperial sublime extrema-se!

E o throno imperial onde se assenta
O nosso Imperadôr PEDRO SEGUNDO
Nas pontas das bayonetas não se eléva,
Nem o esplendôr lhe empânam as lisonjas
Nem espionágem vil d'almas venáveis...

Não! — DOM PEDRO heo pái, o orgulho, a glória,
Do pòvo, que entusiasta o revenéra, —
A' ELLE cujo diadema real cinge
Máis a fronte d'um Gênio que d'um hòmem!
Emtórno d'ELLE, como emtórno d'hástea
De virente palmeira a alta folhágem,
Páiram as esperanças de seus súbditos,
D'ELLE háurem os alentos e a firmêza,
Por ELLE se interéssam que os orvalhos
Da placidêz perenne e de venturas
Que Deus envia aos justos, sem fallência,
Lhe amêiguem sempre o coração magnânimo.


Vêde-o dos Brasileiros circumdado! —
Os filhos do futuro, em cujo sêio
Se inflàmnam as idéias grandiosas
De Deus, pátria, e virtude, — essas phalanges
De intelligentes jóvens, — jóven ELLE,
E máis intelligente, attrahe-os fácil
Por benéficos dótes do seu ânimo;
Esses em quem hinvérnos registráram
Memórias e experiências do pretérito
Sinceros anciãos á próle ensinam
Adorar o Monarcha, idolatral-o,
Sem o qual impossível já lhes fòra
Lançárem-lhes a abênção d'hòmens livres,

E d'hômens livres despedir-se á mórtel!...
A liberdade n'ELLE identifica-se —
E ELLE existe no alvêrgue do máis póbre
No alcáçar do máis rico, em todo o Império.

O podêr soberano que o-revéste
Assimilha essa fôrça que modêra
Curso etérno dos órbes nos espaços
Infinitos dos céos : um central astro
A ampla curva devolve emtôrno de outro ;
O satélite humilde ; e o máis subêrbo
Dos planêtas ; — a estrêlla , cujo móto
Os cálculos de astrônomos não sáhem ;
E os prófugos comêtas ; — nebulosas
De esphêras em myriadas diffusas ;
Asteróides ignótos ; — finalmente
Rude acêrvo de cósmica matéria ;
Não sam abandonados aos arbítrios ,
A's desórdens do acaso ; em harmonia ,
Entre si , entre todos , se compórtam :
Os póvos do Brazil assim progrêdem ,
Mantendo-os o Monarcha em seus direitos.

As páginas da história que memóram
Do século presente altos succêssos
Não se oblitêram nunca : aos porvindouros

Seus brônzeos characteres lhes transmitem
— Que immune do terrôr e tyrannias, —
O Império do Brazil exhibe ao mundo
Nóbre exemplo da fôrma de govêrno
Dos hòmens o máis digno, e o só perfeito :
Os progrêssos do pòvo sempre vîram
Precedêl-os á frente o Generoso,
O Grande Imperadôr PEDRO SEGUNDO,
Que detestando imp'rar sôbre a rudêza
Prodìga protecção, sciência, e estudos,
Porque todos os súbditos se illústrem :
Qual diamante das trévas não precisa
Para esplender si esplende á luz do dia :
Sim ! dezenóve o século pertence-lhe !



DOIS SÝMBOLOS.

No desérto era um plaino todo ornado
De rélvas e de flôres,
Onde ha por muitas vêzes respirado
Remurmûrios e olôres
A frêscã mansa briza,
E onde vélhos, e jóvens, e os infantes,
Da vida, que desliza,
Amávam desfructar lédos instantes.

E eu dizia entre mim, vendo-o qual éra
O sítio delicioso :
« Deus sempre conserval-o bem podéra
Tam fértil e formoso ! »

E um dia amanhecêo, ái ! em que apenas
O'lhos que abençoávam-te
Soubéram conhecer-te, oh sítio amigo ; —
Nem rélvas máis, nem flôres tam amenas !...

Aqui... lá... negrejavam-te
Manchas de incêndio e cinzas! Eis comsigo
Todos, — ao vêr as lamentáveis scenas, —
Sem recurso julgavam-te.

E eu dizia entre mim, vendo qual tórna-se
O sítio delicioso :
« Deus he grande, e si quer o plaino reórna-se
D'incanto máis donoso. »

Por este ao transitárem viandantes, —
Si acaso se dignavam contempl-o,
Sohiam-lhe augurar : « Ao que era d'antes
Nunca o-esperêis, não ha máis restaural-o ! »

E euros sópram, — semêiam no desérto
Os gérmens productivos
De mil, mil vegetaes, sem que d'aquelles
Nenhum depare o alento o máis incérto, —
Da vida os incentivos :
Mas quando sôbre o plaino descem elles,
Eis á brotar!... florir!... entâm cobérto
Vio-se o último de nóvos attractivos!

Suas rélvas máis viços já desprêndem!
Suas flôres — ainda

Efflúvios máis balsâmicos recêdem !

Perspectiva máis linda

O plaino já ostenta !

E o deserto? — máis nù e sitibundo

Cada vèz se apresenta !

Cada vèz máis estéril e infecundo !

E eu me disse entre mim : « Sy'mbolos claros

Do homem justo e do homem scelerato !

— Os actos os máis nóbres, os máis raros,

Nunca obterão mudar o crime innato :

— E do aleive á furial sollicitude

Nunca he dado extinguir firme virtude. »



O COLLOQUIO.

A promessa feliz cumpriste, Elóra !
Oh ! que amáveis palavras realisas ! —
Fixas no pensamento, — me adoçavam
Amargos dissabôres,
Como suavisa o mel os alimentos
D'aspérrimo azedume.

Esperanças phrases, ah ! me fôram
Tuas phrases divinas : « Noites claras
« De plácido luar temos tam béllas !
« Amanhãa vem comigo
« A' gozarmol-o sós sôbre a montanha
« Eminente á bahia¹... »

Comtigo em liberdade eu exultava
Por haver-me de achar : — impaciente,
Insoffrida avidêz insta e me ancêia

¹ Do Rio de Janeiro.

Que bréve amanhecesse ,
Bréve findasse o interminável dia
E me visse ao teu lado.

Que noite imaginosa hõtem me coube !
Que alternado sonhar, ou lédo, ou triste, —
Angústias ou prazêres me entranhára !
Os sônhos me exauriram
A paz do coração, — quâes parasitas
A seiva d'um arbusto...

Em todas as idéias, — d'uma em uma,
Sempre certa e infallível te enlaçavas,
— Tal qual n'uma grinalda se entretece
Lindo fio de sêda
Prendendo flôr e flôr... Enches minh' alma
Como Deus o universo!...

Figurava-me vêr-te, — qual agóra,
Sentada, junto á mim, sôbre os tapêtes
De afrouxelada gramma, n'este sêrro,
Mirando a naturêza;
A naturêza absôrto n'esse instante
Eu em ti limitava :

Via-te debruçada em o meu cóllo,
Escutando de amôr almos extremos;

O luar sôbre os valles ã lãnguideo ,
E balsãnica a briza ,
Módulos de uma flãuta se mesclãvam
Ao frêmito das ondas :

E fallava-te assim : « Dize , meu anjo !
Sabes tu o que incende o agrêste pombo
Para meigo gemêr emtôrno á amada ?
O que impêlle o oceãno
A' não mãis reprimir ondas frementes
Em seu grêmio cerûleo ?

O que o ânimo sensível nos commove
Ante o bello, o sublime, o grandioso ?
O que inunda de luz a esphêra inteira,
De cantos, de perfumes ,
De vida , de prazêr, de movimento ,
Si a auróra alvêja?... Dize !

E poderás entã saber ao justo, —
Um e um adivinhar meus sentimentos,
Meus êxtasis de amôr, os meus dilîrios,
Dulçôres e as venturas
Que exp'rimento no affecto puro e etérno
Que me outórgas , oh vîrgem !

Eu amo o teu semblante onde revôa
Leve melancholia, — não tristêza
Unifôrme, e afflictiva; — elle recorda
 Manhãa de primavêra
Em que nùvens subtis, não chuva, orvalho
 Imperceptível vértem!

Da bellêza o ideal és tu, Elóra!
Como flâmmea ardentia, sem descanso,
Nos mares se revolve, e refulgura, —
 Assim nos sêios d'alma
Vaga-me, ondêia, impêra a tua graça,
 Tuas fórmas celéstes!

Em toda a condição de minha vida,
Em toda a circumstância, em todo o passo,
A memória de ti sêgue-me sempre; —
 He qual ária a mesma, única,
Que, sempre incantadôra, só se alterna
 Em vários instrumentos!

Estremecia eu já que me faltasses
Ao nocturno collóquio, — receiosa
Que nos vissem aqui; ou já que horrível

Repentina moléstia
Te abatêra no leito os puros membros ,
Ai ! sem mim ao teu lado!...

Amanhecêo apenas, — levantei-me
A' esperar pela noite : um cinto nêgro
Arqueava-se largo no horizonte, —
Material exprimindo
O cinto com que o fado abarca o mundo
No discursar de sábios :

Gradualmente após da esphêra o brilho
Some-se sob o véo d'extensas nûvens, —
Qual dos ólhos a luz que máis se apouca
Sob ciliar membrana
Quando o somno a-distende manso e manso
Té de todo cerral-a :

Quási em funéreo pranto o céo desata-se;
Rumorêjam as fôlhas do arvorêdo —
Com um igual rumôr ao rumôr d'água
Que ao fôgo espuma e ferve
N'uma caldeira alêneã; ábrem relâmpagos,
E ribombam trovões...

Eu corriã co' a vista o firmamento
A' vêr si um ponto azul scintilla á caso ,

Si algum ráyo do sol já penetrava
O tenebroso manto,
Si o vento repulsára ás outras partes
A impertinente chuva :

Com teu nome em os lábios exorava
Que o tempo se abrandasse ; espaços claros
Co' o magnético olhar me parecêra
Que os-tornava máis amplos !
Loucas imprecações já me rompiam
A's intempéries do éther!...

Pensei sêr-me impossível hõje vêr-te
Qual agóra te vêjo ! e que esta noite
Se tornasse tam bélla qual a-temos ;
Parece que em lindêza
Ella tanto medrou, quanto se encurta
Ai ! invida e acintosa !

Teu nóbre coração convêm, Elóra !
Crê, ao meu coração, minh' alma á tua ,
E o meu amôr ao teu amôr : meu anjo !
Segrêdos de teu sêr só eu comprehendo-os !

Ah ! nem os recém-nados resplendôres
Do astro augusto do dia reflectidos

Na gramma avelludada dos oiteiros;
Nem os lânguidos ráyos d'alva lua
A' luzir entre os léques das palmeiras;
Nem diadema gentil de estrêllas d'ouro
Fulgurosas cingindo o azul dos montes;
Nem diáphanas neblinas desdobrando-se
Em transparentes véos de que se adorne
A serena manhã; nem os dos mares
Frêmitos gemedôres que esmorécem
Nas arêias da plaga; nem incantos,
E harmonias, enfim, da naturêza;
Aprázem tanto aos bardos quando ancêiam
Inspirações beber co' a mente absôrta,
De poesia deífica inflammada, —
Quanto meiga, oh Elóra! tua face,
Tua face divina he aos meus ólhos.

Quando n'aquella noite em teus ouvidos
Filtrou-se a minha vóz, que palpitava
 Por ti, por ti de amôres,
Me podéras dizer, — e tu disséste-o : —
« Bardo! essas expressões que amôr me jûram
 Falsários não as-técem? »
Sim; disséste... porê m o teu amado
 Já no ânimo te falla,
E como os outros pássaros não temem

Férrea garra d'açôr occulta em plumas
Do harmonioso pássaro tranquillo,
Assim, oh minha amada, não temêras
Em mim a falsidade.

Anjo celestial! — si a eternidade
Me houvêra sêr por Deus á mim sómente,
Oh! sem ti, — outorgada; — com desprêzo
Eu, não hesitaria, — a eternidade
Sem ti eu repugnára!



AO CAHIR DA TARDE.

Magnífico ao zenith o sol se adianta ;
De lá, como um condôr que se pairava
N'alta cima dos Andes, — descahindo
 A' se acolhêr ao ninho, —
Dos planêtas o rei no occaso desce...

Apraz-me a tarde vêr sem luz, sem trévas,
— Respirando e saudades e delícias, —
Recorda a nóva espôsa que abandona
 A' par do charo espôso
Amáveis páes, — nem ri, nem prantos vértel!

Sentado em solidão sôbre as collinas,
Muitas vêzes assim os meus olhares
Domînam os contôrnos que assignálam
 A sumptuosa cidade,
Onde assíduo agitar de vida eu ouço;

E medito entre mim : n'esta hórã mesma
Que elementos diversos se debátem
No recinto da sociedade humana, —
Desditas, e venturas,
Vícios, crimes, virtudes, e indigências!

Meu Deus! ah! si me déras esse indulto,
Eu corrêra á extremar em sua orígem
As condições dos hómens, e sanar-lhes
As horríveis angústias
Que, não tu, elles próprios se irrogáram!

Bárbaros sam os tigres; porê m o hómem
Nas sélvas e alcantís invios dos montes
Não recêia das féras tanto as garras
Quanto a perversidade
Dos seus, dos seus congêneres sómente!...

Além, — aquelle freme ao nome sacro
Da pátria que idolátra, e que humilhado
Desespéra servir contra os traidôres,
Ou contra prepotentes,
Armados de influêcia e de vinganças :

Aquí, — exinanidos de trabalhos,
Mal dispondo de rédditos incértos,

E inefficazes aos dispêndios, cárpem-se
Térno pái e mãe téria
Que vêem os filhos nús, quási affaimados :

Adiante, — em feliz mediania,
Ou já entre riquêzas bem-havidas,
Exáltam outros; da arte não precisam
Que remórsos abafe,
Sempre isentos do horrôr da iniquidade :

Alli, — maldiz-se um jóven que misérrimo
Não podéra valêr a máis honesta —
Muito formosa amada supplicando
Auxílio e meigo amparo,
Que a modéstia e a fraquêza lhe resálvem :

E, — no meio das scenas infinitas
Que esta hóra do crepúsculo contempla,
Assômam os artífices dos crimes,
Da astuta hypocrisia,
Do tórpe aviltamento, e da perfidia...

Pelo divino indulto — protegidos
Ingênitos impulsos de minh' alma,
Eu quizêra doar ao jóven triste
Que recinja em seus braços
Venturosa a bellêza que elle adóra :

Eu quizéra doar ás térras máguas
Do pái e dôce mãi áurea abastança,
Em que víssem os filhos seus dotados
De véstes e alimentos,
Seguindo a vocação que lhes confôrme :

E ao defensôr da pátria, que esmorece
Ante o jugo tyrânnico, eu doára
Alentos com que estôrvos superasse,
Com que immortal grangêie
O triumpho da causa da justiça :

Doára ao que viver no puro grêmio
De grata placidêz, a consciência
De que tal qual existe, e que não déve
Ao crime e atrôzes vícios
O estado máis suave em que prospéra :

Aos infames, aos máus, aos sceleratos,
Aos pérfidos, e hypócritas, — doára
Véro arrependimento, e os-volveria
A' sociedade úteis,
De que sam o flagéllo, e sévo estrago...

Inda immérso em meditações, prosigo :
Só Deus he grande ! — Um século decorre ,

E a superfície inteira d'este glôbo
Se déspe, e repovôa
De nóvas gerações que se succédem !

Ah ! si todas as gentes que hôje vágam
N'este vórtice rápido da vida, —
Gastas, e consumidas de avarêza,
De ambição, e do incêndio
De paixões desregradas, des'parécem,

Não quererei calcar-lhes os vestígios ;
E assim como se escólhem n'um passêio
Os sítios máis amenos, — eu prefiro
No valle da existência
As perfumadas sendas da virtude :

Em paz co' o meu espirito, — surrindo
Entre enlêvos do amôr e da amizade,
Modulando em minh' harpa íntimos cantos,
Talvêz, talvêz que um écho
Ao longe no porvir meu nome salve !...

DÓRME!

Dórme! no somno plácido allivía
O teu côrpo suave, oh minha amada!
A briza da manhãa já se embalsama
Co' os efflúvios das flôres, e suspira
Ao primeiro clarão da nóva auróra :

Os frêmitos harmônicos dos mares,
Mellifluo o gorgear do goturama,
Mui longíquos se québram nos espaços,
E o mimoso silêncio que dilata-se
Emtôrno de teu leito não pertûrbam :

Dórme! junto de ti eu vélo attento;
De ternura e de amôr plena minh' alma,
Eil-a, — saudosa, e muda permanece, —
A harpa, si bem que plena de harmonias,
Não máis pulsada, — tácita não sôa...

Oh ! quanto, minha amada, és tu formosa !
Sôbre o cóllo encurvando os braços de anjo,
Acalmas gêmeos glóbos que soluçam ;
E d'estes entre o ninho as mãos reúnes, —
Quáes duas brancas pombas que se amêigam :

A faixa azul-dourada que a cintura
Graciosa te apérta — êis se desprende ;
E um alvíssimo brial pallia apenas
Tuas fórmas de vîrgem, que languêscem
Na indolência tranquilla da purêza :

E, sôltas pelos hombros alvos, mórbidos,
Da ampla serena fronte se debruçam,
N'um lado e n'outro lado, áureas madeixas :
Léve gemido exhalas : quási ondêia-te
Sôbre as rósas dos lábios um sorriso !

He teu sorriso, Elóra, a f'licidade ;
Os meus vótos de amôr talvez recordes,
E sorrís para mim nos pensamentos !
Sabes que, do órbe á glória indifferente,
Como o Eitérno e a virtude a ti eu amo...

Eu te espéro : verei quando despertes,
Do pudôr entre o enlêio, em mim só fitos,

Teus lindos ólhos, húmidos de lágrymas,
Quaes de góttas de orvalho se humedecem
Dos tenros ly'rios velludados cálices;

E nas faces puríssimas as sombras
De teus compridos cilios estampadas
A fluctuárem; — táes como fluctuam
Térnos ráyos dispersos que as estréllas
Refléctem nos crystaes d'um manso lago!

Inda ouvir-te-hei a vóz cadente e meiga,
De attractivos sympáthicos dulçôres, —
Onde o meu nome vágue, — perfumado
De teu hálito ás flammás que devólvas
Modesta, e, ah! da surprêsa affadigada!

Minhas vistas absôrtas si eu te inclino
Ao delicado vulto assim dormente, —
Aníma-se em men sêr vida ineffável!
Tam formosa tu és! — toda recendes
De incantadôras, maviosas graças!...

Deus! e comtudo póde brêve instante
Sob as garras da mórte congelal-a
Na prematura flôr da juventude?!...
N'esse ponto, desviada a origem d'elles,
De mens dias o curso se exaurirá...

Dórme pois ! dórme ! — lívida tristêza
Ao menos não afflige os teus sentidos;
Góza insontes delícias do repouso, —
Sem pensares sinão em que eu te adóro :
Nossa vida he o amôr, quanto ditosa !



OS RĪOS.

Si grandes emoções amáis profundas,
Vós, sensíveis e intrépidos, commigo,
Vós, cultôres da naturêza! oh! vinde:
Descendentes dos fôrtes Nhengahybas,
E bravos Aymurés êis nos esquìpam
Solidíssima ygára, que excaváram
N'um tronco immensural de marajuba;
Partamos : nossos rĭos já sulquemos.

Vêrde mangue em arcadas d'órdens múltiplas,
Qual sumptuoso aqueducto, se prolonga
Dos rĭos juncto á fóz no salso pélago:
As lymphas que estes vólvem bonançosas
Embálam-nos a ygára e nol-a tiram
Serena e mollemente e sem fadigas;
Suas márgens de arêia alvi-nitente,
Onde a gaivota geme, e onde coqueiros

Dispersos grata sombra além projectam,
Ampliam-se desértas e soídasas!
E aquelles flexuosos se convôlvem
Por várzeas de verdôr alcatifadas, —
Que sùrdem-lhes, assòmam-lhes diante,
E dir-se-híam obstar-lhes a passágem
Sempre franca, entre vóltas successivas:
He assim que se fñgem terminados
Da humana perfeição os horizontes —
Sempre, sempre á alongar-se á novos términos!
Rápidos estes outros accéléram-se
Em um leito semeado de arrecifes,
De ilhas, e de penínsulas, e angusto
Entre altas ribanceiras de granito;
Suas torrentes lá rodomoïnham
Em triplicados vórtices, ou spùmeas,
Revoltosas, em saltos precipítam-se,
Em cachoeiras e hórridas cascatas; —
Turbilhões de finíssimos orvalhos,
De góttas de crystal ennovelladas,
Quaes núvens de resplêndida poeira,
Por emtôrno em os ares, se suspêdem;
Os échos nas floréstas reperecûtem
Recrescientes fragôres, que recórdam
Aos guerreiros selvágens temorosos
Cholérico estampido de Tupan!

Os náutas não se arriscam em táes lances
A' marcar avante a nossa ygára, —
Em terra a-váram, rójam-n-a á distância
Até que ultrapassemos o intervallo
Impérvio e innavegável; mas nem sempre
He igual o perigo; antes frequente
Catadupas concédem que, alestada,
A canôa os obstáculos supére-nos
E continûe á sirga em a derróta :
Apraz-nos vêr as ilhas co' o arvorêdo
Immóveis, e impassíveis, assentadas
No centro inquieto e túrbido das águas!
Aleyons, mauharys, e as anhupócas
Passêiam-lhes nas praias formosíssimas,
Coalhadas de lentas tartarugas —
De conchas primorosas; hérvias, juncos,
As cannas-bravas, sérvem de pastágens
Aos manahys — ao peixe-boi, que aleita
No peito os próprios filhos. Vêr apraz-nos
Os rochêdos que traços indeléveis, —
Insculpidos, em tempos remotíssimos,
Pelo nível das ondas d'estes rios, —
No preexcelso tópe inda consérvam,
E emblemas e signaes indecifráveis
E inscripções hierogly'phicas, que o tempo
Não podéra delir, que nos attéstam

Catástrophes de entâm, vicissitudes
Phy'sicas e moraes n'este hemisphério!
Em massas rócheas núcleos isolados
Véios de quartz alvêjam engastados
No granito vermêlho, pardo, ou nêgro,
Como cândidos cysnes debatendo-se
Entre as garras de abutres monstruosos;
N'outras sam placas, lâminas micáceas,
Que refléctem gemmantes resplendóres;
Ignaro o vulgo scisma ao divisál-as
Na existência real e incontestável
De inexháustos thezouros, e os-propala:
A avarêza, a ambição, e a phantasia,
Devotados prosélytos, — o-attêndem...
Oh! quando os rîos do álveo se arreméssam,
E transbórdam infrenes, caudalosos,
Todas essas campinas se submêrgem,
E o arvorêdo alteroso êis reverdece
Co' as ramágens erguidas fóra d'água,
Que o-povôa de seus habitadôres: —
O jaguanné, sauiás, cochiûs, lyráras,
E immensos de selváticos quadrûpedes,
Surprêsos do alluvião, em transe, afflictos,
Medrosos excogítam resalvar-se
Nos gallios superiôres; d'alli mândam
O'lhos saudosos, — longe, — á térra firme,

Tenteando, aí! em vão, transpôr as vagas,
Que a lontra, o capivára, e os ariranhas,
Entranhados de gôzo, e dando caça
A' myrìdas de peixes, — atravéssam :
E a gibóia e a feróz sucurujuba, —
Mui disformes serpentes, — sobrenádam,
Ou, lá em térra, n'um tronco rev'lutas
A' meio comprimento, a prêza aguardam;
Terrível jacaré, — sem movimento, —
S'estende entre as conférvas, entre os juncos,
Entre o arrozal dos pântanos; — nas conchas
Que lhe fórram a coura resequida, —
Illusos da apparência com um tóro
D'uma árvore decrepita, não raro,
Lhe descànsam em cima infindos pássaros
D'innóxias, molles plumas adornando-o : —
D'igual módo entre os homens nós tratâmos
Monstros de cuja malvadèz cumpria-nos
Fugir com aversão, de horrôr transidos!...
Nas órlas submergidas do Orenòco,
Tam próximo á rios nossos, foi que outr'óra,
Sôbre gigânteos stipes das palmeiras,
— Dos murutys esvêltos, — construíra
E entretecêra um pôvo os seus tugúrios;
Da noite pelas trévas, de repente,
O navegante, no alto das floréstas,

Attônito admirava ouvir ladrìdos
De cões, e accêsos fógos á luzirem...
Pela manhãa os lares distinguìam-se
Do Guarany suspensos, como os ninhos
Do tamurupará, — junto á folhágem
Dos murutys, que agitam seus fastígios
Qual léve parasól de vêrde sêda!...
He grato vêr, depois, quando retìram-se
Ao fundo dos seus leitos primitivos,
Fertilidade activa e infatigável
As enxutas campinas enfeitando,
E até os tremedães, que mal enxûgam;
Molle gramma, o capim, brandas hervágens,
Os arbustos em flôr, — vicêjam préstes
Onde inda ha brêve os limos e os nateiros
Pingues se depozéram; — pressuroso,
E ávido o agricultôr confia á têrra
Preciosos gérmens que ella lhe transfôrma
Em cêntuplas riquêzas : êis vigóram
A mandiôca, e o aipim; ciclãm brizas
No dôce cannavial, e em bananeiras;
A batata, o melão, tajás, e o inhame,
O arrôz, o abacachì, e o milho, e o trigo,
Repullûlam com outros nutrientes
Tãu ûteis vegetáes. De longe em longe,
Ao largo, descortìnam-se, alvejando,

Os casaes, e amplas granjas de fazendas,
De abastadas estâncias; ou descóbrem-se
Os engenhos de assúcar em moendas,
Em trabalho incessante e lucrativo;
Congratûlem-se fáustos os destinos
Do lavradôr, que sabe circumdar-se
Das verdadeiras dádivas celêstes,
Que o sólo póde só mimoseiar-lhe!
Quam diversos os rîos se aprêsentam
Nos terrenos auríferos!... Com estes
Ai! contrástam d'horrível módo aquelles!
— Suas águas, em vêz de exuberantes,
Em canaes desviadas, báixas, póbres;
Os seus álveos, em vêz de ingentes, livres, —
De cascalho obstruidos e de sáibros;
Suas márgens, em vêz de férteis, prósperas,
— Minerações, lavágens as-desólam:
A agricultura aquí prantêia os campos
Revolvidos, privados de seu húmus,
Que as torrentes expórtam e acarrétam:
Mas a prata, a amethista, e o diamante,
O ouro, e de raras gemmas toda a cópia
Sedûzem, e deslûmbram, e alliciã
As ambições dos hômens: n'um relance
Eis a fama os-congrega n'estes sítios;
Promptas habitações já se agglomêram

Nos célebres contôrnos; a opulência
He tam fácil, magnífica, e alli certa!
O luxo e a profusão prodigalizam
A precária fortuna onde a existência
A' mîngua fenecêra na penûria
De producções agrícolas, e vîveres!...
Insanos! vossas minas se exgotáram,
Vossa fictícia e atróz prosperidade
Ephêmèra extinguiò-se d'um só golpe;
A miséria sentou-se á vossa pórtá...
Os olhares lançáis para estas veigas?
Ai! que a esterilidade, como a roupa
De cadáver corrupto, — as-amortalha,
Ou, antes, de destróços cumuladas,
De pedregulho e mineráes resíduos,
— Similham cemitério acobertado
De crâneos insepultos, e óssos sparsos!...
Mens amigos, singremos n'outras plagas
Onde, oh! vîrgem ainda a naturêza
Se ostente soberana e grandiosa;
Ah! quanto sam amenas e incantadas
Suaves perspectivas que se frûem
D'ellas á par desenroladas, — como
As compridas madeixas de uma nympha
Ornadas de primôres e aderêços, —
(Nos quâes a arte excedeo-se ao esmeral-os)

Sôltas da fronte aos pés d'um lado e d'outro
Emmoldando o perfil do lindo còrpo !
Mansas bahias, gòlphos, e enseadas,
Graciosas se infléctem, por espaços,
N'estes rios, — já cùrsem lentos, céleres ;
As neblinas que a auróra lhes affasta
Córam-se, e adêjam léves sôbre o zéphyro ;
Luxuriantes céspedes fluctuam-lhes
No fio da corrente, e avulsas árvores,
Trajadas de verdôr, — de parasitas,
E pulchérrimas flôres ; agoyazes,
Auhapís, mururés, alárgam fôlhas
Quaes discos d'esmeralda, á tona d'água,
E reúnem suas hâsteas entrançadas
Em plena floração vertendo arômas ;
O anhumá, o arirambá, e o quéroquéro,
Nas adjacências húmidas dos rios,
Disférem os clamôres, que máis lûstram
A amável melodiã das graûnas,
Dos térnos urandys, e goturamas,
Que modulam pousados nas palmeiras ;
Emquanto que o mingué, e o massarico,
Jassanans, paturis, gaivótas, garças,
Em milhares, percórrem essas águas,
Onde nádam, mergúllham, brincam, nùtrem-se ;
Além, montanhas érguem summidades,

E entremóstram encóostas revestidas
E esplendentes de anil e argêntas nûvens,
— N'algun dos alcantîs o fôrte brado
Qual da tuba o clangôr, na soïdão sólta
Bravo o gallo-da-sérta formosíssimo;
De gramma avelludadas e de hervágens,
Collinas se succédem, proclinando-se
A' osculárem-se mûtua e brandamente,
— Do sol os ráyos n'ellas multiplicam
Os prestígios da luz e ambíguas sombras;
Aos hálitos das brizas perfumadas,
De taquáras, allì, os verticillos
Aéreos e volúveis estremécem-se, —
D'estas ha que em abóbadas recûrvam-se,
Pavilhões debruçando, em que volitam
Colibrîs e esmaltadas borbolêtas,
E onde o pipilo gemedôr da rôla
Se ouve mesclar ao re-ranger das fôlhas;
Aquì, sélvas frondíferas se addênsam
Das quâes o jaguar nêgro, o côrço tímido,
O guará, e o xuré, — em turmas sáhem
Com outros animâes para abbreviárem-se;
Na igualdade das cópas do arvorêdo,
Alguns dos rêis longévos da florêsta
Mâis exáltam os tópes orgulhosos, —
D'onde ataláia o gavião as vîctimas,

Ou d'onde meiga pomba véla a próle,
Ai! táes quáes a innocência e a iniquidade
Ambas de preeminências soccorrendo-se
Aquella para o bem, para o mal esta!
Nos sítios em que as márgens se aproximam,
Árvore recingidas e implicadas
De cipós robustíssimos flexíveis,
Batidas das lufadas da procélla,
Os-arremessam, como longas chórdas,
Sôbre o leito do rio, — os cipós trávam-se,
E suspêdem-se em pontes de verdôres
Por cima de caudáes spúmeas torrêntes!

.
.

Dos rios do universo eil-o o primeiro!
Recostando-se em valles que bastáram
Para a séde de Impérios grandiosos, —
(Houvêsse elle dignado-se ceder-lh'os!)
— No vasto sêio acólhe os tributários,
Dos quáes vólvem-lhe alguns sublimes feudos,
E aquí só o monarcha os-vê segundos!
Todo ébrio de ufanía, e glória, e fôrças,
Pressuroso se avança entre as floréstas
Que os séculos nas márgens lhe frondêjam,
E lhe realçam de flóridas grinaldas
E festões de verdôr, — e entre rochêdos —

Memorandos trophéos de seus triumphos!
Com o Atlântico encontra-se : — subêrbos
Precedências do passo ambos aspiram,
Ou duvidam talvez onde se trácem
Os limites do leito que possûem...
Em pugna os dois rivâes se arrójam horrídos!
E o oceâno os altos éstos alevanta,
Com a sua impulsão, pêsso, e violências,
Já lhe tarda a victória enraivecido;
O Amazonas, porém, não retrocéde,
Subléva-se, e deslisa sôbre aquelles
E os-sossóbra no abysmo de sen álveo,
E mantêm sua côr, — sua doçura
Mesmo no centro undoso do Atlântico,
Revendicando sempre a independência
Contra o cérulo déspota, que instáura
Em períodos o prélio : — entâm retumba
A poróróca, — e echôa em as montanhas
E profundêz das sélvas co' um estrondo
Que abafára o estampido retroante
De cem trovões que estálem...

Ah! impróvido

Não arrisque o viajôr a sua ygára
No theatro e no accêssso dos furôres
Dos régios adversários, que só pôdem
Invictos mutuamente profligar-se.

CÂNTICO DE AMÔR.

Vem, vem, oh minha amada! estremecidas
Mysteriosas flammias me deslìzam
De fibra em fibra apenas te contemplo,
Mulhér formosa!

Ardo saudoso pelos teus amplexos,
Pelos ósculos teus, pelos teus risos,
E pelos teus suspiros, — finalmente
Por teus amôres...

Ah! fruìr teus amplexos, he fruìr-te
A cintura infantil, virgíneos glóbos
Níveo cóllo á arfar, braços mimosos,
Mórbidos hombros!

Teus ósculos fuìr, não he fruìr-te
Os lábios máis suaves do que as rósas

De orvalho humedecidas, fronte pura,
Pudicas faces?

E fruïr os teus risos, he fruïr-te
A complacência meiga e delicada,
Attractivos celéstes e ineffáveis,
E as graças de anjo!

Fruïr os teus suspiros, he fruïr-te
Coração melanchólico, e sensível,
Modéstia, e a candidêz, as esperanças,
Prazêr, delirios!

Fruïr os teus amôres, he fruïr-te
Tudo quanto resûmem de máis dôce
Teus amplexos, teus ósculos, teus risos,
E os teus suspiros!

Frequentemente ondêio suspendido
No enlêvo de desêjos illusórios, —
Si os-fórmo por ti, brando confôrto
Meu sêio affaga :

Quando ouço o soïdo léve da aura,
E os frêmitos plangentes do oceâno,
E os murmûrios das fontes, só anhélo
Ouvir-te as vózes !

Quando respiro da magnólia odòres,
Da manga, do ananaz, do jambo de ouro,
E flóreo manacá, — máis anhelára
Respirar-te o hálito!

Quando vêjo da naturêza inteira
As bellêzas, os esplendôres, scenas
De alta magnificência, ainda anhélo
Vêr teu aspecto!

Resplêndem entre os véos nêgros da noite.
Na abóbada diáphana dos ares, —
A's lês do Etérno Sêr submíssos órbes,
Eis que imagino:

Oh! quantos évos volverão immunes
De mortífero excídio, sem as luzes
Offuscárem, no curso grandioso
Sòbre o infinito!

Porque eu e ella assim não viveremos?
Prouvésse á Deus doar-nos que do tempo
Por segundos contássemos os séculos,
E sempre amando-nos!

Sempre amando-nos, co' ella me perdêra,
Máis livres que estes astros, nas alturas,

Nas amplas profundêzas que não médem
Têrmo e limites!...

Qual arbusto que abriu todas as flôres
A' perfumar da primavéra os dias, —
Aos teus incantos eu franquêio todos
Meus sentimentos :

Nem és própria á incender paixão d'instantes,
Nem te sei adorar sem que te arróje
Aos pés meu coração, meu pensamento,
Minha vida e alma :

Oh ! sim; Elóra ! Elóra ! ávido quéro
Adorar-te absoluto, único, ardente, —
En quéro em nosso amôr a eternidade,
E o espaço infindo !

ÀS PLAGAS DO OCEANO.

Mêia noite! no azul do éther a lua,
Radiando o clarão puro da auróra,
Balancêia amorosa o disco argênteo :
Ao tempo que minh' alma se concentra
Saudosa e pensativa, — compellido
Por íntima tristêza indefinível, —
Me assento á escutar o fremir lânguido
Das ondas do oceâno...

Ainda ha pouco
Tremêreis consid'rando como ardente
De liberdade plena e do infinito
Se espraía, e córre, e vái de pòvo á pòvo,
Até os máis remótos continentes; —
E antes chêga aos limites d'este glôbo
Do que jamáis alcance o que aspirára :
Entâm elle indignado se revólta,
Hórrido se enfurece, e agita, e brame;

Sòbre as bórdas de tòrvos sorvedouros
Alevanta-se, e aos ares arreméssa
Atropelladas vagas em columnas —
Qual um exército de cavalleiros
Bárbaros, cavalgando corcéis rápidos
Alvejantes de espuma, através de îngremes
Asp'ros desfiladeiros, em desórdem
Precipitando a marcha, depois da hóra
De combate sangrento e porfiado...
Agóra, geme, e se prantêia tímido,
Qual imbélle criança ! Eil-o fatiga-se,
Modéra-se, e descáhe, ousando apenas
Nas plagas (que subêrbo fustigára
Chêio de atróz rancòr) térnos, humildes,
Brandos gemidos exhalar... carpir-se
Parece que as aspirações que o-animam
Sêjam as do infinito, e que elle, ái! sêja
P'ra sempre recalçado e confrangido
N'um álveo horridamente circumscripto !
Ah! eu amo também de alguma fórma
Te ouvir gemer, oh poderoso, oh fòrte!...

Aquí o hòmem sensível e philósopho
Se commove igualmente ao grande aspecto
Do magestoso oceàno, — mas de um módo
Que á outra órdem de pensamentos léva-se :

Sim; fôram no pretérito estas ondas
Que rebatêram já triumphâes muros
De potentes impérios; já curvâram
O dôrso independente sob a quilha
Das flótas de cruéis conquistadôres;
Supportáram os galeões pejados
De exquisitas riquêzas que alboreávam
As mercantes nações; já recolhêram
Charo sangue de heróes e os corpos d'estes,
E os de filhos valentes, dedicados
De uma pátria inditosa; já mescláram
Bramidos e suspiros seus aos brados
Das victórias máis ímpias ou sagradas,
E aos suspiros e aos estertôres lûgubres,
Ou ás imprecções de sceleratos, —
De livres cidadãos mui virtuosos,
E de tyrannos déspotas; cobrîram
Já sparceladas áreas d'essas côrtes
Que hõje palácios érguem faustuosos,
E onde populações industres cûrsam :
No presente, meu Deus! n'esta hõra própria,
Ellas bânham ruínas coacervadas
De calidas cidades, — que exercêram
O domínio do mundo, — ainda bânham
Os elegantes cáes d'outras cidades
Ricas e florescentes, — onde outr 'õra,

Quando muito, um asylo mal-seguro
Achávam pescadôres, onde as fêras,
Venenosos reptis á póvos rudes
Sólo inculto e insalubre pleiteávam;
Mas si ellas vîram lá na antiguidade
Horrôres da selvagidão, — não menos
Hôje os males mortíferos depáram
Da civilisação inda nutante, —
Inconsequente, vãa, e desconnexa!
E no futuro... Quando os indivìduos,
Ah! quando dos Govêrnos a política,
Deixarão de sacrificar á sombra
De suas ambições particulares
Da humanidade as lêis? quando o egoísmo,
Stupidêz inconcepta e monstruosa
Consentirão verdades? quando as nóbres
Salutares paixões, quando a virtude,
Desistirão da luta contra insanos
Capciosos inimigos que pertêntam
Exterminal-os împrobos!... Deus sabe!
Ainda ham de, sem dùvida, estas ondas
Nos continentes, e ilhas, e penìnsulas,
— Em todos os paizes de universo, —
Vêr se reproduzirem tâes quâes scenas
Entre milhares de outras que o pretérito
E o presente jamáis phantasiáram!

Fôra possível que o hõmem depravado,
O infeliz, o ditoso,
Indiffrentes sem emoção contêmplem
O magestoso oceâno? — Não o-fôra :
De Deus a idéia, aquí, da mórte a idéia ,
E a de humanos destinos ham vibrar-lhes
Do coração as fibras ,
E o valôr verdadeiro
Das ambições, das lidas, e actos do hõmem
Máis claro e irrefragável
Lhes brotará nos ânímos
Sob mágica influêncie da grandêza
Do circûmvago pélago !

N'UM DIA NATALÍCIO.

A' ILL^{ma} E EX^{ma} SNR^a D. L. A. C. B.

Uma bélia mulhér que possue as qualidades de um
hòmem de bem, quem pratical-a e conversal-a góza
do commércio o máis delicioso do mundo : n'ella en-
contra-se o mérito de ambos os séxos.

(LA BRUYÈRE, *Caract. des femmes.*)

Este dia em minh' alma sempre agita
Gratas reminiscências, — sentimentos
De angélica doçura e de saudades!
« Porque? » ouço inquirir-me, « dize, oh bardo,
« D'onde vêm emoções que te electrísam?
« Igual dos outros dias não he este? —
« Não sabes? He um passo máis do tempo,
« Uma página máis do livro immenso
« No qual a eternidade nos registra
« Ephêmero prazêr, — perennes dôres... »
Oh! sim; mas ao da pátria desterrado

Interrogái também porque suspira
Vendo uma simples flôr entre mil flôres
Recender innocente os seus arômas;
Interrogái também porque discanta
Máis terno o sabiá sòbre as ramágens
De uma só laranjeira entre mil outras;
Interrogái também porque estremece,
Surri, e estende os braços tenro infante
Para uma só mulhêr entre infinitas :
Nem recende essa flôr como outras flôres!
Co' as outras nem se irmana a laranjeira!
Nem a mulhêr ás outras se assemêlha ! —
He que na mesma flôr o desterrado
Vê o sólo natal, seu bêrço ingênuo,
Seus venerandos páis tam amoráveis,
Extremosas irmâas, irmãos queridos,
E amigos seus, — talvez máis dôce a vida!
He que na mesma laranjeira o ninho
Depôz o sabiá todo harmonias!
He que n'essa mulhêr mesma divisa
O delicado infante a mãi aflável ! —
Tal para mim, Senhora ! alvêja o dia
De vosso nascimento... Ou eu percôrra
Remotíssimas plagas, ou me assente
Ante o patérno lar, — o vosso nome
Vái em meu coração inscripto sempre,

E tam íntimo n'elle incorporado
Qual na semente o gérmen d'um arbusto.
— Sêjam, Senhora! vossos dias longos,
Cada qual máis suave e mais ditoso;
Sêjam quâes sóhem sêr em nossos climas
As serenas manhâas de primavéra...
No entretanto, o modêlo das espôsas,
Meigo exemplar de filhas, e de amigas,
Resplendente de graças e virtudes, —
Nam tem sido feliz quanto devêra!
He a magnólia altiva lá perdendo
Os seus brandos perfumes, exhalados
Nas azas dos tuffões d'aspro desérto!

A ESPERANÇA.

Eléva-te, minh' alma! nem te humilhes,
Oh! trêmula nem rójes
Aos arbítrios fatáes do desespero....
Eléva-te! similha áquelle espírito
Que nunca atróz pendòr da sorte o-accurva;

Si a pobrèza restringe o cumprimento
De vótos que formára,
Geme, Deus o-ouvirá, geme em silêncio,
Mas nunca, ah! supplicante denuncia
A' geral indiff'rença as suas lágrymas;

Si em pórticos subêrbos não se assenta
A' par de se's clientes,
Que o crédito, q' o fáusto, e o poderão,
Soubéram attra' ., — bréve tugúrio
Inda vale á saudal-o com venturas;

Si calúmnia cruél transmuda em crimes
Fraqüêzas de um instante ,
Pelo arrependimento, e pelos actos
De íntegra probidade redemidas, —
Desdenha da impotência da calúmnia :

Eléva-te , minh' alma! antes aquelle
Intrépida similha ;
Os triumphos nas luttas da existência
Sam do fôrte; só elle a insígnia hastêia :
« Não succumbir, esp'rar; o auxilio he certo ! »

Como existe o ente ignóra, e elle existe;
Assim em nossos transes
Nós ignorâmos como o auxilio venha, —
Mas o-esperemos, Deus sôbre nós véla
E nol-o-offertará sem o-prevêrmos;

Quando a palmeira em meio das floréstar
As femininas flôres
Do casulo abre infértil e isolada, —
O póllen fecundante que ella almêja
Do nunca visto espôso as brizas trázem-lhe.

Eléva-te, minh' alma! nem attendas
A's regeladas phrases

De conselheiros pérfidos que brádam,
D'entre o inerte repouso da opulência,
Ou d'entre inglória estúpida miséria :

« Jovens! jovens! parai, desilludi-vos!

« Também quaes vós, outr'óra,
« Sacrificámos dias máis viçosos
« A' uma esperança vãa que nos arrastra
« A's vigílias, ás lidas, e aos tormentos;

« Quaes vós também julgámos que a virtude,

« Que o amôr, pátria, e amizade,
« Nos merecêsem cultos e holocáustos,
« E nos podêsem dar um justo prêmio
« Aos esforços que exigem seus incantos;

« A amizade, primeiro que nos cêrque

« De officioso agrado,
« Investiga sollicita em que termos
« A fortuna nos corre, entâm se affasta,
« Ou entâm dedicada se apresenta-nos;

« O amôr? Ah! phantasia inda inexperta

« Concebêra tam meiga
« A máis feróz paixão, a máis funesta;

« Em nós... fidelidade, e nas mulhéres?

« Refalsadas traições e indignidades!

« A pátria... pátria que he? congresso incérto

« De discordantes membros,

« Onde as lèis já sam rude simulachro,

« Onde o terrôr, violências, e as riquêzas,

« A astúcia, e os interèsses predominam;

« Virtude... isso não ha! e se quizerdes

« Crêr n'ella, e conduzir-vos

« Pelas sendas que exhibem passo franco

« Aos cultôres que tève em todo o século, —

« Ai! vîctimas também serêis, oh jóvens! »

Estas vózes não móvem, nem me espântam;

Aquelles que as-proférem

Sam inhábeis aos nóbres sentimentos;

Sei, — no granito opaco, tam diverso

Do crystal, — viva luz não transparece!

Elles bem quererîam que o órbe inteiro

Jamáis a face altere,

E que impassíveis d'ânimo, indiffrentes,

Os hòmens só tractássem de amoldar-se

A' condição brutal da vida estéril!...

Oh ! não eu : repousando sôbre as flôres
Da suave esperança ,
Deixarei as lufadas das procéllas
Por emtôrno de mim á contrastárem-se ,
Um' aura após dilatar-se-ha máis branda !



O AMOR CONJUGAL.

Térno, amável clarão serena esparze
Em pleno disco a lua; áureas estréllas
Se retôuçam nos céos; e argêntas nùvens
Pelo azul meigo do éther se distêdem :

Qual suspiro infantil, tépida briza
Nos léques das palmeiras remurmura;
A gaivóta e aleyon, quando despértam,
Seu lûgubre clamôr érguem nas plagas :

Do sonoro oceâno resplandécem
Vividas, faïscantes, brandas ondas,
Tâes lûzem no desérto ao sol merídio
Escamas fulguosas da serpente!

Oh ! que scena gentil ! onda após onda
Vem, e vólve, e morrêo; nasce e renasce !

Parecêra que o mar lida em contêl-as,
E ãgneas ainda máis êil-as que fêrvem !

Dirias vîrgem que retráhe os lábios
A' sopear os risos; — máis se esfôrça,
— E indiscrétos, indômitos, celéstes,
Risos e risos successivos mânãmlhe...

Pelo límpido gôlpho auri-azulado
Lento e lento um batêl resvala e surde :
Dentro, — uma lyra, aos ventos suspendida,
E um jóven bardo modulando os hymnos :

De entranhável doçura e de saudade
Suas maviosas vózes se derrãmam ;
E os meus ouvidos, no geral silêncio,
Escûtam, — da harmonia se comprázem.

« — Por impróvidos, desvairados passos
« Sôndem outros no mundo sêr ditosos,
« E desdenhando o amôr de espôso á espôsa
« Em desespêro néguem que ha ventura :

« Oh! si ha ventura! D'antes eu com elles
« Eu também a-descri! Porêml na vida

« Não andêis sem amôr; do amôr he dádiva

« A partilha dos bens da Providência :

« Jóvens que o viço que vos órna os annos

« Dispendêis irreflexos entre os males, —

« Eia ! o amôr vos convida , que ante as áras

« Laço condigno vos reûna á espôsa :

« Máis do que na mulhér fôra impossível

« (Não prevale a blasphêmia) amôr máis puro ;

« Si uma he monstro feróz e atraídoado —

« Oh ! Deus a todas fal-as-hia monstros ?

« Não; não as-fêz : Architectôr supremo ,

« Constituindo o universo, êis se repousa ;

« E sonhou, — e sonhou com lindos entes

« De fórmas cá da terra e céos á um tempo...

« E exulta na creação de Deus o sônho !

« Da creação primôr e o complemento

« Foi a mulhér, foi ella : astro que véрте

« A' toda a hóra o fulgôr na idade nossa !

« Mas amôr que divaga sem um nóрте,

« Que não se firma honêsto n'um só sêio ,

« Poderá têr incantos, — mas quam longe
« D'esse amôr conjugal celéste e puro!

« Os perfumes no templo funerários
« Sam perfumes também, mas não recêdem
« Iguâes nunca aos aromas das campinas
« Em florente manhã de primavéra...

« A história desejáis de minha vida?
« Eu era um' harpa de suaves nótas,
« Ess' harpa ainda sou; porêem máis dôce,
« Que unísona resôa á dôces vózes.

« Vêde á márgem d'alêem, como uma estrêlla
« Nas ábas do horizonte, — luz tam viva
« A' radiar em feixes! — lá me aguarda
« Minha amada fiél entre alvorôços!

« Da cópa das mangueiras amparada,
« Toma o tenro filhinho ao casto cóllo;
« As vistas longas pelo azul do gôlpho,
« Ou n'um batél que affêrra me presume:

« Suas véstes, que aos pés alvas fluctuam,
« Estremécem-se ás brizas odoríferas, —

« Como as pétalas trêmulas da rósa
« Aos frêmitos harmônicos dos zéphyros :

« Alli ella me espéra á que, sentados
« Do alvêrgue ao limiar, de amôr fallemos;
« Nossas préces á Deus no amôr só vélam,
« Só quérem que fiél nol-o eternise...

« Taciturna tristêz me envolve o aspecto...
« Mas ella vem ! seus braços me circûndam,
« E cândida assucêna das campinas,
« Sua face se acolla á minha face : —

« Pelo arfar de meu peito acelerado
« Sabe que o coração ìnstam-me angústias,
« Qual ao arfar do bêrço mãi affável
« Sabe que o infante seu já não repousa :

« Como a rôla amorosa acêia as plumas
« Ao amado que o visgo illaqueára,
« Uma por uma delicada explôra-as,
« As-desprende, e liberta-as incansável, —

« E'lla, ah ! reconhecendo as cruéis máguas
« Que lacéram-me entâm, dôres que próvo,

« Com mil quadros gentis, phrases de allivio,
« Uma após outra as desvanece todas...

« Si nos lábios meus beijos lhe deslizam,
« Mavioso pudor lhe incende as faces,
« Corre-lhe estremecido pelos membros,
« E nos languidos olhos se diffunde; —

« Ao jambo assim, primeiro n'um só ângulo
« A madurez indica-se, e n'um átomo
« A fio pelo fructo inteiro estende-se
« Entre sôltos efflúvios máis fragrantés :

« E'lla ! he o asylo meu , minha existênciã ;
« Falsos quando , ah ! nos sêjam os amigos,
« Na desastrosa sorte , a espôsa , sempre
« Luminoso pharol , constante guia-nos :

« Nenhum outro pensar que em mim não sêja
« Na mente lhe revôa , em mim tranquilla ;
« E si ella a vida em minha vida exháure ,
« O vinc'lo de meus dias sam seus dias :

« Na lyra os hymnos meigos que eu desate ,
« Os cânticos sublimes que eu desfira ,

« Engendro-os da ternura, das lembranças,
« De affectos, que por ella n'alma educo;

« De substâncias estremes, e innocentes,
« De flôres, e dos flúidos máis suáves,
« Assim prepára e lavra a abêlha os favos
« Do licôr que áureos mimos nos recende :

« Imágens ha que exprimam nossas vidas ? —
« A flamma unida á flamma? harpas accóordes?
« Perfumes que em jardins á par se exhálam?
« Fontes cujos crystáes se mésclam puros?... »

.
.

Já n'isto a vóz do apaixonado bardo
Mui longiqua s'esváe. Inda o-contemplo,
Só na imaginação, — pizando a márgem,
D'almos collóquios entretendo a amada.

Deus te fade venturas, jóven bardo !
Ah ! postérge a avarêza, ama a consórte,
Procrêa próle, sãa doutrina vérte-lhe;
E á móрте exclamarás : « Eu hei vivido. »



UNDULAÇÕES DAS AURAS.

Quam arrebatadôr não vái das auras
O vário sussurrar n'estes momentos!
Entre as tènues ramágens dos arbustos
Ouves-l-o emtôrno sonoro e fôrte;
Embaixo, sob teus pés, por entre as rélvas
Ouves-l-o ciciante, e frouxo, e débil;
O'lhá acima de tua cabeça, e ouves-l-o
Suspirado e gemente em os cocares
Das palmeiras, dos piroás nos tópes;
A'spero e fragoroso entre as agulhas,
Entre os picos de agréstes serranías....

Sam d'estes instrumentos que disséras
Tira um sôpro de Deus os máis estranhos
E my'sticos harpêjos, — que variam
Segundo a actividade d'essas auras

Crescente ou decrescente! Em tempo á tempo
U'nico som prodúzem, — brado unísono,
Que sêrve de marcar quási a passágem,
D'um hymno a suspensão, para outro hymno,
Tam admirável, e assombroso, e dõce!

Eu penso quando assim attento as auras
Que estou sob a magia de invisiveis
Gênios da solidão! — Deixo levar-me
Para uma embriaguez térna e suave,
Para um alheamento o máis extático,
Que do pêso corpóreo eu me libérto!
Deslembrando o terreno, n'outra esphéra
Figuro-me pairar! As que exp'rimento
Vivas influências que vértem ellas
Só se extinguem depois que a calmaria
Todos os sons abafa; como as pégadas
Dos peregrinos o suão apaga-lhes
Nos páramos desértos.

Nos campéstres

Alvérgues de seus páes casta donzélla
Ao vário sussurrar o ouvido affia : —
De amôr as juras, murmuradas fallas,
E esses suspiros trêmulos do amante
Que involuntário os-sólta na presença
Da graciosa amada, os sons que outr'óra


Ígneos lhe ardèram n'alma, èil-os s'exhálam,
— Dar-lhe parécem um dilírio nôvo!...
Oh! illusão cabal, dissimilhante
Em effeitos, — produz esta diversa
Undulação das auras : sons que entende
Cada paixão descóbri que lhe fállem
A cad' uma especiães, e com propósito!
Aquelle a quem ciûmes envenênám
Ouve os lédos victôres do satânico
F'licissimo rival, ouve os seus júbilos,
Beijos da ingrata, os risos estridentes,
E o ruge-ruge das talaes véstes
De odorífera sèda.... ouve dizêrem-lhe :
« Chóra! vái-te infeliz; ventura he nossa! »
Os filhos delinquentes oûvem vózes,
Irosas maldições que lhes fulminam
Os fallecidos páes ou que ândam longe;
O assassino conhece bem distinctas
Rogativas das vîctimas, e ameáças,
E os seus gemidos e o último estertôr;
Sonóras préccs da fiél metade —
Ouve-as o ausente espôso quando a bélla,
Recatada no lar, á Deus supplica
Um têrmo emfim á secular ausência,
— E do saudoso peito o anciar he esse
Que perpassando as auras lhe trouxéram!...

Imperceptíveis sons, indifferentes, —
Incomplétos, confusos para muitos,
Traductôres e intérpretes encôntram,
Peitos onde se entrânham expressivos,
Significantes, claros, e eloquentes!
Tal do côrço o vagído para o tigre
Nada póde dizer-lhe, — mas a côrça
Apenas o-escutou que ella compr'hende-o!
A' voz do gavião nada nos move, —
Mas juncto á próle s'estremece a pomba!

E compõem-se as nótas d'esta orchéstra
De amorosos suspiros, meigos, lânguidos,
Que o coração rescáldam; de ruídasas
Exclamações de cândida alegria;
De effusão de prazêres que ressûmbram
O olvído, ou o desdêm, horrôr, e o inférno;
De gemebundos sons estertorosos;
De choléricos sons, e imprecativas;
Dos ingênuos accents de innocência,
De saudades, de amôr, ou de amizade,
De ternura, e volúpia : orchéstra alguma
Variedade igual nos apresenta!...

Ah! dir-se-hia que Deus, que ouve os segrêdos,
Que os-palpa, e que os-vê á humanidade,

Os-manda repetir n'uma linguagem
Mysteriosa, — a das auras, — que percébam
Os possessôres d'esses, quando se ácham
Em circunstâncias de poder ouvil-a!...



A VÍRGEM PÓBRE.

E era a cidade infecta e polluída
De execráveis torpêzas e flagícios;
Entre o estúpido corrompido vulgo
(O baixo vulgo e o rico) alto lavrava, —
Como dogma infallível, « só ha mérito
Em quem dispõe d'immenso pêsso de ouro. »

E a virgem entre flôres da innocência
N'esta cidade os annos seus volvia; —
Resvalando-lhe a vida na indolência,
Ao presente e ao futuro se surria :

Dia em dia a bellêza que medrava
Já ninguém lh'a-contempla indifferente;
Orphãa de pái, a mãi térra a-educava,
Mas fallida de bens, quási indigente....

E falsos protectôres, — vis hypócritas,
Sob o humano pretêto da amizade,
De um benévolo affecto generoso, —
Alcãçam penetrar em seu alvérgue
E assíduos frequental-o : ella inexpérta,
Tam nóva e pura ! a mãi crédula, fácil !

Cada qual máis fingido se insinua, —
Máis audaz na esperança já se ufana
De que á fruíl-a obtenha como sua
A vírgem a quem nódoa alguma empana :

E juncto d'ella infames seductôres,
Ao sahìrem das órgias, se apressûram
Do ânino á confeitar átros horrôres,
E no ostentar virtudes máis se apûram....

Succumbirã a víctima, — votada
Ao vício, á perdição ! Tôrpes mancêbos,
Vélhos na crásca crápula sepultos, —
Subêrbos com a bôlsa plena de ouro,
Em sórdidos prostíbulo, sem falta,
Aguárdam-n-a talvêz em prazo estreito.

E ella meiga em seus lábios o sorriso
Incáuta e sem malícia deslizando !

E inda á pensar tam fliz no paraíso
Quando no inférno a-vam precipitando!...

E elles de seduccões á redobrárem! —
Quaes os euros emtórno á branda rosa
Sópram crébros até lhe desfolhiárem
A corólla odorífera e orvalhosa.

Ai! de ti, vîrgem mísera!.... Nem sabes?
— Tal divagas no mundo qual a rôla
Que ao pélagosoltára errados vòos,
Ou que em várzeas de pântanos cobértas
Pasce, e em plaino de sérpes infestado,
Ou adêja n'um céo que o açòr percórre.

Ella póbre, e na innocência?!
Será nossa : — entre si dizem;
Não convêm que na indigência
Viços seus se esterilizem;
Será nossa : e na opulência
Os seus dias se deslízem....

Oh! não; não ha de sêr a vîrgem vossa! —
Eis dentro em si resólve grande e nóbre
Um jóven que indignado os-considéra :
Sombriò o aspecto sempre entristecido,

E os ólhos radiando intelligentes
A luz que os sêios do ânimo esclarece,
Larga e pállida a fronte pensativa,
Nos lábios quási irônico o sorriso, —
E'ram preságios máus para hômens improbos,
Que assim os-explorávam n'este jóven,
Cuja franca presença lhes devêra
Mui displicente sêr e inoportuna.

A vírgem vossa não será! — murmura
Uma e mil vêzes :
E elles vendo-o também quanto ella póbre,
Não o-têmem rival, — e refalsados
Máis o-abhorréem.

Mas póbre.... não impórta : esse á quem pulsa
D'hômem sensível
O coração magnânimo — transvértete,
Cerceando desêjos, — n'um thezouro
Seitís modéstos :

E quando elles máis espéram
Que a infeliz sêja rendida
N'este assédio em que a-pozéram ;
— Eil-a he logo soccorrida! —
E auxílios que lhe viéram
Não vêm d'alma envilecida.

Que fortuna possûe? Como se atrêve
Aquelle hòmem á dispender tam pródigo
Sem o interêsse fôrte que nos móve?
Que espéra? adóra-o ella?... Que loucura!
He possível que em seu peito ella abnégue
A ambição grandiosa de alliar-se
Entre as classes riquíssimas, — as classes
Que só honestas sam da sociedade,
Que únicas vâlem dar honras e méritos?!
Oh! não! igual int'rêsse insta-o e compêlle;
Fruil-a intenta, — após.... também se ausenta :
E máis què outros ditoso! e máis hypócrita!
Embóra! as esperanças não se péream; —
Menos diffícil he que ella reduza-se.
Mas tînham-se escoado longos mèzes,
E elles inda illusões multiplicávam,
Quando fòram de sùbito surprêsos;
Da Providência, — justa nos seus planos, —
As lêis sempr' immutáveis os-feriam :
A mórte alguns ceifára; outros saltêia
Fatal enfermidade; ou a desgraça;
Os demáis.... Oh! porque commemorára
Destino ímpio de réprobos, e deixo
Tam pacífica a sôrte d'esse jóven? —
Benefícios que fêz — tènues havêres
Lhe prospéram magníficos : subêrbo

Não se volve; e, opulento, não olvida
Aquella a quem salvára na indigência :

Vem, oh vîrgem! Ille dizia,
Vem comigo ao sacro altar;
Vem, oh vîrgem! N'este dia
Puro amôr que nos prendia
Vái-n-o a lei rivalidar.

Vem, meu anjo! vêr ancêio
Co' os nêvos glóbos te arfar
O offegante ingênuo sêio;
Do pudôr e o térno enlêio
De lágrymas te orvalhar....

E alvejantes corcêis hárdidos tiram
Um carro esplêndido,
Onde os cônjuges, — elle e a vîrgem póbre, —
Vôam, — lédos convivas acclamando-os,
Ao sponsal thálamo.

Vîrgens póbres, conhecci-vos!
A innocência e a castidade

Não vendáis á vil riquêza ;
E entre vós mesmas dizei-vos :
« He de Deus certa a bondade. »
E esperái ; — dura ferêza
D'asp'ra sóрте acalmará.



GEMIDOS DE UMA ESPÔSA.

Eu não acreditava , nem pensára
N'essa horrível angústia
Que tam breve deixasses-me !
Louca de mim ! no coração guardava
A máis dôce esperança
Que só com o meu te fugisse o alento !

Ah ! e porque não quiz a Providência
Ao amôr conceder-nos
O precioso indulto
De prolongar a vida aos entes charos , —
Ou nenhum perecêsse
Sem que o outro também o-acompanhasse ? !...

A glória sôbre ti pairava , e enchia
De gôzos a minh' alma ,

Ai ! gôzos que lei férrea
Prescrevêo apagar-me n'esta vida
Que contigo ameigava,
Oh bardo meu ! oh gênio de harmonias !

Quando férvido olhar de que resúrtem
Eléctricas scintillas
Immergiás no espaço, —
Volvendo-o sôbre mim, — eu te julgava
Celéste intelligência,
Que piedosa velava os meus destinos !

Térno, sensível sempre aos meus affagos,
Já nas chórdas frementes
De tua harpa suave
As perfumadas nótas me extrahiás
Dos ineffáveis hymnos
Que benigno o Creadôr só te ensinára !...

O espôso o máis feliz ao contemplar-nos
Sempre invido exclamava :
« Oh ! quam térra ella o-ama ! »
A espôsa a máis ditosa de igual módo :
« Com que íntimos ardôres,
E puros sentimentos elle a-adora ! »

Espôso ! e vós , espôsa ! — lamentái-me :

Eis mísera viúva

Hôje em luctos eu gemo !...

Que he de meu protectôr , — o meu amigo ?

Ai ! que he do meu espôso ?

Os meus incantos ? minha existência ? elle ?...

.

Tu ?! exânime jazes !... Nos meus ólhos

Insofridas borbúlham

As lágrymas em fio ,

Que a mágua expreme ao coração afflicto

Qual mão interesseira

Que da flôr que recende expreme o sumo !

Só descêste ao jazigo ! e me exhalaste

Esse Adeus máis solenne

De nosso ágro destêrro

Quando com tua vóz inda harmonias ,

Apezar de dorida , —

Já me fallavas no final deliquio !...

.

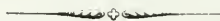
.

Sôbre o tûmulo teu de dia em dia

Sempre vou proclinar-me :

Minhas lagrymas, bardo!
Que tantas vèzes enxugaste meigo,
Nem gelarão teus óssos,
Nem o côrpo da amada irá pesar-te...

A ti a mórte me unirá em brève;
Aquella que te unira
Abençoada a existência
Nada anhéla hõje máis do que ao teu lado
Sob o mesmo sudário
Repousar... D'elle sou : fugì, profanos!



NO ALBUM DE UM POÉTA.

Vulgo material gozar não sabe ;
Só o sensível ânimo d'um bardo
Põe o condigno prêço ás maravilhas,
Do universo ás bellêzas,
Índices da grandêza do Supremo :

Cérto ; no ânimo teu paixões máis nóbres ,
Máis puros, máis sublimes sentimentos
Se inflammam generosos, — as idéias
Em o teu pensamento se entretêcem
Tam harmónicas, naturaes, e dòces,
Que tanto, oh bardo ! assim te distancias
Do vulgo inerte e vil que em vão forcêja
Por imitar-te os dons, — quanto a natura
Se distancia da arte, que se affana
Em querel-a emular : ambas possûem
O elemento real dos diamantes, —
Mas nas mãos da primeira esse perfórma
O precioso crystal ; — nas d'outra... vêde-o !

Poesia que á um bardo inspira e exalta
He qual ingênua vîrgem , que tranquilla ,
Que solitária anhêla encher de amôres

O não ingrato amado ; —

Si tem constante amôr , constante o-exige :

Apenas lhe notou que a paz se extingue
Ao coração d'aquelle, — ôil-a se esquivia ;
E entâm quem quér que sêja o venturoso ,

Para que ella o-adorasse ,

Não a-busque sinão com a alma inteira :

Mas tu que sentes n'alma o fôgo ethéreo ,
Com quanto os hômens infeliz te jûlguem ,
Prazêres que lhes sam negados sempre

Frûe ! o porvir te acclama !

Canta a virtude , o amôr , e Deus , e a pátria.



OS MÓRTOS.

Deus, a virtude, o amôr, pátrias montanhas,
E o almo verdôr das várzeas e o das sélvas,
E o incanto e o ondear trépido dos rïos, —
Já de todo o universo as harmonias,

Ha minh' harpa entoado :

As minhas attensões hòje se vólvem

A' contemplar do rei *que á si se acclama*

O prostrado cadáver...

.
.

Hômem! hômem! que és tu? êis-te por terra,

Inanimado jazes!..... Membros hirtos

Pelo gêlo da mórte! — Tôrpe a face

De fétido cruôr! — Lívida a fronte,

E co' a têz resequida!

Hòmem! hòmem! que és tu? Ainda ha brève
 Tam subêrbo vagavas! Cêrto, ao vêr-te,

Immortal te julgára!

E encarniçado ha brève perseguias
 Teus mîseros irmãos; áis, agro pranto,
 Misericórdia e penas postergavas;
 Deus só mesmo fingido conhecêras; —

Tu éras o universo!!!

Ai de ti! — orgulhoso etérno, mesmo
 Sob o pêso esmagado de infortúnios,
 Que a tua condição, e os teus congêneres
 De dia em dia aggrávam! Não he este?
 He este o grande *rei* que a si se acclama?!
 Eil-o, — qual a máis vil das entidades!
 Oh loucura a máis vãa! E a vida he esta!
 — Fugaz como o bramir das tempestades
 Nos campos do oceâno, e tam incérta!
 Sim, como as tempestades, que furentes
 Muito embóra esbravêjem, tumultuem,
 Na immensidão voando, — carregadas
 De innúmeros espólios que semêiam
 Em toda a parte, emfim, emfim se esváem.

.

Porêm, olháí-me allì os frîos réstos
 Do hòmem antes que pùtridos inféctem
 O circumfuso ambiente,

Apenas que o escalpéllo os-dilacere,

 Ou que máis horas vòlvam :

Risos que a compaixão mesclada ao pêjo

 Sóhe romper convulsos, —

Risos que brótam n'alma que se indigna,

 Pallidecei-me os lábios!

Oh ! e este ente mesquinho he esse mesmo

 Que ainda ousa ufanar-se!

Compòsto de immundícies, qual sentina

 Onde férvem os vérmes!...

« Mas era nóbre ! — em vêias lhe gyrava

 Tam puro e inclyto sangue ! »

Si óra vísseis, porèm, o sangue nóbre

 Similhando nas vêias pòdre lòdo

 Em estagnadas vallas!...

Nobrèza que o philósopho confirma

 Não consiste no sangue;

Não hérda, não se mérea, e só bem cabe

 Ao fautôr da virtude;

Quando dos próprios actos não derívem

 Não attestêis nobrèzas, — a máis louca

Vaidade das vaidades ! — vélha cappa

 Sob que se acôntam néscios, os inertes

 E ociosos felizes!...

Podèr, honras, riquèzas, — allì jázem :

Si malvadêz e astúcia as-alcançáram,

Não ollhêis sem horrôr essas misérias
Que d'antes, que na vida se ostentávam
 Esplêndidas e graves
Por entre as maldições, entre os soluços
 D'inventurosas vítimas!
Podêr, honras, riquêzas, — allì jázem :
Porêrn si fòram fructos não infectos
 Pelo bafo dos crimes,
Ah! sublime triumpho se dissêra
A mórte de varões que ellas decóram!
As bênçãos, dôces lágrymas saudosas,
E o amôr, e a gratidào, êil-os emtôrno
De suaves arômas incensando-os,
Coroando-os de auréolas fulgentes,
Recostando-os em leitos de verdura,
 Matizados de flôres!
E que! sam immortáes! êil-os respîram,
Eil-os perenne assistem já commôsko, —
D'elles fallâmos quâes amigos nossos,
 Conhecidos por todos!
Mesmo quâes 'hî estâm os-venerâmos...
Aquelles ólhos, — fixos, — murchecidos;
Já choráram as lágrymas dos orphãos;
Aquellas mãos agóra inteiriçadas
Já muníficas fòram com os póbres;
N'aquelle peito, — coração de justo,

Generoso, e leal, meigo pulsava;

Ou n'aquella cabêça florejaram

As más bétllas idéias :

E só diante d'elles nós provâmos

Pronunciado desêjo que nos léva

A' interrogar assim a Providência :

« Podêr Universal! — abre os arcanos ,

« Ah ! dize-nos, o que he feito d'esse ente ,

« D'este côrpo o motôr, motôr de um dia !

« Vaga de mundo em mundo , circumdado

« De resplendôr de glória?

« Ou, mal se apaga aqui, vivo, sensível,

« Surge em astro no espaço?

« Ou vái viver em ti, — divinizado

« Com o império que abranges?

« Ou percorre talvez em nóvas fórmãs

« Outra escala vital, á que succêdam

« Sempre, infinitamente, outras escalas?

« Ou... Mas abre-nos próprio os tens arcanos,

« Podêr Universal! Eternal A'rbítro!

« Esses teus filhos que óra contemplâmos

« Desfigurados, — próximos ao nada,

« Te coadjuvâram muito em óbras tuas,

« Que alto prêmio condigno lhes reservas... »

Mas diante, ao contrário, do cadáver

De execrando perverso, asco invencível

Não nos deixa pensar que a Providência
O-haja formado, ou não, como formára
Os venenos, serpentes, cruéis tigres,
E os vulcões devorantes.

.

Ah! também allì jaz frígido o còrpo
D'uma jóven donzèlla!
Pois que? mórrem também tenras bellêzas?!
— Insano! as tuas vistas, tam captivas,
Pouco ha, de suas graças
Porque as-affastas tu? Oh, vem! não fuja:
— O hálito perfumado
Que te prendia tanto, vem, respira-o!
— A frescura das faces
Esparze rósa e mel, férvido beija-as!
— O fulgôr d'esses ólhos
Que mágicos scintillam não te arrouba!
Níveo sêio amoroso
Tam ardente palpita, e não te rendes!
— A madeixa dourada
Co' o vespertino zéphyro lá brinca!
— Voluptuosos lábios
Convidam-te ao prazêr, delicias bébe!
Duro!... indiff'rente deixas tantas graças!
Mas, oh verdade! oh dôr! já nada existe...
— De hálitos táes se géra

Mephítico demònio atro da péste;
— Amarellentas faces
Sam quâes vèlho lagèdo em templo escuro;
— Embaciados ólhos
Sam fontes que os hinvèrnos ham turvado;
— Sêccos, myrrhados sêios
Recórdam colles sem verdòr, nem viços;
— Madeixa descabida
Eis qual bandeira em funeral d'um príncipe;
— Plúmbeos lábios immótos
E'ram como uma flòr onde bebiã
Tímidos colibris nectáreo orvalho, —
Ah! flòr que pelo sol pendida, murcha
He pasto á vis insectos!
Tu, donzélla gentil, dá-te aos amplexos
Do suspirado amante,
Ou recorre vaidosa ás cértas artes
De carear á muitos que mal-pênsam
Nas trações que lhes armas...
A'i! porêem, só contigo, — abandonada,
Na noite dos sepulchros,
Fógem-te os amadôres máis constantes,
Recûsam-te seus vótos, que conságram
A' outras que máis não sam do que és agóra!
— D'elles, do séxo cruél, raros nos móvem;
Mas, vós, entes de amôr, no passamento,

E ainda d'este nêgro horrôr oppressas, —

Ah! deixáis transluzir a vossa orìgem,

Vossa orìgem dos anjos; —

E nós — gratos — devemos perdoar-vos...



ARIZÁ

DRAMA LÛRICO BRAZILIENSE

EM QUATRO ACTOS.

EXPOSIÇÃO DO DRAMA.

ACTO PRIMEIRO.

Arizá, donzella da tába atanayrù, he feita prisioneira dos Paráviânas n'uma incursão que estes fizeram contra aquella tába, onde matáram, entre infinitos, os páes de Arizá, e onde esta deixára Irahý seu jóven amante, a quem não vê desde ha oito annos de captiveiro nas márgens do Queceuéne. He n'este têrmo que eu abro a acção do presente drama.

O desespero de Arizá tem chegado ao último transe. Coêma, donzella paráviána e sua amiga, emprehende consolal-a; mas Arizá retórque-lhe que he baldar esforços, e confessa que se vê tanto máis inconsolável quanto lá na pátria querida deixára o seu amante, por quem só vivia, e por quem só ha vivido até este prazo em que a esperanza de recobrar a liberdade e de tornal-o á ver parece abandonal-a totalmente. Coêma lembra-lhe que por ella o bravo Nuripê (Tuxáua dos Paráviânas)

arde em amôr extremo; respondia Arizá que jamáis trahiria o seu amôr por quemquér que fôsse, quando se ouvem os sons fôrtes e crêbros do trocáno que tóca á rebate e chama ás armas os filhos da *nação* paráviána. A florésta desentranha-se em centenares de guerreiros, que acódem'ao acclamo de guerra. Coêma, assustada, e curiosa de saber o que se passa, retira-se. Nas ondas dos guerreiros vem Nuripê; Arizá quer esquivar-se-lhe á vista e dispõe-se á sahir; o Tuxáua a-retêm e renóva os seus ardôres pela linda vîrgem dos Atanayrûs, sua escrava : ella desengana-o de que nunca o-amará; Nuripê insta, e Arizá, para desembaraçar-se d'elle, recorre ao artifício de chamal-o « *fraco* ». O heróe selvágem sente renascer sua nativa indignação e vaidade, repelle o labéo infamante, e jacta-se da bravura que sóhe desferir no horrôr dos conflictos : Arizá se apressa em reparar a offensa... Atálham-n-a trêz guerreiros paráviáνας, os quâes vêm intimar ao chefe que o-espéram no *concêlho* da tába : este parte, mas primeiro lança-se-lhe aos pés Arizá e pede-lhe que sêja com ella generoso, restituindo-a á liberdade, á pátria, á Irahý. Nuripê lhe outorga a liberdade, e com este benefício presume talvez haver grangeiado o amôr da mimosa e ingênua Braziliense, que lhe protêsta enfim grata sempre sêr-lhe; — o seu coração nunca lh'o-dará. --

ACTO SEGUNDO.

Vista do terreiro da tába dos Paráviáanas, onde apparecem sentados em pédras ou tóros os anciãos, e os jóvens guerreiros de pé, e todos armados. O Tuxáua Nuripê levanta-se, e peróra aos seus, revelando-lhes o perigo que os ameaça, e qual o modo máis efficaz de se defendêrem. Anciãos e guerreiros mancêbos appláudem. O chefe exhorta-os ao combate predizendo-lhes a victória; elles entôam o hymno de guerra ao som dos instrumentos béllicos, e brandindo as armas pátem.

Vê-se entrar Arizá. A infeliz Atanayrû, ainda que obtivesse a liberdade, todavia se acha tam desgraçada qual d'antes. O seu amado existe na pátria, e sem faculdade de lá ir, de que lhe serve á ella a liberdade? As suas vózes pois dam á entender que ella premedita o suicídio com algum dos venênos que superabûndam nas sêlvas. N'isto vêem Coêma e Bajára, suas amigas, á render-lhe os parabens por vêrem-n-a já livre, o que francamente attribuem ao bem-succedido amôr de Nuripê. A fiél Arizá esfôrça-se por convencêl-as de que só á generosidade do Tuxáua deve a liberdade, e as-convence com effeito depois que ellas testimûnham o collóquio entre Arizá e Jacy. Jacy, amante de Nu-

ripê, rende-lhe graças de que desprezasse o amôr d'aquelle heróe, o qual de certo a esqueceria por Arizá, não obstante o grande amôr que lhe tinha, si acaso esta não o-houvesse tam altamente desde-nhado. D'antes votava Jacy ódio despiedado e cégo á sua rival, agóra porê, sciente da verdade, apraz-lhe retractar-se de suas semrazões e exorar-lhe o perdão, accrescentando que Nuripê, ao sahir para a expedição, lhe promettêra um amôr sem fim. A amizade e bôa harmonia se restabelécem entre as duas mulheres; em seguida Arizá supplica á Jacy lhe alcance de Nuripê a permissão de retirar-se para a sua tába natal : tudo esta, feliz e alégre, lhe assegura. He uma esperanza que alentará ainda a espôsa de Irahý.

ACTO TERCEIRO.

Os Paráviáanas tórnham vencedôres : ainda longe rebôam os seus hymnos de triumpho; Jacy, que os-ouve, dirige-se e páрте á encontrar Nuripê. Ella affirma que, para máis fortalecer a constância de seu amado, descêra ao antro do pagé, e lhe supplicára fixasse n'ella única o affecto do Tuxáua; a resposta foi : « — *Em breve ficarás sem rival, linda Jacy.* — »

Entram depois os guerreiros paráviáanas elevando aos ares seus triumphos, o seu valôr, sua glória : « milhares de Atanayrûs e junctamente o Tuxáua d'estes, — *Abaité*, — gêmem nossos prisioneiros, » dizem elles. Mas a dôr se mészela ao regozíjo : Nuripê foi aprisionado ou môrto pelos inimigos. Já furiosos e ardendo em sêde de vingança agúardam os Paráviáanas a resposta decisiva do pagé consultado sôbre a sôrte dos Atanayrûs. Esta decisão atrászem outros guerreiros : — « Os prisioneiros sêjam « privados da liberdade; e que Abaité môrra aos « gólpes do tacápe, mimoseiando-se-lhe, conforme « o estylo, a máis formosa donzél-la, mas não a que « máis lhe apraza, sinão aquella que repulsára des- « denhosa a Nuripê. — » As donzél-las da tribu manifestam que he Arizá de quem falla o pagé :

Arizá pois he destinada aos últimos amôres do guerreiro condemnado á morte.

Outros Paraviânas apresentam-se escoltando os captivos, e vam passando com elles, excepto Abaité, que prêndem á *mussurâna* n'um tajupár, ficando-lhe de guarda Arizá.

Arizá, chorando, e sem atrever-se á levantar os olhos para Abaité, está resoluta á suicidar-se e não permittir lhe manche o amôr que á Irahý ella conserva leal. Ha silêncio de parte á parte. Abaité sente-se extremamente commovido ao aspecto de Arizá tam semelhante ao de sua espôsa, que ha *oito rézes que brotam flôres e fructos o guapohi* perdêra no sólo natal. Um collóquio se trava entre estes infelizes que assim mutuamente sympathisávam, porque também Arizá em Abaité deparava semelhanças admiráveis com Irahý! E apezar da longa ausência absoluta, das mudanças que o progresso da idade em ambos lhes têm occasionado nos traços physiônicos, no pórté, etc., um reconhecimento se dá: — a espôsa de Abaité não he outra que Arizá, e Abaité não he outro que Irahý.

A fuga de ambos he concebida e executada immediatamente.

ACTO QUARTO.

A tarde vái adiantada. O résto dos Atanayrûs escapos á derróta, em marcha para a tába, atravéssam apprazíveis e amenos valles colleando entre graciosíssimos sêrros, d'onde se debruçam arbustos enleitados de cipós, que pêndem em festões de verdura e flôres. Irahý ou Abaité e Arizá trajados á paráviána chêgam n'estes sítios : Arizá oppressa de fadiga e convidada pelas instâncias de Abaité senta-se á repousar ao lado d'este, que se põe á enfeitar-lhe de flôres a cóma subêrba máis densa e opulenta que a folhagem da palmeira.

Guerreiros atanayrûs, divisando os trajes paráviânas, em que se disfarçára Abaité, e que Arizá vestia, suspêitam que o inimigo os-siga, e logo após, cértos de não haver máis que os dois supostos Paráviânas, rômpeu d'entre as collinas próximas que os-encobriam e se avâncam para elles, e lhes intímam que se rêndam captivos seus. Abaité reconhece os Atanayrûs, e o motivo do engano em que estâm; arrója em terra o cocár de plumas e apresenta-se-lhes á vista : elles prostérnam-se ante o Tuxáua pedindo-lhe o perdão : os braços que lhes abre Abaité e em que todos alternativamente cáhem foi a resposta do chefe. Este apresenta aos

seus a sua amada, cuja união os Atanayrûs quèrem celebrar com a mórte do « *cruél* », — de Nuripê, — e de alguns Paráviânas, que elles condûzem prisioneiros á presença de Abaité. Arizá, grata ao Tuxáua inimigo, que lhe concedêra a liberdade, e que assim indirectamente lhe facilitára os meios de sêr considerada da *nação* paráviâna, e admittida sem desconfiança por guarda de Abaité, á cujos últimos amôres a-destinára o pagé, impétrá de Abaité o perdão de Nuripê. Nuripê, admirado da generosidade do adversário, espontaneamente offeréce-lhe a paz entre as duas tábas, que he aceita. Os guerreiros atanayrûs e paráviânas, — depois que os Tuxáuas firmáram a alliança trocando duas fléchas cujas pontas québram antes, — entòam cantos de júbilo.

Arizá foi o laço que reuniu duas nações que se guerreávam encarniçadamente ha muitos annos, e como tal proclamada por Irahya ou Abaité, Tuxáua dos Atanayrûs, e seu espóso.

ARIZÁ

DRAMA LÍRICO BRAZILIENSE.

PERSONÁGENS.

NURIPÊ, chefe ou Tuxáua (Tuksáua) da tribu paráviána, espôso de Jacy.

JACY, donzella da tribu paráviána, espôsa de Nuripê.

ABAITÊ (Irahý), Tuxáua da tribu atanayrû, espôso de Arizá.

ARIZA, donzella atanayrû, captiva da tribu paráviána, espôsa de Irahý.

COÊMA, } donzellas paráviânas, amigas de Arizá.
BAJARA, }

GUERREIROS PARAVIANAS.

GUERREIROS ATANAYRUS.

DONZÉLLAS PARAVIANAS.

Aecção : As márgens do Queceuêue (Rio Branco), no território do Alto-Amazonas.

Épocha : Antes do descobrimento do Brazil.

ARIZÁ.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa ao longe serranias, e ao péto as márgens do Queceuéne guarneçadas de floréstan primitivas. — He o romper da auróra.

SCENA I.

ARIZA, só.

Quando o sôpro mui bravio
De implacável tempestade
N'amplidão de largo rio
Uma ygára sossobrou, —
Dira, atróz anciedade
Da equipágem se apossou,
Mas já salva-se ou perece,
Longos transes não padece...
Ai de mim, porém, que vago
Sôbre as ondas da desgraça;
Nem esp'rança máis affago
De possível salvação; —

Nem vem mórte que me faça
 Terminar minha afflicção!
 Lento e lento perecendo,
 Longas dôres vou soffrendo...

Cobre o rôsto com as mãos e chóra.

SCENA II.

ARIZA, E COËMA.

COËMA.

Antes póde o Queccuéné
 Suas águas suspender,
 Do que tu acérbos prantos
 Que se vêem sempre correr!

ARIZA, como que desatinada.

Oh pátria querida!
 Oh céo mui formoso!
 Oh sólo mimoso
 Que tanto seduz!
 Dos páes no regaço,
 Ventura e alegrias
 Tecêrem meus dias
 Allì eu suppuz!

COËMA.

Quando a tába atanayrù

Os patrícios meus vencêram,
Arizá, — bem sabes tu, —
Os teus páes lá perecêram :
Oito vêzes já de flôr
O angelim se tem c'rôado
Depois que, chêio de horrôr,
Foi teu sólo devastado :
O que te prende máis ? que vale agora
Eterna pena que em teu peito móra ?

ARIZA.

Ai ! eu não valho á sondar
O secreto sentimento
Que me impelle violento
Agro pranto á derramar ;
Mas si estou na solidão
Eis da infância os devanêios
Resurgindo-me nos sêios
Do sensível coração : —
E uma vóz ouço, Tupá !...
F'gnea luz não he máis viva ,
Nem máis dôce a patativa,
Nem máis téрно o sabiá !

COËMA.

He cërto que da pátria tens saudade,

Mas outro sentimento escondes n'alma ;
— He por esse talvez que vives triste,
Que a tua dôr jamais se abrande e calma.

ARIZA.

Quér á noite, quér de dia
Vẽem memórias salteiar-me ;
He em vão que empr'henderia
Teu affecto consolar-me.
D'amôr a esperança que terna educava
Perdi com a pátria, da qual me arrancáram ;
E ao jóven guerreiro que eu tanto adorava
Os teus, oh Coêma, cruéis me roubáram.

COÊMA.

Tenta esquecêl-o, Arizá ;
Nem te amargures assim ;
Tênuê esfôrço teu fará
Que os pezares tênham fim :
Si teu pranto perdurar
Tua vida vái cessar.

ARIZA.

Bem ; não impórta máis : desdenho a vida.
Ai ! mîsera captiva,
Talvêz por Irahý mesmo esquecida,
He possível que eu viva?!

Sabe : — sem elle ao ninho me assemèlho
Que o pássaro abandona inda imperfeito ;
Jámais abrigará plúmeos cantôres : —
Assim êrmo de amôr será meu peito.

COËMA.

Oh, suppõe que foi um sonho
Do malévolo Anhangá,
Que os pagés esconjuráram
Longe de ti, Arizá.

ARIZA.

Não. — Lúgubre sonho
Foi este sómente...
(Meu sêio, oh Coëma,
Já tudo o que sente
Revele-te enfim.)
Perdì meu amado?...
Na pátria mimosa,
Sonhei em seus braços
Rival máis ditosa
Que a triste de mim!
Dois lédos infantes
Emtôrno brincavam,
De mãi dôce nome
E pái enlaçavam

Com brando clamôr :
Beijando-os mui téрно
Para ella surria, —
Os d'ella e os dos filhos
Affagos fruia —
Passado de amôr.
No paiz dos mórtos elle
Já talvêz que me julgasse ;
E infiél, ditoso, ingrato,
Outra amante desposasse !

COÊMA.

Phrases ouço também, e ardentes vótos
Que abrazados guerreiros me dirigem :
Deixo-os fallar ; — alégre fólgo ; — livre
Amorosas ternuras não me affligem.
Sôltas ondas dos rîos, amplas veigas,
Almos ráyos do sol, flôres, collinas,
As névoas que s'enrólam, aves meigas, —
Oh, tudo allivio, distracção m'entranha.

ARIZA.

Espéra... não crêias que amôr não te fira ;
Tal és, oh Coêma, na tua esquivança,
Qual tenra nambù que só pede e suspira
Que a-nûtram os páis :
Mas vólvem-se os dias (estranha mudança!) ;

Quem fúnebres áis
Nos bósques exhala e saudosa não cança?
Não ouves-l-a? — He ella que amante dilira...
Ainda não crêias que amôr não te fira.

COËMA.

O bravo Nuripê por ti despreza
As patrícias máis dignas, as máis bellas :
Alto amôr d'este heróe faz invejárem
O destino que tens muitas donzellas.

ARIZA.

Quando vêrde manacã
Não brotar cheirosas flôres ,
Só entãrn nóvos amôres
O meu peito acceitará.

SCENA III.

AS MESMAS, E GUERREIROS PARAVIANAS.

Ouve-se o rebater forte e crebro do trocáno; e em brêve atravéssam
a scena centenaes de guerreiros paraviãnas, entoando alguns em
côro, enquanto os outros vam passando :

Ouvimos o trocáno
Nas sélvas resoar ;
Da guerra o instrumento
Vem todos convocar.

Algun damno desperta
A válida nação : —
A's armas! sus! corramos
Em sua defesa.

COÊMA.

Lá revôam mil guerreiros...
Que perigos, oh Tupá,
Nos occórrem sobranceiros?
— Vále; eu parto-me, Arizá!

SCENA IV.

ARIZA, E OS GUERREIROS PARAVIANAS, que continûam á
desentranhar-se da florésta, e accorrer para a tába : ouve-se ainda o
trocáno, e o hymno de rebate : —

Ouvimos o trocáno
Nas sélvas resoar;
Da guerra o instrumento
Vem todos convocar.

Algun damno desperta
A válida nação : —
A's armas! sus! corramos
Em sua defesa.

ARIZA, olhando assustada.

Ah, Nuripè se aproxima,
Nuripè á quem inspiro
Infáusto amôr... desgraçada!
D'aquí préstes me retiro.

Corre á sahir.

SCENA V.

ARIZA, E NURIPIÈ.

NURIPIÈ, detendo-a com gesto imperioso.

Arizá, cruél, não fujas!
Sós estamos nas floréstas :
O que temes? Si te adóro
Porque tanto me detéstas?!
Sou máis bravo que o jaguar,
Que debalde pretendèra —
Si nas brenhas se escondèra
Minhas séttas evitar :
Mas qual elle eu não devêra
Ai de mim! te horrorisar.

ARIZA.

Sou theûba que lamenta
Puro mel que a-sustentava;

Pois o amôr que me amparava
Esse amôr me foi roubado !
Nuripè vãamente tenta
De Arizá sêr adorado.

NURIPÊ.

Eu, o bravo dos bravos, eu te busco
De meus brîos privado,
Qual subêrbo condôr que já não vòa
Da flêcha atravessado.
Sam teus amôres, vîrgem, á quem céde,
Já vencida, minh'alma a resistêcia,
Como árvore das sêlvas que se curva
Dos sonóros tuffões á violêcia, —
Ou como féro chefe do inimigo
Ao meu tacápe de mortal perigo.

ARIZA.

Máis possível he que vêjas
Sem espinhos um airi,
Do que amôr que tu desêjas
Eu ceder jámáis á ti.

NURIPÊ.

A planície nem sempre vêjo nua
De rélvas e de flôres ;

Nem sempre vêjo o sol, ou meiga lua,
Sem lúcidos fulgôres :
Mas á ti, sempre vêjo sem brandura,
Só lágrymas vertendo,
Ao amôr insensível, e á ternura
Tyranna sempre sendo.

ARIZA.

Valente Nuripè, já outro eu amo. —
Não, não posso attender-te :
Oh ! antes derramar queiras meu sangue,
E assim satisfazer-te.
Despiedosa, vívida saudade
Sensível coração me dilacéra,
Ai ! dia e noite pelo espôso eu gemo
Que meu prazêr, incanto, e amôr só éra !...

NURIPÈ.

Máis acérbos me pûngem teus desprêzos
Que os gólpes sem vingança recebidos ; —
Máis que impunes affrontas dos contrários,
Que de fraco os labéos immerecidos.

ARIZA, com um tom irônico.

Ah ! e este he o guerreiro em cujo braço
A tába confiára ! ! !...

He o próprio Tuxáua quem medroso
Imbélle a-desampára!....

NURIPÊ, resentido.

Virgem, virgem! um fraco me julgas
Que aos trabalhos se quér esquivar?!
Si te fallo de amôr, sem defêza
Pensas que eu deixe a pátria ficar?!
Teus patricios já todos conhecem
Quam terrível lhes he meu valôr :
Só meu nome máis féro lhes trôa
Que d'horrendo trovão o fragôr!
Sempre, sempre que rêjo a batalha,
Dou triumphos á minha nação :
E os contrários, bramindo de raiva,
Contra mim atropéllam-se em vão!
Tâes não ródam as águas do rio
De que um vórtice impede o correr,
Qual no meio de meus inimigos
Tambarána que eu faço mover....

ARIZA.

Eu conheço, guerreiro, que és fôrte,
Que és de imigas nações o terrôr,
Que na guerra e na paz d'estes póvos
És o seu ornamento e esplendôr : —

Anhangá, oh! porém te desváira,
E a alta glória te apaga ou desáira!

SCENA VI.

ARIZA, NURIPÊ, E TRÊZ GUERREIROS PARAVIANAS.

CORO DOS TRÊZ GUERREIROS.

Por ti no concêlho,
Tuxáua, esperâmos :
Ao grito de guerra
Eis nós nos junetâmos.

NURIPÊ.

Da tába ao concêlho
Eu já voarei; —
Em breve, oh guerreiros,
Convòsco eu serei.

SCENA VII.

ARIZA, E NURIPÊ.

ARIZA, lançando-se aos pés de NURIPÊ.

Tuxáua! sê comigo generoso,
Volve-me á liberdade;
Vólve-me ao sólo pátrio : lá existe
A minha f'licidade.

Dos pomos que a-perfûmam tènue briza
Sparze grata os odôres, —
Por toda a parte assim verás minh' alma
Sparzir os teus louvôres.

NURIPÊ, levantando-a.

Urge o tempo; Arizá, minha presença,
Entre os meus necessária, aqui demóras!
Vê; máis humano sou do que se pensa : —
Outorgo a liberdade que me implóras.

ARIZA, com accento de gratidão.

Ah, Tupá fácil permitta
Sempre sêjas triumphante!
Tua fáusta, etérna dita
As nações todas espante!

NURIPÊ, ausentando-se.

Retiro-me agóra, formosa Arizá; —
A tába me chama em seu único amparo.
Meu peito ditoso em prazêr nadara
Si amôr lhe concêdes que tanto lhe he charo....

ARIZA.

Oh, enquanto viva eu fôr
Terás minha gratidão : —
Porêm, nunca, nunca amôr
Te dará meu coração.

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa o terreiro da tába dos Paráviáνας, onde estão sentados em semi-circulo sobre tóros ou pédras os anciãos da tába, e o chefe ou Tuxáua d'esta : todo o mais espaço em ródá he occupado pelos jóvens guerreiros, que assistem de pé e armados.

SCENA I.

NURIPÉ, levantando-se.

Anciãos e guerreiros mancêbos ,
Vós unís a prudência ao valôr ;
Sempre armados de firme constância ,
Sois de inimigas nações o terrôr :
Todas ellas agóra desêjam
Destruir nossa tába gentil ; —
Nossos bósques já muitas invádem ,
E em soccôrro lhes vêm mil e mil :
Si quizerdes , oh pôvo invencível ,
Inda o vosso Tuxáua escutar ,
Attendei ; — elle sempre he o mesmo
Que vos sóhe ás victorias guiar !

CORO DOS ANCIAOS E JOVENS GUERREIROS.

Nuripê — o Tuxáua — adorâmos ;
Os seus vótos apraz-nos seguir :
Falle o bravo dos bravos, e ouçâmos
O que vái-nos dos lábios abrir.

CORO DOS ANCIAOS.

N'elle o gênio que nós conhecemos
(Oh, ninguém duvidar ousará!)
Do juízo e exp'riência que temos
Muito acima de certo que está.

AMBOS OS COROS.

Falle o bravo dos bravos, e ouçâmos
O que vái-nos dos lábios abrir :
Aos seus vótos attentos sejâmos;
Nós devemos-lhe os vótos cumprir.

NURIPÊ.

Apressêmos-nos ! — o ázo se atalhe
De se unirem contrárias nações :
Nós melhor certamente as-vencemos
Dividindo-as em tênues fracções.
Amplos sam estes bósques, batêl-as
Vós máis fácil alli poderêis : —

Si esperáis-lhes aqui os assaltos,
Nossa tába, oh! em vão defendêis.

UM DOS ANCIAOS.

Não; eu não desalento; mas elles,
Possuindo uma fôrça maior...

NURIPÊ, interrompendo-o.

Não temáis! — si o valôr acabrúnham
A traição aproveita melhór. —
Quem hesita em defêsa da pátria,
Contra o imigo, os ardís empregar?
Anciãos que assistis ao concêlho,
Consultái a memória, e dizei: —
Nossos páes não sohiam haver-se
Qual eu d'elles agóra fallei?

CORO DOS ANCIAOS.

Sim; a verdade manou
Dos teus lábios, oh guerreiro;
Já a pátria se salvou
De seu fado derradeiro
Por seguïrem nossos páes
Alvitres aos teus iguáes.

NURIPÊ.

Sus! valentes guerreiros, marchemos

Contra o nosso inimigo feróz ,
Quê dispõe-nos á pátria adorada
Captiveiro o máis bárbaro e atróz.
Poderei succumbir n'esta lucta :
Nada importa ! — a victória porèm ,
Crêde, he vossa : meu plano seguro
Nunca, nunca fallido vos tem.

Da guerra o clamôr
Retumbe tremendo !
Em brêve sabendo
Os vîs ficarão, —
Tomados de horrôr,
Qual he o valôr
Da invicta nação —
Da terra esplendôr !

AMBOS OS COROS.

A victória será dos valorosos ,
Assim, nós valorosos esperâmos
A victória alcançar :
E do nosso Tuxáua confiâmos,
Pois sabe de inimigos numerosos
Mui hábil triumphar.

Levântam-se todos dispondo-se em filas , e brandindo as armas.

Nem os filhos nos dirão : —

« Nossos páes quam mal guardáram
« Contra a séva escravidão
« Estes campos que regáram
« A'guas já de liberdade
« Desde a máis antiga idade ! — »

NURIPÈ.

A quem não rende ou atterra
Nossa indómita bravura ?
— He debalde que procura
O inimigo nos vencer.
Entoái o hymno de guerra !
Eia, oh bravos ! ao conflicto !
Eu, convòsco, não hesito
A victória em predizer.

Sóam os instrumentos béllicos, e ao mesmo tempo brandindo as armas
todos sâhem entoando .

A guerra nos he mui grata
Quando a pátria defendemos :
Pela pátria e liberdade
Combatendo morreremos.

SCENA II.

ARIZA, só.

Irahy — o meu amado —
Nunca máis o-abraçarei?
Nunca máis conseguirei
Ai de mim! vêl-o ao meu lado?
Insanável dôr ferira
O meu triste coração,
Que incessante, sempr' em vão
Seu amôr geme e suspira!...
Eu não tenho a faculdade
De poder á pátria me ir;
— De que vem á me servir
Ai! sem pátria a liberdade?
Não esperes que Tupá
Feliz vòlva o teu destino
Tam cruél e tam ferino,
Oh misérrima Arizá :
Por temôres tôrpes, vís,
Tu não mudas tua sôrte!
Dam-te os bosques para a mórte
Os venenos máis subtís...
Mórre! mórre! — o teu pezar
Máis te afflige e máis apérta :

Só assim he que se acérta
Para sempre o-terminar.

SCENA III.

ARIZA, COËMA, E BAJARA.

COËMA E BAJARA.

Aquí võem tuas amigas
Te render os parabens
Pela dita que já tens.

COËMA.

Arizá, não te maldigas
Máis de tua infelicidade;
Que obtivéste a liberdade!

ARIZA.

Eu não sou ainda livre
De partir para entre os meus;
E a ventura só pertence
A' quem vive juncto aos seus.

BAJARA.

Que és feliz, oh, nós sabemos...
O Tuxáua te fallou,
E si o amor não te alcançou,

Como livre hõje te vemos ?
E's de seu peito senhóra,
Tu a quem máis elle adóra.

ARIZA.

Quam exìgua avaliáveis
A firmêza de meu peito!
— Irahý he quem só amo :
Outro espòso, oh ! eu rejeito.

COÊMA.

Eu bem sei que ao teu amado
Tributavas véro amòr ;
Mas aquí máis esplendòr
Póde sêr por ti achado :
Si o Tuxáua he teu espòso
Fado espéras máis formôso?!

BAJARA.

Chara amiga, confessar-nos
Si não quéres a paixão,
Não a-deves máis negar-nos :
Ao voltar da expedição
Nuripê mesmo dirá
Quanto occultas, Arizá.

SCENA IV.

AS MESMAS, E JACY.

JACY.

Renascêo minha ventura!
Quantas graças eu te dêvo
Nem tu sabes, Arizá!

ARIZA.

Oh ! comigo tal brandura
Jacy hõje empregará!

JACY.

Porque não te conhecia,
Aggravei-te : mas perdõa
Os ultrajes que te fiz.
Eu entâm te abhorrecia
Te julgando máis feliz.

ARIZA.

Ah , explica-me, Jacy,
As palavras que proféres;
Pois eu não te comprehendo,
Eu que nunca te offendì,
Ultrajada sempre sendo!

JACY.

Sim, agóra confessar-te
 Quéro minhas injustiças.
 Arizá! — eu te odiava...
 Nuripê por muito amar-te
 Quási já me abandonava;
 Si me tinha amôr profundo,
 Máis profundo lhe influías; —
 Anhangá o-quiz assim!
 — Mas teu sêio pudibundo,
 Repellindo-o, o-volve á mim.

ARIZA.

Jacy própria reconheces
 A purêza de minli' alma.

JACY.

Sim; e tu restabeleces
 Em meu sêio a dôce calma.

A' dois.

JACY.

Abrãam-se.

ARIZA.

Implacável rancôr,	Longe, zêlos de amôr
Que feróz te votei,	Que eu outr'óra inspirei,
Em fratérna amizade	A fratérna amizade
Eu agóra o-troquei.	De Jacy alcancei.

JACY.

Antes de ir á expedição
Nuripê terno abraçou-me,
E em tom firme suspirou-me :
« He só teu meu coração. »

ARIZA.

Para a tába onde nasci
(Lá me vive quem adóro) —
D'elle obtem, oh ! eu t'o-implóro,
Que permitta ir-me d'aquí.

JACY.

Eu por ti que não faria !
Hei de certo conseguir
Que te deixe á tua pátria,
Qual desêjas, te partir.
Quam feliz he meu destino !
Vále ! — he fôrça me ausentar :
N'esse lago crystallino
Que ensòmbram as mongubeiras
E os verdôres das palmeiras
O meu còrpo vou banhar.

Sáhe.

SCENA V.

ARIZA, COËMA, E BAJARA.

ARIZA.

Ouvís? — Elle, generoso,
Remittio-me a escravidão;
Mas não fil-o esperançoso
De lhe dar meu coração.
A' Jacy, á sua amante,
Todo agóra voltará;
Ella he linda e mui constante,
E qual d'antes o-amará :
Ah ! só foi por causa minha
Que em amal-a arrefecêo,
Mas a culpa eu não a-tinha
D'esse amôr que me off'recêo.

COËMA.

Arizá, não sam suspeitas
As palavras que murmuras...

BAJARA.

Digno amôr tu não procuras !
Esse amôr louca rejeitas !

-- Mereças as venturas
As quâes tu desaproveitas!

ARIZA.

Ah! Coêma, e tu, Bajára,
Vós verêis a que se atrêve
O meu peito dentro em brêve,
Si na pátria dôce e chára,
Ai! pulsar-me não máis déve
Juncto á quem eu só amára!...



ACTO TERCEIRO.

O theatro representa um lado da tába dos Paráviânas, e ao longe o terreiro da mesma. {Ouvem-se distantes sons de instrumentos bélicos, e a strophe seguinte d'um hymno de triumpho : —

.

He nossa, he nossa a victória!

Honra aos bravos! honra e glória!

SCENA I.

JACY, entrando.

Com presentes eu descì
Do pagé ao antro escuro,
E lá sùpplice o-conjuro : —
« Volve o amante que elegì
« Ao amôr sempre leal! — »
— Serás sempre sem rival,
(Respondêo), linda Jacy. —

Ouve-se esta outra strophe ainda fóra :

Desdenhâmos o temôr
Quando a pátria defendemos :

Onde existe algum valòr
Que assim pois não rechassemos?

JACY, prestando ouvidos.

Ouçò os cantos de triumpho!!!

Nuripè vou encontrar....

D'alvos dentes do inimigo

Hei-de tèr bello collar!

Sáhe.

Ouve-se ainda fóra, ao péto :

Brilhe o rìso, almo prazêr,

Sob as ázas da victória!

Circumdando-nos de glória,

Próle e espòsas defendêr

Conseguì nosso valòr

Das nações hòje o terrôr!

SCENA II.

Um grande nùmero de guerreiros paráviânas vencedôres e armados entram, e bem assim muitas donzéllas da tribu, por todos os lados do theatro.

CORO DOS GUERREIROS.

Nós apênas nos mostrámos

Que a victória nos c'rôou!

Nossa tába nós salvámos

Da eversão que receiou.
Quaes as fôlhas d'um arbusto
Si o tuffão asp'ro as-levou, —
Ante nós, — cheio de susto, —
Tal o imigo se escoou!
Honra á válida nação!
Abaité, e seus guerreiros
Mil e mil, — em nossa mão
Gêmem lá prisioneiros.

Longa páusa.

Mas em tanta alacridade
Nosso lucto occultaremos?
Nuripê, — por quem vencemos, —
Não nos ha de máis guiar!...
Nossa crua infelicidade,
Oh guerreiros, deploremos!
— O Tuxáua nós perdemos;
Que nos póde consolar?!

SCENA III.

OS MESMOS, E TRÊZ GUERREIROS.

OS TRÊZ GUERREIROS.

O pagé foi consultado
Sòbre a sorte do inimigo .

Trêmam, trêmam do castigo!
— Nuripê! serás vingado.

CORO DOS PRIMEIROS GUERREIROS.

Do pagé qual foi o canto
Infallível, justo, é santo?

UM DOS TRÊZ GUERREIROS.

« — Nem os vîs, mólles contrários
« Vêjam máis a liberdade;
« Abaité, porêm, nefários
« Pague os feitos e a maldade :
« — O Tuxáua atanayrù
« Ao supplicio não escápe
« O máis féro, diro e erù : —
« Mòrra ao cóрте do tacápe. »

CORO DAS DONZÉLLAS.

Companheiras, exultemos!
Brevemente o atróz supplicio
De Abaité e o sacrificio
Com prazêr contemplaremos.

OUTRO DOS TRÊZ GUERREIROS.

E o pagé accrescentou : —
« Qual he uso ; a máis formosa

« Das donzéllas se lhe dê; —
 « Sêja a mesma que abrazou,
 « Mas arisca e desdenhosa,
 « O Tuxáua Nuripê. »

CORO DAS DONZÉLLAS.

Oh! quem só o-repellio,
 Arizá — foi Arizá!

CORO DE TODOS OS GUERREIROS.

O pagé a-preferio;
 Do inimigo ella será.

SCENA IV.

OS PRECEDENTES. Alguns Paráviânas entram e conduzem á um
 tajupár **ABAITÉ**, Tuxána dos Atanayrús, que ali fica prêso á
mussarâna. Vêm-se desfilar guerreiros atanayrús captivos seguidos
 dos vencedôres, que vam armados.

UM DOS PARAVIANAS.

Cruento Abaité! — a vingança he atróz
 Que vamos de ti furiosos tomar....
 Vês quantos guerreiros, d'um passo velóz,
 Podéram dos teus um sem-num'ro domar?!

ABAITÉ.

Muito jóven sou, — contudo
Meu valôr e previdência
Tem salvado minha tába
D'imminente decadência :
Si da tenra infância o nome
Transmudei no de Abaité,
Este obtido por meu sangue
Em trabalhos mil só he : —
Fulgurante d'alta glória
Viverá minha memória !

SCENA V.

OS MESMOS, excepto os Alanayrús e os Paráviânas que os-seguiram.
Entram outros Paráviânas com ARIZA.

UM D'ESTES, para ARIZA.

Nuripê te libertou,
E's assim Paráviâna;
O pagé te destinou
Aos amôres do inimigo
Alli prêso á mussurâna :
Não ha pois nenhum perigo
Si Abaité, que abominâmos,
Só á ti o confiâmos.

Sihem.

SCENA VI.

ARIZA, E ABAITÉ.

ARIZA, entre si, chorando.

Nunca, nunca o prisioneiro
Meu amôr profanará! —
Do uirarê subtil reneno
D'este horrôr me salvará.

Fica parada diante de Abaité. Silêncio por alguns instantes.

ABAITÉ.

Enxuga, oh vîrgem, o pranto
Que não cessas de verter!
Animoso, sem espanto,
Eu alêgre vou morrer.

ARIZA, entre si.

Oh! que abalo não senti!
D'elle á vóz estremeci!

ABAITÉ.

Tu és filha d'inimigos,
D'inimigos que eu odêio, —
Mas incantos já perdidos
Me revolves no ìmo sêio!

ARIZA, entre si.

Exp'rimêntam meus sentidos
Indizível, dõce enlêio!...

ABAITÉ.

Linda filha do inimigo,
Teus amôres eu rejeito....
Mas que incanto tens comigo!
Qu'impessão em mim tens feito!
— Meiga, vívida lembrança
Tu despértas em meu peito
Pela tua similhaça
Com a vírgem que eu amei!
Em teus ólhos eu achei
Ineffáveis attractivos
Dos seus olhos nègros, vivos
Quaes os-tem a cangatá!

ARIZA, entre si, mirando-o.

Cada vêz, grande Tupá,
Mais attráhe o seu semblante!...
Máis parece o meu amante!...

ABAITÉ.

Como o tronco da inajá
Que gentil, viçoso está —
Era esvelto o côrpo seu,

Mas não tanto qual o teu :
No moreno cóllo ás auras
Seus cabêllos se espalhávam;
Ah! no brilho e formosura
Teus cabêllos irmanávam!
Com pequena differença
Me parece a-contemplar!
Eis seus lábios! — o seu ar!
Os seus hombros! a presença!
Quando, oh vîrgem, eu te vi,
Vêl-a quási presumi!...
Mas no mórbido tornêio
Tuas faces dissimilham,
Bem assim na pallidêz;
Nem os pômos de seu sêio
Eram jambos onde brilham
Os signaes da madurêz.
Mimosos pés que a-sustêntam
Podem sem difficuldade
Minhas mãos dentro os-conter;
Teus brêves pés represêntam, —
Quaes d'infante em tenra idade
Que o pái sóhe nas mãos erguer.

ARIZA, entre si.

A' Italy por que prodìgio

Assimilha-se Abaité?!

De Anhangá um vão prestígio

O que vêjo e ouço não he?!...

ABAITÉ.

Si a baunilha se entrelaça

Co' o gentil maracujá, —

Quando a um agita a briza

Tambèm o outro agitará :

Táes no amôr éramos ambos !

O pensar que me occupava , —

Fôsse alégre ou triste fôsse,

Esse mesmo ella formava.

Eu jurava-lhe : « Eu te adóro, »

« — Eu te adóro, » ella á jurar;

O meu peito arfava inquieto !

Era igual do seu o arfar !

Oito vêzes tem brotado

Flôr e fructo o guapolì,

Depois que no sólo amado,

Infeliz eu a-perdì...

Desde entâm embalde a-chóro ;

Seu destino todo ignóro !...

Pende-lhe a cabeça para o peito, e elle chóra.

ARIZA, enternecida.

A minh' alma te deplóra !

— Te evadires deixarei : —
Vái , guerreiro , vái-te embóra ;
Mussuránas cortarei...

Em acção de cortar-lhe as chórdas.

ABAITÉ , suspendendo-a

Nunca ! — nunca ! — Já vencido ,
Como um fraco hei de fugir ?!...
Falla ! — falla ! oh linda vîrgem ,
Tua vóz só quéro ouvir.

ARIZA.

Eu não sou , oh prisioneiro ,
Da nação a quem odêias :
Estas térras onde habito
Como á ti me sam alhêias.
Ah ! perdêste a tua amada ,
Meu amado , oh dôr ! perdì!...
Julgas tu em mim revêl-a ,
E eu revêl-o julgo em ti !

ABAITÉ , entre si.

Arizá qual esta vîrgem
Vóz tam meiga desatava ;
Imitar-lh'a na doçura
Impossível eu julgava !

ARIZA.

Ai! de fructos oito vèzes
Ananìs já se e'ròáram,
Depois que da liberdade
Os imigos me priváram...

ABAITÉ.

Quantas vèzes enflorado
Para ti elles se havíam?

ARIZA.

Dôze : para meu amado
Vinte vèzes florescia.
Os meus páes lhe promettêram
Nossas vidas reunir, —
Mal os fios que me cingem
Me podêsem distinguir...
Mas que provas se exercêram,
Oh Tupá! do seu valôr! —
Táes extremos não se fingem
Fôra falso o seu amôr.

ABAITÉ, turbadíssimo.

Illusão! cruéis prestígios
Dos Espíritos conhêço...

Manitòs ! eu fremo ! o sangue
Se alvoróca !... eu desfallêço...
Meiga vîrgem, serás tu
Da nação atanayrù ?

ARIZA.

Das águas o corrêr lá vi primeiro.

ABAITÉ, entre si.

Não he ella ? — He Arizá !
Mas não... si fôra...

ARIZA, não menos desassocegada.

Dize-me, o guerreiro...
Vacillo... Elle ?!... Elle será?...

ABAITÉ.

Ah ! si acaso te chamáras
Arizá ! — Si fòsses ella, —
Conhecêras, vîrgem bélla,
O signal que me graváras...

Môstra-lhe cêrto lugar no peito.

ARIZA, junctando as mãos para o céo.

E's tu !...

ABAITÉ.

Arizá querida!...

Córrem á abraçar-se.

ARIZA.

Irahy! emfim Tupá
Se doêo da triste vida
Da misérrima Arizá!

ABAITÉ, E ARIZA.

Nossos ólhos s'inúndam, ah! de prantos
De profunda tristêza e de alegria; —
Quaes flôres que s'inúndam dos orvalhos
D'atra noite e manhã d'um bello dia.

ARIZA, afastando-se tremendo.

Trêz guerreiros se aproximam;
Quaes intentos os-animam?!..

SCENA VII.

OS MESMOS, E TRÊZ GUERREIROS PARAVIANAS, com cestas
de fructas, etc., destinadas ao prisioneiro e á Arizá.

UM DOS GUERREIROS, a Arizá.

Alimentos êis trazemos
Para ti e o prisioneiro.

OUTRO, á mesma.

Com aspecto prazenteiro
Já agóra nós te vemos!

OUTRO, á mesma, sarcasticamente.

Arizá, êis-te propícia
Do inimigo á vil delícia!
Repulsaste a Nuripê, —
De Abaité amante sê!!

Sáhem.

SCENA VIII.

ABAITÉ, E ARIZA.

ARIZA.

Avistando-os, Irahý,
Oh, que sustos não soffrì!...

ABAITÉ.

Nuripê, — o refalsado, —
Aspirou ao teu amôr?!
Arizá, o teu amado
Déve crêr em teu candôr?

ARIZA.

Não duvides , Irahý ; —
Antes póde o mauary
Transmudar su' alva còr
Para a còr do jupará,
Do que dar-te falso amòr
A fiél, firme Arizá.

ABAITÉ.

Indo aos prélios nem tanto os guerreiros
Necessitam de as armas levar, —
Qual preciso das tuas palavras
Para a minlia desgraça olvidar !

ARIZA.

O'ha ; as sombras já se accólhem
Sob a cópa do arvorêdo, —
Receiêmos que o inimigo
Póssa aquí voltar bem cêdo :
Velózes fujamos, oh meu Irahý...

Córta-lhe a mussurána.

ABAITÉ.

Oh ! sim : inda ha pouco fugir renuê,
Agóra, porêem, fugir não tardemos ;
A' tába natal êia préstes voemos.

ARIZA.

Mas em paráviána te disfarça,
Para não sêrmos d'elles conhecidos...
Sam desértos da tába os tajupares,
E lá eu te acharei alguns vestidos.



ACTO QUARTO.

O theatro representa valles ameníssimos tapizados de flôres e rélvias serpeando entre collinas graciosas, d'onde se debruçam arbustos enleitados de cipós que se embalâncam em florígeros festões. Montes elévam seus tópes anilados reflectindo os clarões do sol cadente.

SCENA I.

GUERREIROS ATANAYRUS, — parte armados, — parte desarmados, — entôam em côro :

Já nós quási do triumpho
Entoávamos o canto ; —
Quando horrôr, e mórte, e espanto,
Entre os nossos se espallhou !
Sim ! — que um vulto ruge e freme
Contra nós d'entre as floréstas ;
E de sùbito êis que d'estas
Hóste armada pullulou : —
Era o atróz Paráviána,
Nuripê, — o refalsado, —
Que Anhangá sempr' irritado
A' perder-nos destinou !

SCENA II.

(OS MESMOS, e outros Atanayrûs que vêm conduzindo a Nuripê e alguns Paraviânas prisioneiros, com os quaes entram enfiando o lado opposto do proscênio.

Mas siquer chegando á tába,
Filhos, páes, térnas consórtes, —
N'elle póssam dîras mórtes
Ai! dos seus todos vingar.

UM DOS ULTIMOS ATANAYRUS.

Eia, atanayrûs guerreiros,
Infelizes companheiros,
Nossa marcha suspendamos;
Para nós e os prisioneiros
De descanso precisamos :
Vigôr nôvo se recóbre
Té que a noite se desdóbre.
Sônem-se todos atraz dos sêrros.

SCENA III.

ABAITÉ ou IRAHY, disfarçado em paraviâna, e igualmente
ARIZA.

ABAITÉ.

Arizá, oh minha amada,

Eis que salvos já nos vemos;
Mas por isto sempre temos
Caminhado sem cessar;
Nós ainda nem podemos
Brève instante respirar :
A's fadigas costumado
Eu não deixo-me abater;
Porêm vêjo-te ao meu lado
Cruelmente padecer...

ARIZA.

Tambêm he grave o pêsso de seu fructo , —
Mas oppressa a palmeira se lamenta ?
Ao contrário ; — ella o julga diminuto ,
Que máis bella e subêrba se apresenta.

ABAITÉ.

Arizá , de repouso tu precisas :
O bósque he solitário ; descancemos ;
Quando virmos soprar da noite as brizas
Proseguir nosso curso poderemos.

Estes valles tam gentis

Ah ! de meigo amôr nos fállam :

Dòces cantos lá exhálam

As graûnas e os sahîs :

Na folhágem do ingazeiro

Brincam auras, que recêdem
Com a flôr do cajueiro :
Zabelês térnas desprêdem
Os seus áis volupiosos ,
E saudosos ,
D'entre a rélva tam macia
Que eu diria
Sêr das aves o frouxél !

ARIZA.

Como he dôce o puro mél
Das mimosas jandalhyras ,
D'onde emana grato odôr ,
Tal assim o que profiras
Me he dôce , oh meu amôr !

Sêntam-se no declivio de uma collina juncto á uma árvore.

ABATTE.

Não he raro, não, que um hòmem
Suba em árvo're a máis erguida —
Onde a flécha não alcança ;
E si os ramos lá se ròmpe ,
Vem precípitemos , — da vida
Sem a mínima esperança : —
Mas Tupá he tam clemente !
Elle os braços estendêra

Dos cipós que o triste ampáram ;
No seu transe nem máis este
Esperar já se atrevêra
Os soccórros que o-salváram !
Ah! qual o hòmem que figuro
Tal sou eu , oh minha amada ,
E tu fòste os pĩos braços
Dos cipós que o-soccorrêram.
Nossa vida está ligada
Nos máis charos firmes laços...

ARIZA.

Eu feliz hòje te dêvo
Minha existência também :
De máis prêço e máis enlêvo
Para mim ella he porêr.

ABAITÉ.

Tam gentíl , e não amares !...
Nem a fé me abandonares !...

ARIZA.

Pergunta á jassanan si olvidaria
A próle que entre os juncos ella educa ;
— Responderá : « Jamáis ! » Assim respondo :
« Jamáis eu te esquecia. »

ABAITÉ.

Nunca a térra jurity
Suspirou tam maviosa,
Arizá ! quanto amorosa
Tua vóz agóra ouvì...

ARIZA.

I'gneos vótos me offertávam ,
Mas teus votos só reinávam :
Assim lá do Queceuéne
Nas selvasas ribanceiras
Todos os éechos se absórvem
No rumôr das caxoeiras

ABAITÉ.

Sempre viva no meu peito
Tua imagem foi também ,
E a-guardava
E a-adorava
Com um zêlo máis perfeito
Do que véla a onça o leito
Onde a próle occulta tem...

ARIZA.

Toda a vêz que eu apanhava

Um gentil meigo supì,
Ah! beijando-o lhe exorava
Que voasse após de ti,
E soltando-o murmurava,
Por ti mórtá de saudade: —
Dize-lhe, ave, que « he verdade »
Amo-o ainda qual o-amava!

ABAITÉ.

Qual d'entre as flôres guanamby só ama
Flôr em que o mel recende,
Assim d'entre as donzêllas só te quéro,
Teu amôr só me prende.
Arizá, tuas phrases divinas
Sam máis gratas que o próprio clamôr
Da victória que obtêm do inimigo
Nossa tába de immenso valôr.
De teu hálito a fragrância
Assimilha a do ananaz;
De teus lábios o sorriso
Máis que a luz do sol me apraz.

Abaité põe-se á colhiêr flôres, com que vái ornando os cabêllos
de sua amada.

SCENA IV.

Alguns dos Atanayrûs que se haviam internado nos valles e sêrros apparecem entre as árvores sem que os-percêbam Abaité nem Arizá.

UM DOS ATANAYRUS.

Esperemos!... ha quem négue
Que o inimigo inda nos ségue?

OUTRO.

Silêncio!... Paráviânas
Alli vêjo descansando...
Exploremos por emtôrno
Si outros vêm aqui marchando...

OUTRO , ao precedente.

Quêres tu d'esta maneira
Sua mórte demorar?!
Como tenho a mão certa
Vou agóra lhes mostrar...
Atésa a chórda do arco onde tem já uma flécha embebida ,
e aponta para Abaité e Arizá.

UM DOS OUTROS , travando-lhe do arco.

A' razão , guerreiro , céde!
— A prudência nos impéde
N'algun acto consentir

Que nos pôssa mal-armados
Ao imigo descobrir.
Si dois sós vemos sentados
Cem e cem pôdem surgir
N'estes sêrros emboscados...
Sômem-se de novo.

SCENA V.

ARIZA, E ABAITÉ, de joêlhos ante sua amada continuando á
enfeitar-lhe de flôres as longas madeixas.

ARIZA.

Nas órlas d'um rio
Um dia eu vagára
A' ver si d'um' ave
Tu' alma usurpára
A fôrma incantada
Após o morrer :
Aos hymnos das aves
Eu applico o ouvido,
Dizendo comigo : —
« Tendo elle morrido
« Não quéro viver... »
— Acauân sinistro
Eis carpe-se horrendo
Nos mangues escuros ; —

As côres perdendo ,
Fiquei á tremer!...

ABAITÉ.

Si eu tivesse já morrido
Haveria preferido
Linda fôrma d'um japim
De cantar harmonioso,
Para vir-te pressuroso
Relatar nóvas de mim.

ARIZA.

Ouves tu , meu dôce amado ,
Sussurrar a briza ?
Ouves tu o remurmûrio
D'agua que desliza
Entre as flôres d'este prado?
Riso, incanto, gôzo, amôres,
Tudo, tudo aqui respira !
— Porêm nada me tocára
Si eu acaso não ouvira
O teu nome que soára
D'água e briza nos rumôres
E entre arômas d'essas flôres !

Brilham estréllas , e a lua móstra seu disco de prata sôbre
as montanhas.

ABAITÉ.

Lança agora os teus olhares,
 Oh dulcíssima Arizá,
 Para o azul campo dos ares :
 Já scintillam flammejantes
 Os fulgôres de Tupá!
 Meiga lua êis já passêia
 Sôbre os montes viridantes
 Que su' alva luz clarêia!

SCENA VI.

Accórrem d'entre o arvorêdo um grupo de Atanayrûs, que páram á distancia, sôbre os sêrros, adiantando-se dois dos mesmos para Abaité e Arizá.

OS DOIS ATANAYRUS.

Paráviânas traíçoeiros,
 Eia! sois nossos escravos :
 Com os outros prisioneiros...

ABAITÉ, conhecendo o engano dos seus, e arremessando o cocár de plumas que lhe ensombrava o rôsto, e ao mesmo tempo sahindo de sob as árvores :

O Tuxáua vêde, oh bravos!

OS DOIS ATANAYRUS, estupefactos.

Um vão sonho não he ?!
— O Tuxáua em pessoa ,
O valente Abaité !

A' este tempo tẽem chegado os outros Atanayrús que , depondo as armas aos pés do chefe , e curvando-se-lhe diante , exclâmam :

Oh Tuxáua ! perdôa !...

ABAITÉ.

He assaz , fôrtes guerreiros ;
Nada eu tenho á perdoar-vos...
Infelizes companheiros !
Vinde á mim , quéro abraçar-vos...

Lançam-se nos braços d'elle. Abaité toma Arizá pela mão e apresenta-a aos seus :

Eis aquí a minha amada ,
Que o inimigo captivára !
Já da mórte decretada
Ella a vida me salvára.

OS ATANAYRUS.

Abaité , — festejaremos

União tam venturosa
 Com a mórte sanguinosa
 Do *cruél*, que alfin prendemos,
 E de alguns dos seus guerreiros
 Tambèm nossos prisioneiros.

SCENA VII.

OS MESMOS, e o résto dos Atanayrùs que trázem os prisioneiros,—
 NURIPÈ, e alguns Paráviãas.

ARIZA, divisando Nuripè, entre si.

Nuripè entre os captivos
 Não distìngue a minha vista?!

NURIPÈ, admirado de aqui vèr Arizá, entre si.

He possível que em tács sítios
 Arizá presente exista?!...

ARIZA, dirigindo-se á Abaité, e indicando-lhe Nuripè.

Irahy! já te fallei
 D'este mísero vencido....

Dirigindo-se á Nuripè, e indicando-lhe Abaité.

N'elle vès quem sempre amei,
 Por quem fòste preterido :

— Tanto amáras a Jacy
Quanto eu amo a Irahhy!

NURIPÊ.

Pôsto que jamáis quizéste
Acceitar o meu amôr,
Ah! ingrata, inda o rancôr
Contra mim não depozéste?!

ARIZA.

Da vingança a crua sanha
Em meu peito, oh! eu proscrêvo.
Nuripê, não sou estranha
A's bondades que te dêvo.
Irahhy he generoso, —
Nem á voz de su' amante
Desattende furioso....

A' Irahhy, em tom supplicante.

Irahhy! ái! n'este instante
Paga o indulto precioso
Que doou-me Nuripê : —
O primeiro em tudo sê.

ABAITÉ.

O que me supplicas?!

ARIZA.

Sua liberdade.

ABAITÉ.

Vê que sacrificas
Geral f'licidade!...

ARIZA, descontente.

Pois bem! não accédes?...

ABAITÉ.

A vida te dêvo e o máis cândido amôr :
Negado o que pédes —
De mim desgraçado si agóra t'o-fôr!

ARIZA, abraçando-o.

Meu ânimo sente-se ufano e vaidoso
De amar um guerreiro,
No amôr tam affável, leal, generoso,
Na guerra o primeiro!

ABAITÉ, aos seus.

Oh guerreiros, perdoemos!
Ella o-quér, e quem resiste?

OS ATANAYRUS.

Abaité, nós concedemos
O perdão que proferiste.

ABAITÉ.

Soltai-os! — Nuripê, por ella és livre!
Vái-te, vái-te com os teus, féro inimigo.
Os Atanayrûs desátam as prisões á Nuripê e aos outros Paraviânas.

NURIPÊ, enternecido e maravilhado.

Tuxáua atanayrû! beneficente
N'este dia fatal serás comigo!...

ABAITÉ E ARIZA.

Tendo só um coração
Irahy máis Arizá, —
Indiff'rente á gratidão
Um á do outro não será.

NURIPÊ, depois de curta pausa.

Si eu pedisse a salvação
Fôra infâmia e cobardia :
Nuripê sua nação
Nem a si aviltaria...
Mas poisque a liberdade

Voluntário tu me queres ,
Oh guerreiro , conceder, —
Eternal grata amizade ,
Pelo dom que me conféres
Nossas tábas vái prender.

ABAITÉ E NURIPE.

Nossas tábas , sim , liguemos
Na máis sólida amizade !
Nossa mútua hostilidade
Hòje alfin ah ! terminemos.

Trocam entre si duas fléchas cujas pontas elles québram primeiro.

ATANAYRUS E PARAVIANAS.

Revoêmos á tába !
Estas gratas notícias
Nem máis lá s'esperáram !
O nosso ódio se acába ;
Que allianças propícias
Os Tuxáuas firmáram !

ABAITÉ.

Si depondo o ódio crû
Bem-quistada se agermana
A nação atanayrû

Co' a nação paraviána
A' Arizá graça se dê!
Que da paz foi ella o nó : —
— Tal nas sélvas lá se vê
Lindo flórido cipó
Reunir duas palmeiras
Sveltas, fórtes, e altaneiras!

NOTAS Á ARIZÁ.

NOTAS Á ARIZÁ.

ACTO PRIMEIRO.

Tupá (ou *Tupan*) : A Divindade suprema, o Grande Espirito do bem, a alma do universo. Era o Pachacamac dos Peruanos. Algumas hórdas o-chamávam *Tamoî*, *Tamussicabû*, etc.

Anhangá (ou *Anhan*) : Espirito do mal, como o do bem era *Tupá*.

Pagés (ou *Piágas*) : Sacerdotes, prophétas, os intérpretes dos mystérios, dos succéssos pretéritos, presentes, e futuros, os medianeiros dos Espiritos, e dos mortáes.

Tuxáua (ou *Tuxánu*) : Chefe, maioral.

Trocáno : Cáixa de guérria; um tóro de árvore ouco, em que rebatiam com vaquêtas guarnecidas de borrachia. Os seus sons estrugiam nas mattas á máis de uma légua de distância.

Theûba : Uma qualidade de abêlha.

Tacápe : Era uma espada de páu rijo endurecido

ao fogo, ás vêzes de dois cortantes, e com ou sem vários ornatos.

Tambárana (ou *Tamarána*) : Clava de quatro á cinco pés de comprido sôbre quatro pollegadas de largura, para uma de suas extremidades, adelgagando-se para a outra, toda esquinada, excepto na parte por onde se manejava.

Tába : Era a habitação geral, ou se quizerem, uma aldeia, e constava de *tajupares* ou cabanas, ordinariamente, communs á muitas famílias, que ali suspendiam suas rêdes, guardavam seus arcos, fléchas, e as demáis armas offensivas e defensivas, seus utensis domésticos, e os de caça, etc., etc.

ACTO SEGUNDO.

Damos o nome de *terreiro da tába* ao local onde se reuniam os guerreiros durante o dia á fim de deliberárem acêrca de negócios individuâes, e públicos, e onde se entretinham ainda em diversos trabalhos, celebrávam fêstas, e jógos, e outras solemnidades, tomávam sua refeição ou recebiam os hóspedes; era como que uma sala pública de até cem passos de comprimento e máis : ahî todos os guerreiros gozávam livremente do direito de exprimir seus vótos sòbre as cousas em que toda a nação interessava : o concurso dos membros d'essas sociedades de nossos aborígenes designamos, quando deliberávam, com o nome de *Concêlho*.

Si quizerdes, oh póvo invencível.

Pag. 257.

Ao chefe, á não sêr no meio dos combates, pres-távam os guerreiros das tribus brazilienses antes deferência do que submissão : era, antes que tudo, uma auctoridade patriarchal e prestigiosa que os dominava e mantinha sujeitos.

*Anciãos que assistis ao Concélho ,
Consultai a memoria.....*

Pag. 259.

Os nossos selvágens não conheciam outro modo de conservar e transmittir a lembrança dos acontecimentos que a tradição oral. Os *quipós* dos Peruanos ou os *hieroglyphos* do Anahuac lhes sam desconhecidos. Assim a memória dos homens, especialmente a dos velhos, éram os fastos que se invoeávam muitas vêzes; n'ella he em que vivíam os heróes da nação, que entusiásticos *péans* exaltávam, e n'ella he em que a emulação da juventude hauria brios e valôr para que a nova geração se avantajasse aos seus maióres ou siquer os-igualasse.

ACTO TERCEIRO.

*Si da tenra infância o nome
Transmudei no de Abaité.*

Pag. 275.

Os indígenas do Brazil costumavam tomar um novo nome á cada acção de valôr, á cada proêza memorável que commettiam, e isto no meio de apparatusas solemnidades. *Abaité* significa *abalizado*; foi o nome que tomou *Irahy*.

Mussurana : Córda de fio de algodão.

Uirari : He um cipó do qual indígenas americanos extrahem um princípio tóxico; têm de uso com elle, depois de mistural-o (em complicadíssimo processo) com outros princípios inertes uns, outros máis ou menos activos hervar as suas fléchas, e algumas hórdas a unha do pollegar para acabárem com os adversários que lhes vênham ás mãos. Póde sêr absorvido impunemente pelas vias digestivas : alguém mesmo, diz-se, aprecia saborear a caça mórtá á flechadas servindo séttas envenenadas com o uirari.

Cangatá : Ave de bellissimos ólhos prètos, muito-vivos.

Inajá : Graciosa e elegante palmeira.

*Mal os fios que me cingem
Me podéssem distinguir.*

Pag. 281.

Era de prática entre algumas tribus do Brazil trazerem as mulhéres, apenas chegadas á idade pùbere, cértos fios tecidos de algodão atados aos braços e á cintura : deviam necessariamente tiral-os quando casássem, ou infringissem mesmo as lêis da virgindade.

*Mas que provas se exercêram,
Oh Tupá! do seu valór! etc.*

Pag. 281.

Algumas vêzes um guerreiro não alcançava a pósse d'aquella que almejava desposar sinão á fôrça de próvas difficilimas impóstas por esta ou pelos seus páes. O contracto conjugal se effectuava não raramente desde a infância a máis tenra; porém os desposados só conviviã junctos na puberdade. Vemos contractos d'esta órdem na A'sia, e mesmo na Europa moderna.

ACTO QUARTO.

Nas órlas d'um rio, etc.

Pag. 293.

Os autóctones brazilienses, ou máis exactamente alguns d'elles, também criam n'uma espécie de metempsy'cose : assim, as almas regressavam á terra debaixo de fórmās de animaes e podiam communicar-se d'est' arte com aquellas pessoas que lhes fôsem charas, ou á quem lhes aprouvésse apparecêrem.

Supi : He um pássaro quási do tamanho d'um beija-flôr; elle articûla o seu próprio nome, que no idioma selvágem quér dizer : — *He verdade*. — D'esta circumstância me aproveitei aquí.

Guanamby (ou *Guainumbi*) : He o beija-flôr, o colibrí. O padre Jozé de Anchieta refere que estes passarinhos se alimêntam *sómente* de orvalho! e acrescenta que se affirma haver d'elles um gênero que *se gera da borbolêta!!!* Sunt et alii passereuli, Guainumbi appellati, omnium minimi, rore solùm pascuntur; quorum cùm varia sunt genera, unum affirmant omnes ex papilione procreari. (Josephi de

Anchietâ epistola, quamplurimarum rerum naturalium quæ S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem.)

Fulgôres de Tupá : Imaginávam aborìgenes americanos que o firmamento era como que uma abóbada sólida de saphy'ra, toda crivada, e que pelos seus orifícios se escapávam os ráyos e resplendôres da Suprema Divindade.



IN'DICE.

Prólogo do Editor.	I
Preliminar.	IX
A' Voltaire.	1
Reminiscências e Saudades	13
Influxos da Harmonia	25
As Montanhas.	33
Vozes d'Alma.	43
Guanabára.	51
Deus e o Homem.	61
A Família.	71
A Independência do Brazil.	77
As Várzeas.	85
Hymno da Juventude.. . . .	95
As Floréttas.	101
Hymno da Velhice	123
O Retrato.	129
O Brazil e o Imperadôr	135
Dois Sy'mbolos	141
O Collóquio	145
Ao Cahir da Tarde	153
Dórme !	159
Os Rios.	163
Cântico de Amôr.	175
A's Plagas do Oceano	179
N'um Dia natalicio	185
A Esperança	189
O Amôr conjugal.	195

Undulações das Auras	203
A Virgem póbre.	209
Gemidos de uma Espôsa.	217
No A'lbum de um Poéta.	221
Os Mórtos.	223
Arizá, drama ly'rico braziliense, em quatro actos	231
Exposição do drama.	233
Acto primeiro.	243
Acto segundo.	257
Acto terceiro.	270
Acto quarto.	287
Notas á Arizá.	307



B.

PQ
9697
H3S4

Hamvultando de Oliveira,
Joaquim Antonio
Sentimentos harmonicos

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 13 06 012 9